Federico A. Bertuzzi, Editor

LATINOS NO MUNDO MUÇULMANO



Editora Sepal

Latinos no Mundo Muçulmano

Primeiras impressões de missionários latino-americanos que estão vivendo entre povos muçulmanos

Editor:
Federico A. Bertuzzi

Editora Sepal

Digitalizado por Tiago

Traduzido do original em espanhol:
Latinos en el Mundo Islamico
Federico A. Bertuzzi, editor
Editoras Assistentes: Viviana Hack de Smith e Anneliese Folta

© 1990 por Proyecto Magreb – Dpto. de Publicaciones
Casilla 711 – 3000 Santa Fe – República Argentina
Traduzido por Denise Barros Parisi

© 1993 por Editora Sepal

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Sepal
Caixa Postal 2029
01060-970 – São Paulo – SP
Fone: (11) 5523-2544
www.editorasepal.com.br
editorasepal@uol.com.br

A menos que se indique outra coisa, as passagens bíblicas foram extraídas da Bíblia Edição Revista e Atualizada no Brasil, 1969, da Sociedade Bíblica do Brasil.

As passagens do Alcorão foram extraídas da Versão Portuguesa diretamente do árabe por Samir El Hayek, Otto Pierre Editores Ltda., Rio de Janeiro, 1980.

ÍNDICE

Agradecimentos 4
Apresentação 5
Capítulo 1 Da Minha Janela 7
Capítulo 2 Uma Família Latina entre Árabes Muçulmanos 10
Capítulo 3 Surpresas no Continente Asiático 21
Capítulo 4 Uma intimidade Diferente 30
Capítulo 5 Os Estrangeiros em Madón 36
Capítulo 6 A Cortesia Madonita 51
Capítulo 7 As Tradições Diante do Progresso 67
Capítulo 8 A Boa Mulher em Madón 80
Capítulo 9 O Esposo Madonita 102
Capítulo 10 A Mulher Solteira 115
Glossário 129

AGRADECIMENTOS

Queremos expressar nossa gratidão a P.M. Internacional e a Missiones Mundiales da Argentina, os quais cederam os direitos autorais deste livro e também nos ajudaram a conseguir os direitos para publicação na língua portuguesa de outros livros relacionados com o assunto.

Agradecemos também a todos que nos ajudaram com tradução, revisão, sugestões, à Missão Portas Abertas que gentilmente cedeu a foto da capa e, em especial, ao missionário Ted Limpic que, com amor, dedicação, esforço e recursos tornou possível a publicação deste livro.

APRESENTAÇÃO

"Para que se conheça na terra o teu caminho; e em todas as nações a tua salvação." Salmo 67.2

Sem dúvida alguma, estamos vivendo momentos emocionantes no que se refere ao movimento missionário ibero-americano. Com o passar do tempo, vemos como mais e mais latinos recebem o chamado de servir a Deus em terras longínquas. Em meio a todo este movimento evangelizador, um desafio sobressai: o mundo muçulmano!

À media que os obreiros vão chegando àqueles países, descobrem que, apesar de certas semelhanças culturais, existem diferenças marcantes entre o mundo latino e o mundo muçulmano.

Adaptar-se a um novo país, esforçando-se para entender sua cultura, é extremamente importante e até mesmo indispensável, se o objetivo é produzir frutos permanentes. Na prática, esta adaptação não é fácil de se conseguir. É preciso lutar com as diferenças, o choque cultural, as comparações, a etnologia, os temores, os mal-entendidos, assim como lidar com uma série de situações que provavelmente serão completamente novas para o missionário, por mais bem treinado que seja.

Surgiram dois tipos de sentimentos enquanto considerávamos a publicação de "**Latinos no Mundo Muçulmano**": reservas e gratidão.

As reservas, provavelmente mais compreensíveis da perspectiva de quem vive em países muçulmanos, devem-se principalmente a duas considerações: o estilo da obra e o uso que se lhe dará. Quase todos os capítulos foram escritos originalmente como parte integrante, e mais ou menos principal, de um curso de orientação transcultural. Por esta razão, o leitor encontrará muitas repetições de conceitos e

critérios, e o emprego de um vocabulário às vezes um pouco técnico e, outras vezes, muito limitado pelo uso de regionalismos restritos. Pedimos sua paciência quanto às repetições.

Nossa reserva quanto a seu uso deve-se à nossa vontade de evitar que os assuntos aqui apresentados cheguem a ser considerados como a última palavra. Deixamos bem claro que estes relatos são unicamente reações e interpretações pessoais dos autores, ao final de alguns meses de contato com uma cultura diferente, e devem por isso ser entendidos simplesmente como uma intenção sincera de sua parte de conhecer melhor as pessoas a quem Ele os chamou para servir.

Reservas à parte, sentimos também uma profunda gratidão. Gratidão ao Senhor por Ele ter tornado realidade o fato de que irmãos latinos já estarem vivendo, aprendendo e compartilhando com esse povo árabe ardente, em nome de Jesus. Gratidão aos autores por permitirem que sejamos beneficiados pela leitura de suas experiências e reflexões. E também gratidão por todos, que através destas páginas serão motivados a uma maior obediência: orando, contribuindo, pesquisando e indo àquelas regiões.

Pedro Carrasco

CAPÍTULO 1

DA MINHA JANELA

Antonio Peralta

Se de madrugada eu me aproximo de minha janela, posso ver, às cinco e meia, o primeiro trem passar. E, mesmo que não me aproxime para olhar, os tremores e ruídos produzidos pelas ruas deterioradas conseguem chegar até o quinto andar, onde moro, e quase sempre interrompem meu sono, se é que já não o fez meia hora antes o *almuédano* da mesquita, que fica a meia quadra daqui. Os alto-falantes ao redor do *alminar* estão quase na altura de minha varanda, e, mesmo sendo tão cedo, se abaixa o tom do destacado chamado à oração: *Alaaahu... akbar...! Alaaahu... akbar...!* (Alah é grande). Suponho que alguns féis estejam fazendo suas rezas; contudo, as ruas estão desertas e quase todas as janelas ainda permanecem escuras.

Aos poucos o céu começa a ficar claro. A leste, as pirâmides de Giza são quase invisíveis por causa da neblina e dos edifícios. Um pombal feito de barro e bambu, colocado no teto de uma obra de três andares em construção, começa a mostrar sinais de vida, e logo as pombas levantam-se para seu vôo matinal sobre as construções que estão ao redor, que também são de barro e erguem-se em ruazinhas de terra. Um pouco mais distante, junto ao Rio Nilo, erguem-se modernas e altas torres de lojas; no entanto, este bairro parece mais uma aldeia transplantada do campo.

O trânsito vai se tornando difícil e as pessoas começam a se acumular no ponto de ônibus: homens exibindo seus trajes e camponesas vestidas inteiramente de preto, carregando um menino no ombro ou um véu sobre a cabeça. Um cachorro fareja os restos jogados na rua, as galinhas

também saíram para o caminho de terra que está ao redor do ponto, onde mais tarde os mesmos vizinhos amarrarão suas ovelhas. Nada parece chamar muita atenção nesta pequena e precária chácara metropolitana.

Agora, as mulheres da aldeia, depois de lavar suas roupas, saem com os baldes de água suja para jogá-la num bueiro entupido, que transborda até a rua asfaltada dos trens, evitando – pelo menos – transformar as ruas estreitas num barro intransitável. Alguns meninos descalços correm entre os carros atrás de colegas ou de seus irmãozinhos. Dois senhores, trajando largas *galabeyas* e casquetes, caminham abraçados conversando animadamente. Um padeiro com turbante, levando sobre a cabeça uma tábua contendo uns quinze quilos de pão chato *baladi*, dirige-se de bicicleta à praça. O lixeiro, acompanhado de uma de suas filhas, também anda com a carroça, puxada pelos burros, repleta de lixo.

O sol ardente começa a secar a água acumulada na rua. Chegando o final do dia, se ouvirá um novo apelo através dos alto-falantes, lembrando bem forte que Alá é o maior e somente a ele se deve orar.

Às 14:30 horas, os ônibus virão lotados do centro e, a partir das 15:30, começará a tranqüilizar-se o complicado trânsito, quando se ouvirá novamente o apelo para inclinar-se a Deus, em direção à Meca. As roupas penduradas nos terraços, janelas e grades já estão secas, e até começando a ser cobertas pela poeira que sobe da rua. Logo os homens irão se encontrar no café que fica na esquina para tomar chá, jogar dominó e conversar até tarde com os companheiros de sempre.

O sol agora penetra em meu quarto e atinge com seus últimos raios as folhas sujas da única árvore à vista: uma velha e solitária palmeira. Sem dúvida, o almuédano da mesquita já está preparando o microfone e contando os minutos que faltam até o pôr-do-sol. É tempo de repetir outro

apelo à oração. Dentro de uma hora e meia, ele voltará a fazer a mesma coisa apela quinta e última vez.

À distância ouve-se o berro de um burro cansado. De algum outro alto-falante escutam-se também entoações semi-cantadas de algumas suras do Alcorão. Certamente procedem de uma dessas longas cerimônias noturnas, realizadas debaixo de uma grande lona colorida, armada em qualquer avenida, buscando assim chances de entrar no paraíso. Próximo a meu apartamento, as bandeiras vermelhas e as buzinas persistentes de automóveis em caravana mostram a recente vitória de algum time de futebol.

São 22:00 horas. A maioria está voltando de suas visitas aos parentes ou de um passeio olhando as vitrines. Uma a uma, as luzes das janelas vão se apagando até que chegue o último trem, das 23:00 e, a partir daí, reina um silêncio absoluto que é interrompido apenas pelo miado dos gatos e pelo canto adiantado dos galos declarando o início do dia seguinte, que será igual ao de hoje.

CAPÍTULO 2

UMA FAMÍLIA LATINA ENTRE ÁRABES MUÇULMANOS

Marcelo Acosta

Tivemos um curso de adaptação transcultural num período de cinco meses sob a supervisão da Universidade Internacional de Guilherme Carey e da Biola. Estamos muito agradecidos a Deus pelo esforço e dedicação de Richard e Connie Smith, missionários do Instituto Lingüístico de Verão (há mais de vinte anos trabalhando na tradução da Bíblia e no estabelecimento de igrejas na Colômbia, no Sudão e na Etiópia) que dirigiram este processo. Muito lhes devemos pelas valiosas lições e experiências vividas, as quais vamos compartilhar a seguir.

Meu objetivo não é falar acerca dos traços culturais nem sobre os métodos de evangelização nos países muçulmanos, mas sim sobre a forma como Deus nos deu graça para passar por um processo de adaptação transcultural que em poucos meses nos fez sentir como se estivéssemos há muito tempo nesse novo país.

Como conseqüência, temos nos sentido muito mais unidos com esse povo, e muitas vezes eles nos dizem: "Vocês agora não são mais estrangeiros, são madonitas!"

Nossa intenção, através destas páginas, é desafiar aqueles que têm, um autêntico desejo de pregar o Evangelho a outras culturas diferentes a não se deixar levar pelos desejos – às vezes inconscientes – de impor seus costumes aos que estão sendo evangelizados. Quero dizer, devem pregar o Evangelho do Reino de Deus sem seguir as formas culturais do Brasil, Argentina, México, Estados Unidos, ou qualquer outra nação. Que nos disponhamos a fazer ainda

mais do que podemos para que, de todas as formas, consigamos ganhar alguns!

Um treinamento missionário diferente

Durante nossa estada a bordo do Navio Doulos, de 1982 a 1983, Deus nos deu o desejo de participar da tarefa de alcançar os povos muçulmanos para Cristo. No final de 1986, depois de dois anos de casados e com um filho de dez meses, que já havia sofrido duas operações quiro-cirúrgicas, fomos enviados por nossa igreja local ao sul da Europa. Ali nos integramos à missão, Projeto Magreb, e logo depois de dois meses, fomos para Madón a fim de realizar um curso de adaptação transcultural.

O processo de adaptação nesse país muçulmano, onde a pregação do Evangelho é proibida, foi muito diferente do processo tradicional que a grande maioria dos missionários adota. Segundo alguns missiólogos (com quem concordo plenamente), uma das maneira menos eficazes de entrar em contato com uma nova cultura é a seguinte: o obreiro chega ao país de destino e, no aeroporto, é recebido por seus bem-intecionados compatriotas missionários: eles desejam fazer com que ele se sinta o mais à vontade possível, procurando facilitar-lhe ao máximo a adaptação a um povo de idioma e cultura completamente diferentes. Durante os próximos trinta ou sessenta dias, o recém-chegado estará dormindo e comendo na casa de seus compatriotas onde saboreará seu prato favorito, falará sobre seu próprio idioma e escutará dezenas de conselhos sobre como deve comportar-se diante dos novos costumes. Ao mesmo tempo, estará ocupado procurando uma casa boa para viver, móveis e até um automóvel, se o dinheiro lhe permitir.

Por último, quando ele estiver completamente instalado, sem sofrer nenhum choque cultural, começará pouco a pouco a integrar-se a essa cultura diferente. No entanto, a essa altura, haverá perdido suas melhores oportunidades, porque, nas duas ou três primeiras semanas, um missionário

tem as condições físicas, emocionais e psicológicas ideais para o ajuste a uma nova situação. É provável que se adapte à vida naquele país, mas isso vai ocorrer de maneira muito mais lenta e, quem sabe, menos eficaz.

Justamente por esta razão, nós não fomos para a casa dos missionários estrangeiros nem dos crentes locais, nem tampouco tivemos uma casa própria quando chegamos ali. Ao contrário, hospedamo-nos em casas de vários muçulmanos durante os quatro primeiros meses, literalmente imersos nessa cultura, comendo, dormindo e aprendendo com o povo ao qual Deus nos havia enviado.

A chegada a Quiner e permanência ali

Com quatro malas, embarcamos no navio que nos levaria da Europa até Madón. Assim que chegamos, as coisas começaram a mudar. Ainda que as pessoas de Madón fossem relativamente semelhantes às de nosso país de origem, sentimos o impacto do choque cultural: o povo falava um idioma diferente e também se vestia de modo diferente.

A miséria destacava-se muitíssimo, as ruas eram sujas e estreitas, as lojas pequenas. Havia centenas de pessoas nas ruas, na sua maioria homens e jovens aparentemente sem fazer nada, crianças pedindo dinheiro e dezenas de guias turísticos oferecendo-se para mostrar-nos a cidade. O restaurante onde comemos pela primeira vez tinha um aspecto um pouco agradável e a comida que serviram era muito estranha. Todas essas coisas, ainda que tenhamos tentado evitar, nos deixaram muito impressionados.

No dia seguinte à nossa chegada, viajamos mais ou menos seis horas num trem de terceira classe para a cidade de Quiner. Vivíamos de maneira muito simples, dormindo em hotéis econômicos, comendo em restaurantes acessíveis para nós e viajando nos meios de transportes mais baratos. Afinal de contas, desta forma poderíamos estar desde o início em contato direto com esse povo, sua língua e sua cultura. A

maior preocupação que tínhamos era nosso filhinho, Fernando, que não completara ainda um ano de vida e comia o mesmo que nós, em horários muito variados. Além disso, ele sofria de uma infecção de ouvidos, tosse e um resfriado constante e muito forte. A única coisa que podíamos fazer por ele era entregá-lo ao Senhor.

Quando chegamos em Quiner, começamos a dedicar quatro horas diárias, pelas manhãs, ao aprendizado do árabe, e duas horas à tarde ao estudo de antropologia missionária. Ao final de cada dia, íamos à casa de uma família muçulmana, o que nos deixava um tempo muito curto para nós mesmos. Quando chegávamos em casa, terminávamos o dia muito cansados. Acostumamo-nos a dormir mais ou menos à meia-noite num quartinho no alto da casa.

Nessa época do ano, fazia muito frio (quase 0 graus), chovia bastante. Mais ou menos às sete da manhã, já estávamos na rua com casacos e guarda-chuvas. Renata levava nosso filho à maneira das madonitas, ou seja, nas costas, enrolado num pano. Assim, tomávamos um ônibus, sempre muito cheio.

Sem dúvida alguma, aqueles cinco primeiros meses nesse país foram os mais difíceis. Tudo era novo e nos sentíamos muito inseguros. Certo dia escrevi em meu diário:

"Hoje é o primeiro aniversário de Fernando. Ainda assim, não foi um bom dia para mim. As aulas de árabe parecem ser o principal problema, porém não é o único. Se eu pudesse gostaria de estar sozinho em algum lugar, onde não tivesse de falar com ninguém e nem fazer o que não quero. Agora começo a entender o significado do famoso choque cultural. É muito doloroso romper nossos hábitos, aprender uma nova língua, e, ao mesmo tempo, lidar com pessoas tão diferentes. Por isso, tenho a impressão de que se não fizermos isso no início, vai ficar muito mais difícil depois. Como família, também estamos passando por um ajuste. Fernando continua com a infecção e percebe que já não

dedicamos tanto tempo a ele como antes, por isso chora com freqüência. Conseqüentemente, Renata e eu nos sentimos sob muita pressão, e isso afeta nosso relacionamento. Ainda assim, creio que esta é uma experiência única em nossas vidas e que é uma maneira correta de começar a conhecer a cultura à qual o Senhor nos chamou."

Alguns dias depois, continuei escrevendo:

"A última semana foi realmente difícil. Segunda-feira fui bem nas aulas de árabe, terça-feira, regular, mas na quarta-feira, estive péssimo e fiquei completamente confuso. Também é difícil suportar o que acontece na casa onde vivemos. Quase todos os dias nosso anfitrião convida dois ou três amigos para conversar comigo e, desta forma, Renata e eu não temos tempo para conversar. Se vou para meu quarto a fim de estudar, eles me seguem e minha esposa tem de sair. Assim, temos de buscar sempre novas maneiras para encontrar nossa intimidade. Renata também se sente sob pressão. Ela tem dificuldades em administrar seu tempo entre cuidar do Fernando e de seus estudos, e isso afeta suas atitudes com as outras pessoas da casa. Há algo mais que me incomoda: quando estamos comendo, eles fazem muitas brincadeiras, principalmente arrotando."

Depois de algum tempo, mudamos de casa, para ter outra perspectiva da sociedade, e nos hospedamos num lugar muito mais pobre. No entanto, nosso tempo ali foi altamente proveitoso, pois ficamos com uma família muito boa, composta por pai, mãe e quatro filhos: dois meninos e duas meninas. Tivemos a oportunidade de aprender muito sobre o idioma e a cultura. Pouco a pouco, fomos rompendo as barreiras e as diferenças. Em repetidas ocasiões, as vizinhas vinham conversar com Renata. Lentamente, as pessoas começaram a demonstrar simpatia diante de nosso esforços em viver e falar como eles. Depois de seis semanas de estudo intensivo do idioma e dos costumes, sentimo-nos muito melhor no país. Assim laços de amizade sincera começaram a estreitar-se.

Já não nos olhavam simplesmente como se fôssemos estrangeiros e, sim, como pessoas que tentavam fazer todo o possível para integrar-se ao modo de vida deles, aceitando-nos como éramos.

Nas ruas em En Hadá

Terminando nosso tempo em Quiner, fomos à cidade de En Hadá. Lá vivemos durante três semana num quarto dentro da *medina* (a parte antiga da cidade). Ali nosso objetivo era praticar um método de aprendizagem do idioma sem freqüentar uma escola, e continuar estudando a cultura para poder apresentar o Evangelho de maneira eficaz.

Três ou quatro vezes por semana, um madonita que falava somente árabe ajudava-nos a montar um pequeno diálogo, que gravávamos e depois escutávamos várias vezes, tentando assimilar as novas palavras e a forma de construir as frases. Quando nos sentíamos um pouco seguros, saíamos pelas ruas conversando com as pessoas para praticar as poucas frases que havíamos aprendido. Assim, íamos ganhando a confiança do povo e a fluência do idioma, pois repetíamos a mesma coisa várias vezes ao dia. As reações eram as mais diversas: uns começavam a rir, outros evitavam a conversa; no entanto, muitos ficavam atentos e mostravam-se dispostos a ajudar. Certo dia, quando Renata estava na *medina* conversando com um grupo de mulheres, uma delas a convidou para ir a sua casa. Era uma casa de um quarto só, onde vivia uma família de seis pessoas. Naquele quarto, eles comiam, dormiam, assistiam televisão, recebiam visitas, etc. Mais tarde, eu também cheguei a visitar aquela casa e nos esforçamos para travar uma boa amizade com eles. Além disso, muitas vezes comemos e dormimos ali.

Opressão em En Hadá

Ainda que oficialmente Madón seja um país muçulmano, existe o que se pode chamar de islamismo “popular”, que é

uma forma de sincretismo entre a crença em um "deus" único e a adoração de santos, a prática de magia e de feitiços e também o espiritismo. Provavelmente isto não é tão palpável ou visível em outra parte do país quanto em En-Hadá.

Na entrada antiga da cidade, existe uma grande praça onde, além das danças típicas, encontramos os chamados "médicos populares", homens e mulheres que adivinham o futuro. Vimos um homem de aparência estranha com dois escorpiões andando no seu rosto. Na entrada da cidade, há várias lojas especializadas vendendo todo tipo de mercadorias para a produção de remédios e feitiços em casa. Essas mercadorias são compostas de pó e até lagartos e pássaros mortos! A opressão espiritual é evidente, e percebemos isso imediatamente.

Durante os primeiros dias na pensão, não podíamos dormir à noite. Fiquei subitamente doente, com febre e dor de estômago. Fernando acordava durante a noite chorando e se agitando demasiadamente. Muitas vezes Renata e eu tivemos pesadelos relacionados com a morte de pessoas conhecidas. Certa noite, antes de deitar-me, meu corpo começou a ficar quente, suava em abundância e de repente comecei a tossir sem parar. Imediatamente me levantei, pus a mão em meu pescoço e orei em nome de Jesus. Na mesma hora, minha temperatura voltou ao normal e a tosse cessou. Em outra noite, ao compartilharmos com alguns irmãos que nos acompanhavam, eles sentiram a necessidade de interceder por nós e pediram a Deus que nos libertasse e protegesse de todo aquele ataque maligno. A partir daquele instante, nossos problemas quanto ao sono em En-Hadá começaram a desaparecer. Deus nos ensinou que em nenhum momento podemos esquecer que estamos em uma batalha espiritual.

Nas montanhas

A etapa seguinte de nosso processo de adaptação cultural e de conhecimento das necessidades do povo foi

viver por cinco dias com os habitantes do sul do país. Fomos de automóvel até onde era possível e depois continuamos na carroceria de um caminhão, por estradas de terra, até uma pequena aldeia. Dali em diante, visto que não havia mais caminho, fomos subindo a montanha a pé ou num burrinho, e eu carregava Fernando nas costas como uma mochila. Foram várias horas até chegarmos ao pequeno povoado a quase 3.000 metros de altura.

Aquela aldeia era similar a centenas de outras na montanhas, habitada por duzentas pessoas aproximadamente. Somente o chefe falava árabe; os demais falavam um dialeto regional, "o bereber". As casas eram feitas de barro e madeira, perto de um despenhadeiro. Não havia água corrente, luz elétrica, nem instalações sanitárias. As condições higiênicas eram quase inexistentes, e os médicos e hospitais ficavam à distância de um dia de viagem. Ali, comíamos aquilo que eles comiam, bebíamos o mesmo que eles bebiam, dormíamos como eles dormiam: no chão. Quando deixamos aquele lugar, nos perguntávamos: "Até quando este povo vai continuar na escuridão? Onde estão os missionários para alcançar estas pessoas que vivem sob tão intensa opressão espiritual e com tantas necessidades materiais?" Pode ser que Deus o esteja chamando... A você mesmo!

De volta a En-Hadá

Depois daquelas experiências, voltamos à Europa, onde por mais ou menos dez dias recebemos instruções sobre nossa última etapa do curso. Tínhamos de voltar a Madón por mais um mês para descobrir um aspecto específico da cultura do povo e procurar determinar como tal aspecto poderia ser utilizado para uma melhor apresentação do Evangelho.

Recebidas as instruções, retornamos àquele país e, uma vez mais, fomos à cidade de En-Hadá. Lá, fizemos amizade com uma família muçulmana que tinha uma boa casa na

parte antiga da cidade. Convidaram-nos para que ficássemos com eles o tempo que fosse necessário. Foi incrível o quanto aprendemos nesse período, pois, como já sabíamos alguma coisa do idioma e tínhamos vivido com outras famílias muçulmanas, logo nos adaptamos a eles e a seus vizinhos. Já não sentíamos o medo e a insegurança do começo; agora sabíamos como comiam, dormiam, se vestiam e se relacionavam. Por isso, tivemos muito cuidado em fazer tudo tal como eles.

Durante os dias em que moramos naquele lugar, estudamos o idioma com o método de gravar diálogos, memorizá-los e logo praticá-los com algumas pessoas. Ao mesmo tempo, pesquisávamos sobre o homem e a mulher de Madón. Nosso objetivo era conhecê-los mais para comunicar-lhes melhor o Evangelho.

Como já havíamos notado, a sociedade espera que um bom marido seja religioso. Deixei claro para a família com a qual vivíamos que eu não era muçulmano e sim um cristão, que orava, lia a Bíblia, jejuava, dava esmolas e não fumava nem tomava bebidas alcóolicas. Tudo isso soava muito estranho para eles, pois a idéia normal que fazem de um cristão ou de um ocidental (para eles é a mesma coisa) é de uma pessoa sem conduta nem princípios morais.

Percebendo que, se orasse de uma maneira diferente da deles poderia estar comunicando uma falta de reverência a Deus e não vendo nada na Bíblia que me impedisse, todos os dias, antes de orar, eu me lavava como eles e orava sobre um pano limpo na mesma posição física, isto é, ajoelhado com o rosto na terra. Assim tratava-os todos com muito respeito.

Quando chegou o *Ramadán*, o mês de jejum muçulmano, Renata e eu jejuamos com eles. Deixando claro que nossos motivos ao fazer isso eram diferentes dos deles. Assim ganhamos o respeito daquela família e, em poucos dias, toda a vizinhança soube que naquela casa havia um casal que não era muçulmano, mas que sem dúvida era *nishan* (correto).

A confiança chegou a tal ponto que, após duas semanas de contato, um dos genros de nosso anfitrião, que possui um importante negócio de perfumes e cosméticos na cidade velha, pediu-me em duas ocasiões que ficasse para cuidar de sua loja enquanto ele ia à Mesquita para orar. Quando conversávamos sobre religião, eles estavam muito mais dispostos a ouvir-nos, porque haviam visto algo diferente em nossas vidas. Quando despedimo-nos, comprometemo-nos a continuar numa próxima oportunidade nosso diálogo sobre religião.

Dependendo do Senhor

Hoje, enquanto escrevo este artigo, encontro-me novamente na cidade de Quiner com minha família. Terminamos o treinamento e podemos avaliar a importância de ter passado o que passamos; sentimo-nos melhor no relacionamento com as pessoas e estranhos mais adaptados do país; dedicamos pelo menos nove horas semanais ao estudo do árabe, visitamos famílias diferentes e fazemos amizade com o maior número de pessoas possível. À medida que nossa comunicação em árabe melhora, a simpatia do povo vai crescendo. As oportunidades para falar do Evangelho se multiplicam. Procuramos nos vestir no estilo deles e em nossa casa comemos o que eles comem. Em vez de ir aos supermercados, dirigimo-nos às quitandas; também sempre andamos de ônibus.

Percebemos que as diferenças culturais vão diminuindo dia após dia. Isto não quer dizer que tudo está maravilhoso. Muitas vezes sentimos a frustração de não poder compartilhar da mensagem de Jesus Cristo tão eficazmente quanto gostaríamos. Ainda temos muitas limitações com o idioma. Sentimos falta de nossos familiares, de nossa igreja e de nossos amigos, e em muitas ocasiões ficamos emocionalmente esgotados, pois são numerosas experiências novas que devemos enfrentar. Somos débeis, pecadores e falhamos muitas vezes. Sem dúvida, experimentamos cada

vez mais a força que vem do Senhor. E realmente podemos dizer: “Tudo posso naquele que me fortalece.” (Fp 4.13)

CAPÍTULO 3

SURPRESAS NO CONTINENTE ASIÁTICO

Glória Mendez

Meu preparo para sair rumo à Índia começou primeiro através da oração. Informei-me através das cartas de oração dos missionários que trabalhavam naquele país e de livros sobre a situação da Igreja no Paquistão. Sabendo que na Índia falam-se mais de oitocentos idiomas, comecei a estudar o "Hindi", o idioma nacional, durante dois meses.

Por terra, desde a Europa, realizei a viagem, que durou quase um mês. Faltou-me um ingrediente muito importante, eu diria quase que fundamental: o preparo para enfrentar a mentalidade e os costumes asiáticos. Meus companheiros e eu estávamos dispostos a enfrentar a pobreza, a dormir no chão, a comer com a mão, a viver com o mínimo necessário em casas de barro, entre ratos, baratas, mosquitos e lagartixas; contudo não estávamos capacitados a interpretar os códigos dos gestos, reações e pensamentos orientais.

A higiene

Começando com a Turquia, o primeiro choque desagradável que experimentei foi ver os homens urinando na beira das calçadas. Este costume é comum também no Irã e muito mais freqüente ainda no Paquistão e na Índia. Nesses dois últimos países, as roupas dos homens, por serem mais soltas, permitem que urinem e defequem ao agachar-se. É comum isso acontecer a qualquer hora do dia nas ruas.

Os homens às vezes levam turbantes ou largos lenços sobre os ombros para usar de muitas maneiras: secar o suor, limpar a boca depois de comer e, quando não há água, para

suas necessidades de rua. Eles usam isso em lugar de papel higiênico!

Na Índia, isso é conhecido como *lunguis*; os homens os usam ainda como uma sai larga ou como um lençol para se cobrirem, caso decidam tirar uma soneca na rua, debaixo de uma árvore. Também servem como toalhas e se, numa viagem longa, precisarem levar alguns pertences ou transportar coisas, enrolam-nos nos tais panos. Na Índia e no Paquistão, eles mastigam uma folha de noz moscada e um pó branco que logo toma a cor vermelha, ao qual é dado o nome de *pan*. Depois de mastigar um pouco, eles cospem. É impressionante ver as manchas nas ruas e, quem não sabe do que se trata, facilmente pode pensar que alguém esteve sangrando pelo caminho. Na Índia, especialmente, muitos que dirigem os *rickshaws* são tuberculosos e, para esconder sua enfermidade, mastigam esse tipo de folha.

Quanto à higiene pessoal, nas cidades onde não existem problemas com a água, os hindus tomam banho logo cedo e depois vão adorar nos seus templos. Os muçulmanos também se purificam várias vezes ao dia antes de orar e tomam banho diariamente. É normal perguntarem se alguém já tomou banho naquele dia. Na Índia, cuidam muito de um detalhe: que a roupa esteja bem passada. Depois de banhar-se, a maioria usa muito talco, que ajuda a pele a ficar mais clara. Vende-se também um creme branqueador que é muito usado pelas noivas antes do casamento.

É extremamente importante lavar as mãos antes e depois das refeições. Na maioria dos lugares, a mão direita é usada para alimentar-se, entregar as coisas e contar o dinheiro. A esquerda, ao contrário, é usado unicamente para a higiene após as necessidades fisiológicas.

Condutas sociais

Se um estrangeiro comete um erro de comportamento ou no uso do costumes, os hindus riem sem explicar o por

quê. Só quando existe muito confiança, aconselham a pessoa no que se deve ou não fazer. Os muçulmanos, pelo contrário, são mais diretos e cortantes; mostram imediatamente se gostaram ou não. Os hindus e paquistaneses parecem esconder os maus costumes. Eles não gostam que o forasteiro saiba a razão de certos costumes e tentam passar a imagem de que tudo está correndo muito bem. Suponhamos que um estrangeiro visite alguns de nossos países na América Latina e o convidemos a dar uma volta de automóvel: durante o passeio, o visitante observa pessoas cometendo infrações de trânsito e as comenta. Se ele não as comentar, nós comentaremos, tentando assim arrumar desculpas para o mau comportamento de nosso povo. Eles não são assim; ao contrário, irão ocultar as infrações e, se indagarmos o por quê delas, não nos darão nenhuma resposta satisfatória. O único tema que eles, às vezes, abordam é a pobreza e a falta de comodidades. Só em núcleos de amigos que pode-se comentar sobre as pessoas que roubam a energia elétrica, o telefone etc., ou que para agilizar qualquer trâmite com empresas estatais, usa-se o suborno, ou ainda, que o salário dos policiais é o dobro devido a esses subornos.

Certa vez, um hindu disse-me que, se um compatriota seu começa a sorrir muito, não é de confiança. Por outro lado, se for sério, será considerado uma boa pessoa. Por outro lado, se porque é difícil saber de que lado pode estar uma pessoa. Tem de ser um cristão realmente convertido e comprometido com o Senhor para que se possa confiar nele. Existem os que usam a mentira para sair dos apuros, e outros que apresentam falsa humildade para esconder seu orgulho e teimosia. De modo geral, é muito difícil saber com certeza se tudo o que o hindu faz é de coração ou não. Sabem ocultar muito bem seus sentimentos verdadeiros.

O costume natural dos muçulmanos é oferecer hospitalidade. Geralmente, quando servem chá ou uma refeição, eles não comem juntamente com a visita, mas servem e atendem primeiro ao hóspede, até que este tenha

terminado. Na zona rural, quando alguém é convidado, não preparam a comida até que a visita chegue. Eles primeiro se certificam de que todos estão presentes. Após cerca de três horas de preparação, a comida é servida. Durante esse tempo de espera, aproveita-se para conversar com os membros da família que não estão cozinhando. Quando se sentam à mesa, comem sem conversar, a não ser para pedir um pouco de água ou de sal. Terminada a refeição, os convidados devem levantar-se, agradecer a hospitalidade e depois retirar-se, pois os anfitriões ainda precisam comer.

A mulher

As mulheres usam muitos ornamentos. As casadas colocam nos braços pulseiras de ouro, tipo braceletes de escravas, de uma peça só. O significado é de um policial algemando uma prisioneira, o que quer dizer que a mulher está desposada com seu marido, tornado-se prisioneira através do matrimônio.

As solteira usa muitas pulseiras de vidro, de doze a vinte e quatro em cada braço. Elas sempre usam brincos nas orelhas, desde um só até muitos em uma só orelha, e igualmente no nariz. Antigamente, isso significava que, assim como um camponês levava sua vaca pelo nariz, da mesma forma se fazia com sua mulher. Hoje em dia, usa-se como costume e adorno. É normal ver mulheres do campo usando uma argola de cada lado do nariz. Em certos grupos tribais, elas levam as argolas penduradas na parte inferior do nariz. Os dedos dos pés também são cheios de anéis e os tornozelos repletos de tornozeleiras. Os colares são muito usados, variam de um povo para outro em qualidade, tamanho e quantidade.

Quando utilizam os transportes públicos, as mulheres jovens devem dar lugar às mais velhas, mas não necessariamente àquelas que estão grávidas. No Paquistão, as pessoas de sexos opostos não podem sentar-se juntas,

com exceção dos casados. Nos trens, os vagões são separados por sexo.

Antes de casar-se, a mulher muçulmana, depila-se inteiramente, retira todo pelo do corpo. Parte da preparação da noiva é fica uma semana sem tomar banho nem vestir a cor amarela – o que significa que ela está de luto porque vai sair da casa de seus pais – e somente irá tomar banho no dia de seu casamento. Em certos grupos tribais, as mulheres só tomam banho uma vez ao mês, só depois do período menstrual. Nas montanhas, as casas não têm banheiro e as mulheres esperam que anoiteça para fazer suas necessidades fisiológicas. Para os homens não há problema, pois podem improvisar um banheiro a qualquer hora e em qualquer lugar.

Os muçulmanos normalmente são muito rigorosos no seu trato com esposas. Eles exigem que usem uma capa por cima da roupa. A isso chamam de guardar *pardah*. Dizem que o uso de capa denominada *burka*, segundo as mulheres não podiam ser vistas por outros homens, mas somente pelos próprios esposos ou cunhados. Assim, elas ficariam protegidas da cobiça por parte dos homens nas ruas.

Se alguém visitar uma casa, as mulheres ficam em uma sala especial. Num restaurante, as mulheres permanecem juntas em um compartimento separado. Se um homem estiver acompanhado de sua família, ele pode passar para o recinto das mulheres, que normalmente é uma sala ao lado da entrada principal.

As duas salas são separadas por uma cortina. Na rua, as mulheres conversam muito baixinho e discretamente. É raro ver uma pessoa do sexo feminino correr para alcançar um transporte local. Não é importante separar o dinheiro antes de subir no meio de transporte. O importante é subir e conseguir um lugar. Depois alguém vai até ela e encarregar-se da passagem.

As crianças

Quando as crianças estão na idade escolar, elas aprender a recitar o Alcorão de cor. Os meninos não são disciplinados pela mãe porque quando elas forem idosas, eles vão ser seus sustento. Pela mesma razão, o nascimento de um menino é sempre uma casa de regozijo.

Só se celebra o aniversário do filho maior e do menor, os filhos do meio não são considerados. As filhas, ao casar-se, vão viver com seus sogros.

Nas famílias de classe média e baixa, pais e filhos dividem a mesma cama até que os filhos cheguem à idade de cinco a oito anos. As mãos não usam fraldas para seus bebês. Elas se acostumam aos horários das crianças e levam-nas ao banheiro, a um buraco mesmo à rua, dependendo da comodidade da casa. Freqüentemente, os bebês ficam com a parte inferior descoberta e, quando começam a andar, sentam-se nus, no chão. Ver os meninos de olhos pintados choca os ocidentais: seus olhos já são escuros por natureza e as mães ainda delineiam os olhos dos recém-nascidos para afugentar os maus espíritos. Além disso, elas carregam seus filhinhos com muitos amuletos e colocam cintas negras penduradas nos pescoços, tornozelos e pulsos.

A linguagem dos gestos

Os gestos transmitem muitos códigos, o que para muito estrangeiros passa desapercebido: os gestos com os pés, com as mãos e, em particular, com os olhos. É fácil aprender o que significam os movimentos da cabeça: movê-la várias vezes para os dois lados significa sim, mas fazer um balanceio incompleto quer dizer não. Há também certos ruídos com a boca que significam não, sendo usados em especial por aqueles que usam véus ou tiaras sobre suas cabeças.

O muçulmano normalmente mostra-se de uma maneira mais expressiva. Ele movimenta os braços para chamar as

pessoas ou dizer que podem ir embora. Isto é muito autêntico da parte deles, pois quando mostram-se amigáveis, é porque realmente têm interesse de conservar a amizade; mas, se eles se mostram agressivos, fechados, é melhor deixá-los sozinhos, porque podem até mesmo sair com pedras correndo atrás da pessoa. Quando entrei no Paquistão depois de permanecer seis meses na Índia, onde existe muita liberdade entre os homens e as mulheres (digo isto em comparação com o Paquistão pois existe uma diferença marcante em comparação com a nossa América Latina), tinha a impressão de que os homens estavam desnudando as mulheres com seu olhar. Nesse país noventa por cento dos que andam nas ruas são homens.

Quando existe muita gente andando e transitando em público a mulher precisa estar alerta, pois alguém pode vier por trás e dar-lhe uma palmada no traseiro ou tocar seu seio.

Com o tempo, a mulher estrangeira terá de acostumar-se a ser inexpressiva e andar com absoluta seriedade, para que as pessoas respeitem-na na rua. Ela aprende a mover mais os olhos e não fazer gestos com o rosto. A mulher deve evitar rir quando estiver andando na rua com amigas, já que a boca é um ponto de atração particular para o homem muçulmano. Muitos consideram provocativo uma mulher usar cabelo comprido e solto. A maioria dos negócios, eu diria noventa e nove por cento, é exercida por homens. Quando a mulher vai comprar alguma coisa, ela não deve olhar o vendedor nos olhos, porque, se assim o fizer, ele o interpretará como um convite sensual.

Se a mulher for comprar comida na rua e o vendedor entregar a mercadoria com a mão esquerda, ela tem todo direito de devolvê-la. Da mesma forma, se o vendedor devolver o troco com a mão esquerda, o comprador pode jogar esse dinheiro no chão, porque o uso desta mão é interpretado como gesto desagradável.

A pontualidade

No sub-continente asiático, faz parte da cortesia não chegar no horário marcado; ao contrário, é simpático chegar uma hora mais tarde e apresentar alguma desculpa pela demora. Para o ocidental que está acostumado a respeitar horários, o fato de entrar num mundo onde são mais importantes as pessoas que o relógio pode causar muitas angústias e frustrações, considerando que, durante o dia, ele perdeu muito tempo esperando pacientemente. O ocidental fica frustrado ao ver que o oriental é calmo para vestir-se, tranqüilo para sair de casa e para preparar a comida de seu convidado.

Ali não existem visitas do tipo "doutor", como fazemos entre nós: "Oi, tudo bem por aí? Até qualquer hora! Tchau!" Dedicar menos de meia hora numa visita é algo muito mal visto. A pessoa deve ir com tempo e, ainda que não fale nada significativo ou que se acabe a conversa, é importante ficar. Inclusive, os donos da casa ficarão muito mais honrados se a visita entra, cumprimenta e depois vai embora. Ir e passar um dia inteiro entre eles tem muito mais valor, ainda que não se tenha feito nada de produtivo. Um ocidental pensaria no livro que poderia ter lido ou em todas as coisas que teria feito naquele dia. À medida que o tempo passa, vai compreendendo que é mais valioso dar prioridade às pessoas do que às atividades, por mais boas ou importantes que estas sejam.

A mulher solteira

Uma mulher solteira que vai a um país muçulmano enfrenta continuamente propostas de casamento. Eles não conseguem entender por que para nós, ocidentais, nossos pais não conseguiram marido; assim, pensam que é responsabilidade deles fazer isso. Também os homens tomam suas próprias iniciativas e, sempre que têm oportunidade, tratam de falar com uma mulher ocidental, oferecendo-lhe casamento. Eles pensam que nós temos dinheiro e que

poderão ter um bom dote. As três perguntas clássicas são: “Como é seu nome? De onde você vem? Você é casada?” E se a pessoa for solteira, eles dizem: “Por quê?” ...Depois: “Você está comprometida? Algum namorado, noivo?” Se a resposta for negativa, pergunta-se: “E por que você está sozinha aqui? Qual é o trabalho de seu pai? Quantos irmãos você tem? A que se dedicam?” Este conjunto de perguntas é feito por todas as pessoas, sem distinção de sexo.

Quando uma mocinha rejeita uma proposta de casamento de um muçulmano, eles perguntam a razão de uma cristã não querer casar com um muçulmano. Dizem: “Nós podemos casar livremente com cristãos; não temos nenhum problema. Por que eles não podem fazer o mesmo?” Eles questionam o motivo de nós não querermos casar com eles, já que dizemos que nosso Deus é um Deus de amor, e que amamos os muçulmanos.

CAPÍTULO 4

UMA INTIMIDADE DIFERENTE

Silvia Martínez

Hoje é sábado, um dia esplêndido de primavera, e eu estou num lindo parque ao sul da Europa. Não podia fazer nada melhor do que contar em detalhes aquilo que tenho feito desde o momento em que cheguei. Como é tanto o que tenho vivido em tão pouco tempo, tentarei contar-lhes como me sinto, o que me recordo sobre os costumes dos países muçulmanos que visitei e meus primeiros dez dias vivendo ali com uma família daquela região. Atualmente, minha companheira e eu estamos outra vez com um casal de missionários nesta cidade do sul da Europa.

No princípio, ficamos em uma pensão por não conseguirmos um lugar adequado. Naquele mesmo local, comemos e tivemos nossas aulas de árabe com um professor norte-africano que é cristão e a quem ainda não podíamos informar muito acerca de nossos objetivos. Em média, passamos três horas diárias aprendendo o idioma. À tarde, reservamos duas horas para estudar temas interessantes, tais como: missiologia, antropologia e alguma coisa sobre o islã.

Fomos duas vezes ao país de Madón. A primeira foi só por uma semana, para conhecer o lugar e vivemos em diversas pensões. Na segunda vez, convivemos durante cerca de dez dias em casas de famílias. No futuro, estaremos mais tempo em Madón do que na Europa. A idéia é estar com famílias muçulmanas para conhecê-las intimamente e, assim, compreender sua cultura e comunicar-lhes melhor a mensagem do Senhor Jesus Cristo. Claro que nos primeiros seis meses teremos de fazer coisas difíceis para nós, mas

estamos empenhadas em ver como eles são, e cremos que essa é a maneira certa.

Um idioma difícil

O mais duro para mim é o idioma; e muitas vezes tenho chorado, sentindo ira e impaciência. Ainda que eu saiba que vou aprender, no início parecia que minha mente não gravava nada. Percebo que esta situação faz com que eu busque mais o Senhor. Quem pode me entender, me amar e me consolar melhor do que Ele? Jesus está trabalhando em mim para mudar meu caráter e produzir o fruto do Espírito. Em muitas ocasiões, comprovei a doçura e o consolo do Senhor e, quando O busco para confessar meu pecado e minha ira, conheço Seu perdão. Essa comunhão tão íntima me mostra que Ele permite também que eu passe momentos difíceis, para buscá-lo e conhecê-lo mais. Quanto tenho desfrutado do Senhor!

Três coisas me animam: em primeiro lugar, estou segura de que é pela vontade de Deus que estou aqui. Nunca senti falta de paz. Em segundo lugar, sei que as igrejas que me enviaram me amam e tem investido em mim tempo, conselho, dinheiro, compreensão e muita oração, porque crêem que tudo isso é de Deus. Por último, há uma promessa que diz: "...porém a região montanhosa será tua. Ainda que é bosque, cortá-lo-ás e até às suas extremidades será todo teu." (Js 17.18)

Chegando ao lugar de destino

Depois de viajar de barco e de trem, chegamos à casa de uma família muçulmana. Morei numa casa com muitas pessoas, bastante pobre mais incrivelmente hospitaleira e fortemente amigável. Dormia com duas mocinhas da mesma maneira que elas, ou seja, sobre um sofá forrado como se fossem almofadões (tipo cama turca). Não usam lençóis, mas se deitam no sofá e cobrem-se com uma manta. De dia, esses

sofás servem para sentar-se (já que não há cadeiras) ou para alguma visita dormir. Durante o dia, a sala em que à noite dormimos tem como cenário: o rádio e a televisão ligados ao mesmo tem num volume muito alto, a mãe cozinhando, alguém dormindo, a filha estudando para um exame que terá no dia seguinte, algumas visitas que entram e saem e no meio de tudo isso... eu!, pensando no que poderia fazer.

Você imagina viver com uma família durante quase dez dias sem poder comunicar-se com ela? A única coisa que eu podia dizer é: "Estou feliz em estar aqui com vocês. Que lindo! Maravilhoso!" Eu usava estas frases para expressar tudo. Ainda que aquele período tivesse sido difícil, eu pensava dentro de mim que estava ali com as pessoas que o Senhor preparou, que logo aprenderia o idioma e poderia saber mais sobre eles. Naquela hora, eu só podia esperar, orar e amar. Eles realmente me abrigaram não somente em sua casa, mas também em seus corações! Deus me deu amor por eles e por sua situação.

Uma coisa que percebi, é que seu conceito de intimidade é muito diferente daquele que nós temos. Entre a sala em que dormimos e a dos homens, havia uma abertura como a de uma porta, sem nenhuma cortina; cada noite, eu nunca sabia como fazer para trocar de roupa, ainda que deva admitir que eles sempre foram muito respeitosos. De dia, era pior ainda, porque abriam a porta da frente para que entrasse luz (a casa não tinha janelas, exceto por umas fendas com o dobro do tamanho desta folha). Além disso, ao redor passavam os vizinhos.

O jejum de *Ramadán*

Entramos nos dias de *Ramadán*, o mês do jejum. Jejua-se antes do sair do sol até às sete horas da noite, sem tomar água. Acompanhei este costume não pelos motivos deles, mas para respeitar a casa e a eles como pessoas, pois na verdade sofrem por não poderem comer. Isto me identificou

com a situação, pois eles se alegravam e me convidaram a comer.

Meu drama não era jejuar mas, sim, comer logo depois que o sol se punha: às dezenove horas, às vinte e duas e trinta e às três da madrugada. Aos poucos, acostumei-me a comer só uma vez durante a noite. Emagreci um pouco, mas não morri. A alimentação era boa, com muita verdura e pouca carne. Por exemplo, só um frango chegava para duas refeições, e éramos dez! Havia pratos especiais e doces deliciosos. Não usávamos talheres; comíamos com as mãos.

A casa era pobre: não tinha luz elétrica e a água era tirada de um poço, o que dificultava sobremaneira o trabalho de dona de casa. Sinto muita pena ao ver o quanto as mulheres trabalham, mas também as admiro. Cozinham no chão e realizam todos os afazeres domésticos encurvadas. Todas fazem pão em casa e logo levam para uma padaria num forno público.

Chamou-me a atenção o fato de o homem da casa ter uma testa marcada de tanto prostrar-se para orar a Alá. Ele faz isso cinco vezes ao dia.

O banheiro

O banheiro merece um capítulo à parte. Não tinha nem teto, nem paredes e nem porta. Era feito de esteiras ou ladrilhos, um ao lado do outro, e havia um buraco de dez centímetros no meio de uma área revestida de cimento. Nada mais. O caminho para buscar a água era justamente atrás do banheiro e eu podia ver quem estava passando.

Depois de uma semana sem tomar banho, porque eles não tinham onde tomar, fomos juntos ao banheiro chamado *hammam*. Ali nos encontramos com muitas mulheres de todas as idades. Havia dois tanques, contendo água fria e água quente, respectivamente. Usavam baldes para tirar a água e enxaguar-se. Sentamo-nos no primeiro degrau e, em meio a muito vapor, passada a primeira impressão, eu me

deliciei demasiadamente, desejando entrar dentro dos tanques. Enquanto elas se banham, comem laranjas e jogam as cascas no chão. Essa é uma ocasião social muito importante e, para nós, um bom lugar para fazer contatos. Normalmente, elas vão uma vez por semana. O local de tomar banho é utilizado por homens e mulheres, em horários diferentes. A água corre pelo chão onde se sentam, constituindo uma verdadeira fonte de contágio. Eles não são muito conscientes das normas de higiene. A hepatite é muito comum. Enquanto estava ali, tive uma alergia e precisei ir ao médico.

Muitas vezes agradeci ao Senhor pela casa que tive, por ter vivido no campo, por ter sido pobre quando criança, mas principalmente pela casinha onde morei e pela escola de Deus que foi para mim a cidade de General Belgrano, na província de Buenos Aires, Argentina.

Nada do que passamos escapa do controle de nosso amado Pai, que em sua Soberania prepara-nos de antemão para que por Sua graça, possamos agüentar mesmo as cargas mais pesadas.

Ganhando o coração dos meus anfitriões

A cidade em si é dividida em duas: a antiga e a nova. Esta é mais ocidental, porém a velha tem ruas muito estreitas (às vezes elas só tem um metro e meio ou dois de largura) e repletas de gente. É comum ver burros carregados de tudo que uma pessoa possa imaginar, como água, gás, garrafas etc., avançando entre as pessoas com um grito: *balak... balak!* É preciso correr ou morrer. Eu, sempre distraída, de repente, ouvi alguém gritando: "*Madame, balak!"* Isso é uma mescla de francês e árabe que significa "saia da frente!"

Dou graças ao Senhor porque na casa daquela família eu me senti como em minha casa; só me faltava o *mate*. Na *medina* muitas vezes eu me sentia só, mal e oprimida. Vocês

sabem, alguém pode estar rodeado de muita gente e sentir-se só ainda mais quando não pode se comunicar. Creio que não temos uma luta contra a carne e sangue e, sim, contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais." (Ef 6.12) Sei que, de uma forma escondida e contrária ao que o islã teoricamente ensina, existe muito ocultismo naquele país.

Para não chamar a atenção, comprei para meu uso uma túnica larga cor de rosa, a qual denominamos *chilaba*, que visto sobre a roupa para sair na rua. A maioria das mulheres usa esta roupa como se fosse um sobretudo, e creio que, vestida desta maneira, sou mais respeitada e identifico-me mais com eles. Quando coloquei pela primeira vez essa roupa, o chefe da casa disse: "Agora você é uma verdadeira madonita!" Isso me agradou muito. Vejo como a família com quem vivi protegeu-me, ensinou-me cada coisa e demonstrou seu cuidado. Estou convencida de que, ainda que seja muito difícil viver solteira naquele país, é necessário permanecer com uma família ou com outra mulher para estar protegida. Sozinha, não é possível fazê-lo, porque a família é o centro da sociedade.

Nestes dias, estou feliz de ver como Ali, nosso professor de idioma, louvava ao Senhor. Mais tarde, ao perguntar-lhe quando e como conheceu a Jesus Cristo, pude ver o que significava para um madonita ser cristão. Ele me contou que, por ser cristão, não pode regressar à sua pátria, porque a polícia possui seus dados e poderia levá-lo à prisão. Faz um ano que ele não vê sua família. Nessa hora, ele ficou muito triste e oramos com ele.

CAPÍTULO 5

OS ESTRANGEIROS EM MADÓN

Enrique Sotello

O ônibus climatizado pára, as portas automáticas abrem-se rapidamente e os turistas descem: são estrangeiros que visitam Madón. Alguns vestem shorts e camisas de cores vivas, riem alto e gesticulam de forma exagerada, apontando para um velhinho que passa na rua montando num burrinho, com sua *chilaba* marrom e seu gorrinho amarela na cabeça. Imediatamente se ouve o clique das câmeras fotográficas; uma jogar sobre o burro, tira um bilhete de dez *dirhams*, entrega-o generosamente ao ancião, dá um sorriso e volta a juntar-se ao grupo. Risos, movimentos e assim voltam todos os ônibus de uma vez só e se vão.

Ficando somente o cheiro no ar e um bilhete de dez *dirhams*, logicamente, para lembrar ao ancião que por ali passaram alguns estrangeiros. Mas o que vai ficar na mente desse homem? O que vão pensar os outros madonitas que observaram essa cena?

A finalidade deste trabalho é mostrar o que um grupo de madonitas pensa sobre os estrangeiros e o que esses últimos devem ou não fazer para ser respeitados e bem recebidos. Desejamos que reflexões que aqui se encontram sirvam para que o obreiro transcultural seja mais eficiente em seu ministério nos países árabes.

Para conseguir esses dados, vivi com minha família em seis casa madonitas distintas, de diferentes classes sociais, durante um período de dois meses e meio, em pequenas e grandes cidades de Madón. Recebi informações de quinze pessoas, homens e mulheres, casados e solteiros, de vinte a quarenta e cinco anos de idade.

Para isso, realizei entrevistas formais e informais e ainda anotei minhas próprias observações. As conversas foram feitas em geral em um árabe simples, por causa do meu limitado conhecimento do idioma, nas casas das famílias que mencionei e em outros lugares, como cafeterias e parques.

Definições de termos árabes

Expressões de uso prático

A primeira pergunta que fiz aos madonitas foi: "Como vocês chamam uma pessoa que vem à Madón mas que não é madonita?"

Alguns responderam: turista, outros mencionaram o termo *fosshat* que equivale a *suah*. Dois homens, pelo contrário, usaram o termo *Brani* que significa desconhecido; outro informante disse *musafr* (viajante). A maioria das pessoas disse a uma só voz: *ashnabi*, que significa estrangeiro. Todas essas acepções são diferentes do significado de turista, que é o que fica no país por poucos dias ou semanas.

O termo *nasrani*, que significa cristão, nunca foi usado de forma oficial. No entanto, foi revelador observar como se empregava esta palavra em diferentes ocasiões. Certa tarde, estávamos parados com Rashid, fora de sua casa, quando passou por ali um ancião que, obviamente, era estrangeiro. Ao perguntar-lhe quem era, Rashid respondeu: "Oh, um *nasrani*!", como quem diz, "um francês!"

Em outra ocasião, conversando no trem com um viajante extrovertido, descobri que, a princípio, o termo *nasrani* era usado para designar o francês. Atualmente, esse termo é usado em relação a todos os europeus, como a palavra árabe, que é usada para toda a raça árabe (que inclui egípcios, marroquinos, sauditas etc.). Esta definição foi confirmada por Bushad e Yamila, dois madonitas que vivem em uma cidade moderna. Será que, em lugares mais

tradicionais e em zonas rurais, o termo seja usado em seu significativo primitivo?

O trabalho de muitos pesquisadores confirma que, nos pequenos povoados, as pessoas não consideram a possibilidade de haver cristãos não europeus ou europeus não cristãos. Assim, ainda que nas zonas tradicionalistas *nasrani* signifique cristão, nas cidades grandes essa palavra é cada vez mais usada como um apelido para designar europeus. Entretanto, o vocábulo mais adequado para designar estrangeiro é a palavra *ashnabi.*

Expressões de juízo moral

Nas entrevistas que realizei, empregaram-se repetidas vezes as palavras *shabi* (popular) e *shiki* (moderno) em um sentido de juízo moral, para definir o comportamento ou as atitudes de um estrangeiro bom ou de um estrangeiro mau. Nenhuma dessas duas expressões é utilizada somente para qualificar os estrangeiros; elas também se aplicam aos madonitas. O resultado foi interessante. Notamos que o termo *shabi* é muito mais empregado a respeito dos madonitas, enquanto preferia-se *shiki* para qualificar os estrangeiros.

Shabi

Esta palavra refere-se a pessoas basicamente boas ou agradáveis, serviçais e retas. As pessoas *shabi* vestem-se e falam corretamente, têm bons modos e, pela amizade, são procuradas pelas demais. Omar disse que a pessoa *shabi* interessa-se pela vida dos outros, não só pela sua, sendo alguém que gosta de servir. Yamila acrescentou que *shabi* é quem não faz diferença entre pobres e ricos, visita as pessoas humildes e também as convida para ir à sua casa. Ela nos contou um exemplo:

- Em minha cidade, viviam dois estrangeiros ricos. Quando os madonitas pobres os convidavam, eles aceitavam e também os convidavam para ir à sua luxuosa casa. Eles os tratavam tão bem que lhes serviam a refeição nos mesmos pratos que usavam para seus amigos mais importantes.

Segundo Aziz, o *shabi* conversa com todos, é amigo de todos, trata bem a todos, é sociável e gosta de dividir. Veste-se como os árabes e não sai à rua com roupas extravagantes, para não chamar a atenção. Segundo Mohamed, um *shabi* está disposto a aceitar coisas novas e não quer ser melhor do que os outros. Não olha com desprezo os menos cultos ou menos afortunados. Se é um estrangeiro, não despreza os madonitas. Omar acrescentou que os *shabis* não têm complexos.

Shiki

Na opinião de Aziz, a pessoa *shiki* considera sua forma de viver a melhor. Não entende os árabes, não compreende sua cultura e modo de vida, nem sequer procura fazê-lo. Omar acrescentou que o estrangeiro *shiki* é orgulhoso e olha os outros com desprezo. Só se interessa por suas próprias coisas e não é serviçal. Yamila disse que o *shiki* pensa que os árabes são maus e acha que é mais inteligente que eles. Não é hospitaleiro, não os convida para ir à sua casa e geralmente não se mistura com eles. Yamila deu este exemplo:

- Certa vez, uma madonita contou a uma colega de trabalho européia que tinha sido convidada à casa de outra colega de ambas, que também era estrangeira. A européia ficou surpresa porque nunca tinha visto a madonita naquela casa. A colega mútua convidara uma escondido da outra. Isto significa que ela não misturava suas amigas européias com as árabes.

Além do mais, o estrangeiro *shiki* critica o nacional; tudo é melhor em seu próprio país. Se for possível escolher entre ser atendido por um médico ocidental e um árabe, prefere o

ocidental; entre fazer suas compras numa loja cujo proprietário é ocidental ou em outra cujo dono e madonita, escolhe à do ocidental. Aziz observou que os *shikis* vestem roupas extravagantes, da última moda, de cores vivas e sempre usam óculos de sol.

Parece que a atitude *shiki* é típica da postura colonialista e imperialista. Lamentavelmente, a maioria dos ocidentais que estão nos países árabes, especialmente os franceses, apresenta um quadro muito negativo. É profundamente revelador o fato de a expressão *shiki* derivar do francês *d'être chic*, que no significado original quer dizer moderno ou estar em dia com a moda.

Portanto, é óbvio que o *shabi* é o árabe e o tradicional. Está no íntimo dos indivíduos e, desta maneira, sentem-se seguros e cômodos. Ao contrário, o *shiki* é o estrangeiro, alheio, intruso, leva uma quantidade de coisas novas, até duvidosas, e de valores diferentes, ou seja, valores ocidentais. De fato, para um madonita *shabi*, isto não é nada agradável.

Valorização por parte dos estrangeiros

Eventos culturais tradicionais

Yamila afirmou que, para os árabes, é muito significativo que os estrangeiros respeitem e compreendam seus eventos culturais e suas tradições. Durante o mês de *Ramadán*, perguntaram-me várias vezes: "Você está jejuando?" " Você gosta do *Ramadán*? Os madonitas sempre demonstraram surpresa e satisfação quando eu respondia que estava jejuando e que o *Ramadán* era bom.

Parecia que isso os animava porque, para eles, era sinal de respeito e aceitação. Omar comentou que se sentia mal pelo fato de os estrangeiros não respeitarem o Ramadán nem o considerarem. Eles comiam na presença dos árabes, o que era uma falta de sensibilidade e um insulto para com eles e suas tradições.

Grande número dos madonitas que consultamos tinha opiniões muito firmes acerca do papel da mulher. Hanna deixou bem claro que a mulher estrangeira boa que vive entre os árabes deve permanecer em sua casa, cuidar dela e fazer as mesmas coisas que fazem as mulheres madonitas boas. Rashid acrescentou que *ela não deve fumar nem falar com os homens, nem dormir em qualquer lugar*, mencionando aqueles que são liberais quanto às relações sexuais. Com respeito à festa de *Aid El Kebir*, Yamila mencionou o fato de que a maioria dos estrangeiros que havia conhecido ridicularizava e criticava essa festa. Uma típica atitude shiki.

O comentário dos estrangeiros era:

- Por que os árabes têm de gastar tanto dinheiro só para matar uma ovelha e comê-la? Grande parte dos camponeses é muito pobre e eles sequer têm dinheiro suficiente para comprar uma ovelha dessas, de maneira que precisam pedir dinheiro emprestado. Durante o resto do ano, essa gente terá que pagar suas dívidas.

Yamila prosseguiu:

- Nós, pelo contrário, tentamos entender e respeitar as festas e as tradições dos estrangeiros. Temos até participado da celebração do Natal feita por nossos vizinhos europeus.

Numa ocasião, os árabes disseram que minha esposa era *shabi*. Ela havia sido convidada para um chá importante na casa de uma família rica. Num determinado momento, as mulheres começaram a dançar e logo a chamaram para dançar também. Após ter solicitado a opinião da dona da casa, ela aceitou. As madonitas ficaram encantadas ao ver uma estrangeira participar de uma dança típica; ela não estava sendo *shiki*, mas sim *shabi*. Em outra ocasião, uma família celebrava a *tahara* (festa da circuncisão) de seu filho de seis anos, e perguntaram como eu gostaria que a festa se realizasse. Eu disse: “Não se preocupem comigo, façam a festa como vocês sempre fizeram”. A reação dos madonitas foi muito positiva; ficaram satisfeitos por terem sido apreciados

e por seus eventos culturais e suas tradições serem respeitados.

O vestuário

A motivação subjacente aos valores básicos no que diz respeito às vestes de uma pessoa é o status atribuído.[1] Os madonitas pensam que os estrangeiros que chegam a seu país são ricos e, portanto, devem se vestir de acordo com suas posições.

Referindo-se a este tema, Rashid disse: "O estrangeiro tem de estar sempre decentemente vestido. E sua roupa deve cobrir completamente o corpo". Rashid disse ainda que a roupa deve ser nova ou pelo menos limpa, num estilo apropriado para o momento. Eles acham que os alemães, em especial, vestem-se de maneira pobre. O Aziz disse que se, o estrangeiro se vestir como os madonitas que vivem ao seu redor, isto é, com roupa limpa adequada à sua posição na sociedade, ele parecerá um *shabi*. Acrescentou ainda que não devem usar shorts.

Durante o tempo que estivemos vivendo entre os madonitas, minha esposa usava uma *chilaba* de linho que parecia recém-comprada. Todas as mulheres da vizinhança ficavam muito contentes e cumprimentavam-na e conversavam com ela, em vez de ficarem paradas, fitando-a.

Yamila também falou que uma mulher estrangeira não deve usar roupas decotadas e nem tops. A gandora, por exemplo, uma roupa árabe que tem um rasgo ao lado, não deve ser usada em público para não mostrar as pernas através da abertura da saia.

---

[1] Isto se refere, como outros autores da presente obra, ao conceito que é mais amplamente desenvolvido pelo Dr. Ricardo Smith em seu manuscrito "Motivaciones Fundamentales Sudjacentes al Comportamento". Algeciras. Espanha 1985 – 25 pp. *Nota do editor*.

O modo de falar em público

As pessoas cuja orientação básica de comportamento é regida pelo valor do "cuidadoso" sempre querem evitar erros. No que diz respeito ao falar em público, a orientação de valores dos madonitas dita que a pessoa não deve se expressar em voz muito alta, nem fazer gestos exagerados com os braços ou mãos. Segundo Aziz, a pessoa deve ser equilibrada e não falar demais. Mohamed acrescentou que as pessoas más gritam e fazem escândalos em público, comportam-se de forma imprópria e, por isso, chamam muito a atenção.

Certa vez, alguns estrangeiros, entre eles uma mocinha, entraram em um restaurante. Um jovem madonita dirigiu-lhe a palavra. Então o pai dela chegou perto e, puxando um revólver, começou a gritar e fazer gestos exagerados, expulsando aquele árabe aos empurrões. Isto foi muito embaraçoso para os madonitas que estavam ali. Há um bom provérbio árabe que diz: *Poucas palavras é o melhor discurso.*

Os amigos

Os madonitas tendem a realizar-se por meio de suas relações de amizade. Interessa-lhes muito a interação com pessoas mais íntimas; eles não focalizam sua atenção no indivíduo que vive isolado. No que diz respeito aos estrangeiros que vivem entre eles, Aziz disse que precisam ter um ou dois bons amigos. Ser um bom amigo faz parte de ser um shabi. Omar acrescenta que o *shiki* geralmente gosta de andar sozinho. Para Rashid, é importante que os amigos do estrangeiro bom sejam também pessoas boas. Além disso, Omar diz que, se um estrangeiro deseja fazer negócios em Madón, será muito valioso ter um bom amigo madonita, pois ele poderá mostrar os lugares onde convém ir, como e com quem tratar seus assuntos e obter os preços certos. Bushad acrescentou: "Até numa cidade mais europeurizada, deve-se apreciar uma boa amizade".

Como o leitor pode perceber, a sociedade árabe está orientada para o grupo, sendo que a família colateral e bons amigos têm um papel muito importante na vida do indivíduo. Os estrangeiros que vivem entre eles não contam com uma grande família à sua volta. Por esta razão, é extremamente importante que tenham boas relações de amizade com os madonitas. É a única forma de serem bem aceitos e respeitados nesse país.

A retidão

As pessoas que têm uma orientação para a dicotomia enxergam a vida como se ela fosse branco e preto, boa ou má. Quando fazem algo, esforçam-se para realizá-lo da única maneira correta. Além disso, se a pessoa dá valor à retidão, ela tem de respeitar a palavra empenhada. Por exemplo, os madonitas sentem que, para estar bem com as autoridades, devem ir à polícia e cumprir todos os requisitos necessários para ter os papéis em ordem. Eles julgam os estrangeiros com base nesta orientação.

Rashid afirmou que os estrangeiros que vivem em Madón devem dizer sempre a verdade. Hanna disse que o sim deve ser sim. Deve-se pagar na data prometida e sempre cumprir sua palavra.

Por exemplo, nesse país existem alguns norte-americanos que vivem ali há quatro ou cinco anos. Eles sempre pagam pontualmente o aluguel ao dono da casa e, graças a isso, conseguem manter uma imagem de pessoas retas, sendo muito apreciados na comunidade onde vivem.

Bushad disse que os documentos dos estrangeiros devem estar em ordem. Portanto, devem ir à polícia e cumpri todos os trâmites legais, honestamente. Omar acrescenta que devem ter autorização para residir legalmente no país e precisam tratar com dignidade os madonitas.

Os modos

Com respeito aos estrangeiros, os madonitas têm idéias bem definidas quanto à maneira boa ou má de agir. Rashid é da opinião que o estrangeiro que está em Madón deve ter bons modos e ser amável e amigável. Aziz continua dizendo que os madonitas gostam muito de ser tratados corretamente: não como faziam os antigos imperialistas, mas sim, como faria uma boa pessoa *shabi*. Rashid disse que os estrangeiros devem estar dispostos a responder às perguntas que lhes são feitas. Rashid disse que não se deve jogar sujeira na rua e Mohamed acrescenta que tampouco devem-se tirar fotos sem permissão. Para quem fosse fotografar, ele perguntava: " Estão preparando algum curso sobre nós?" "Vocês vão publicar algum livro sobre nosso país e mostrar somente as coisas más?" Yamila continuou dizendo que o estrangeiro mau comporta-se como se pudesse fazer tudo o que lhe vem à cabeça, só porque tem dinheiro. Essa atitude é tipicamente *shiki*. Bushad disse que, além do mais, intrometem-se em assuntos que não lhe dizem respeito.

Os estrangeiros devem comer como os madonitas. Certa vez, fui visitar uma família. Quando foi servido o primeiro prato, a empregada retirou-se para comer na cozinha, mas a dona da casa chamou-a para comer junto com os outros, dizendo: "Não são *shiki*; comem *tayin* na mão como a gente". Outro madonita deu um exemplo de maneiras ofensivas: num clube de férias, os turistas estavam tomando banho de sol com a parte superior do corpo descoberta. Isto constitui uma grave violação dos costumes e do comportamento dos madonitas. Omar continuou dizendo que um estrangeiro não deve beijar nem tocar sua esposa em público. Também é preciso levar em conta que um homem estrangeiro não deve dirigir a palavra às mulheres madonitas, nem as estrangeiras devem falar com os homens desse país.

O trabalho

Como mencionei acima, a orientação dos valores básicos dos árabes sempre tende a realizar-se por meio de suas relações. Eis porque é muito importante ser serviçal. Um *shabi* típico demonstra que se preocupa pelos demais, enfocando seu interesse na interação pessoal com aqueles que estão ao seu redor. Ele quer sempre manter boas relações com eles. Por exemplo: certa vez, a irmã mais velha do chefe de uma das famílias com quem nos hospedamos veio nos visitar. Trazia consigo um irmão menor e pediu-me para que lhe conseguisse um trabalho na Europa. Essa senhora era uma *shabi*: preocupava-se com seu grupo e tratava de obter a ajuda de uma pessoa chegada à sua família colateral.

Yamila disse que o estrangeiro que faz boas obras é considerado bom, sendo muito respeitado: ajuda os pobres e os necessitados, especialmente as crianças, os incapacitados, as mães e os anciãos. Rashid acrescentou que o estrangeiro que vive entre eles deve estar à disposição das pessoas e sempre ajudar com bons conselhos e advertências. Omar disse que para ser *shabi*, o estrangeiro em Madón deve ajudar a todos e demonstrar interesse e preocupação pelos outros.

O idioma

Certa tarde, eu estava sentado num café com um amigo madonita, sobre a importância de conhecer outros idiomas. Ele disse que isso era como ter a chave de outro mundo; e mencionou um provérbio cuja tradução seria: "*Aquele que compreende o idioma do outro pode saber onde anda.*" Esse homem quis dizer que, conhecendo o idioma do outro, o estrangeiro pode chegar a ser parte da vida real dessa pessoa, compreender quais são os verdadeiros assuntos que a preocupam, seus problemas, seus sofrimentos, suas alegrias, seu dia-a-dia. De fato, ele mesmo está estudando o

idioma bereber, porque trabalha num programa de vacinação nas montanhas onde vivem os bereberes.

Observemos mais a esse respeito. Os madonitas não terão respeito por uma pessoa que não quer conhecê-los nem entendê-los. Sempre acontece de os madonitas não desejarem vender suas mercadorias aos estrangeiros. Se o fazem, é por um preço muito alto. Por quê? Porque o turista não conhece seu idioma nem suas leis e não entende seu modo de encarar a vida.

Em contraste, quando ia fazer compras, eu sempre falava em árabe e, assim, conseguia fazer negócios justos. Eu tinha de barganhar de todos os modos, porque o preço inicial que me pediam era digno de pensar.

Vivemos durante certo período com uma família madonita na qual tanto o esposo, Bushad, como a esposa, Yamila, trabalhavam com estrangeiro, principalmente franceses, espanhóis, italianos e ingleses. Quando os amigos estrangeiros desse casal vinham visitá-los, dirigiam-se à minha esposa e a mim em francês, enquanto nós respondíamos em árabe madonita. Muito orgulhosos, os donos da casa explicavam aos visitantes: Eles falam somente o árabe.

Mais tarde, Yamila referiu-se a duas de suas amigas: uma senhorita espanhola de 30 anos e outra italiana de 35, ambas nacionalizadas madonitas, que foram criticadas por não saberem nem sequer se esforçarem por aprender o idioma de seu país de adoção. O que significa essa atitude para os madonitas? Seu idioma não vale nada! Uma postura típica de um *shiki*. Yamila comentou com muito entusiasmo acerca de um estrangeiro conhecido seu: “Ele é um empregado do Exército da Salvação americano, vive com madonitas, come e trabalha com eles e tem aprendido bem seu idioma.” Ela fez um julgamento bem elogioso desse homem: “Ele é exatamente como um de nós.”

Certo dia, eu estava comprando uma passagem numa estação ferroviária de uma moderna cidade madonita. Utilizei

o idioma árabe para tudo. O funcionário que estava do outro lado do balcão demonstrou entusiasmo; afinal, ele não podia acreditar que um estrangeiro se desse ao trabalho tão grande de aprender o árabe madonita, assim podendo se comunicar com ele.

O mesmo aconteceu num povoado bereber onde quase nunca chegam estrangeiros. Fui com Rashid ver o escrivão. Este mostrou-se muito amistoso ao perceber que o estrangeiro que estava em seu escritório sabia um pouco do árabe madonita. Tudo isso demonstra que, se o estrangeiro deseja ser bem aceito e respeitado em Madón, tem de aprender e conhecer o idioma do coração do povo.

Conclusões

Shabi ou Shiki

Desde o princípio e até o final do presente estudo, escuta-se o grito que brota do fundo do ser dos madonitas, os quais têm sofrido as conseqüências de um passado colonialista e imperialista. É um chamado para que os estrangeiros os compreendam, respeitem e aceitem os eventos culturais e suas tradições, e para que se adaptem ao comportamento e ao idioma dos madonitas.

À medida que o leitor vai interpretando isso e tira suas próprias conclusões, ele perceberá que é preferível ser um *shabi*. Temos de abandonar as atitudes de um europeu *shiki*. Será que continuaremos pensando que o mundo industrializado é significativamente superior ao chamado Terceiro Mundo?

Será que nós realmente temos todas as respostas? Será que somos nós os responsáveis por ensinar essa "pobre gente" a fazer tudo?

Certamente, em muitos aspectos somos estrangeiros, mas, ainda assim, temos uma variedade de coisas a oferecer

às pessoas de Madón. A pergunta é: qual a forma mais correta de fazê-lo?

Em minha experiência, vivendo com famílias madonitas por um período de dois meses e meio, pudemos conseguir a compreensão e o respeito de muitos. Como simples observadores, não é possível chegar a um verdadeiro entendimento. Precisamos mostrar que queremos aprender, tal como sugere D. M. Larson:

"Temos de submeter-nos àqueles a quem tradicionalmente temos desprezado. Nós, os de fora, estudamos e aprendemos das pessoas de dentro, assumimos que estamos aprendendo e nos submetemos a ele, que são realmente os que sabem." (2)

Há tanto que podemos aprender com os madonitas!

- Como se fazem corretamente os cumprimentos?

- O que se faz em um *hammam?* Você poderia levar-me e mostrar-me?

- Como vocês preparam as comidas madonitas? Você poderia me ensinar, por favor?

- Qual é a roupa adequada para as mulheres? Você poderia ir comigo e ajudar-me a comprá-las?

- Como e onde os homens passam o tempo livre? Você me levaria junto?

Será que já não é hora de aprendermos a ser como os daquele meio, estudiosos de sua cultura, verdadeiros *shabi*, sendo mais populares entre os madonitas? A adaptação é melhor do que a colonização! É melhor ser um *shabi* do que um *shiki*!

Por acaso Jesus não era um verdadeiro *shabi*? Não se sentava com os pobres e os menos afortunados? Ele não se preocupava com todas as necessidades do homem? Acaso não era Ele quem ajudava onde podia? Por acaso não entendia o que se passava no coração de seus amigos, como

se estivesse dentro deles? Cristo não sabia como eles encaravam a vida, as dificuldades que tinham e o que buscavam? Não era Jesus quem falava o idioma do coração deles?

É verdade, Jesus era muito popular! Um verdadeiro *shabi*!

Este é um desafio para todos nós que estamos interessados em ter um ministério eficaz em Madón. Devemos fazer todo o possível para chegarmos a ser verdadeiros *shabis* para os madonitas!

CAPÍTULO 6

A CORTESIA MADONITA

Sara de Legazpi

> "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele." (1 Co 9.19-23)

Este ensino bíblico é primordial para o trabalho missionário entre os muçulmanos. Como fazer da mesma maneira que eles a fim de ganhá-los para Cristo? Quem sabe conhecendo sua educação – *adeb* – e sua boas maneiras para não ofendê-los; é uma maneira de aprender. Esta é a razão pela qual decidi escrever sobre este tema.

Com meu esposo e meus três filhos, vivi em duas cidades de Madón, em três casas de família de diferentes condições sociais e com grande fervor religioso. Também tivemos oportunidade de visitar muitas outras famílias. Ainda assim, a maioria das informações obtidas foram facilitadas pela Usekía, uma de minhas anfitriãs. As entrevistas foram feitas um pouco em árabe madonita e um pouco em espanhol. O restante das informações são minhas

próprias observações feitas no tempo em que vivi com as famílias.

Não obstante, como o *adeb* é muito complicado, supõe-se que existam bons modos que são universais e que o bom comportamento é bem visto em qualquer cultura.

Deus queira que este trabalho possa trazer algo novo ao leitor!

É preciso também esclarecer que, quando falamos do *adeb*, deve-se fazer uma distinção entre a geração velha e a nova, porque muitos costumes estão mudando ou sendo substituídos e até influenciados pelo Ocidente.

Definição de cortesia

Assía, uma garota madonita de 18 anos estudante do ginásio, pertencente à classe média baixa e com conceitos liberais, explica-nos:

- Existem duas formas de *adeb*: o bom comportamento e os cumprimentos (*soab*). Se a pessoa tem uma boa educação terá *soab*; caso contrário, não se pode fazer nada. Vive como um animal. Deus nos dá maneiras de viver e de relacionarmo-nos com as pessoas; por isso elas são melhores que os animais."

Por outro lado, Said, um jovem madonita de 27 anos, casado, pertencente à classe média baixa, desempregado e com título de professor de inglês, dizia: "O *adeb* consiste em frases boas para que a pessoa se relacione bem." Usekía, uma jovem senhora de 24 anos vinda de uma família rica, expressava: "O *adeb* é a arte de demonstrar seu valor. Uma pessoa sem *adeb* é como um animal."

Como podemos ver, o *adeb* é constituído por bons modos e costumes sociais. Os cumprimentos e as frases de cortesia são parte do *adeb*, e recebem o nome de *soab*. O *soab* vem diminuindo, o que significa que hoje só os anciãos

e as famílias mais tradicionais e conservadoras o usam, por ser muito longo e complicado.

Ao contrário, os jovens, influenciados pelos franceses, só sabem dizer *merci* (obrigado em francês), sendo que nem se costuma dizer *shukran* (obrigado em árabe).

No entanto, ainda que um pouco, é necessário ter conhecimento de *soab* para completar um bom *adeb*. Por isso, continuando, mencionaremos alguns dos cumprimentos mais comuns e seus significados, assim como as faltas que se cometem ao não mencioná-los.

Os cumprimentos mais comuns

Seguramente, por ser o mais comum e importante, o primeiro cumprimento que se escuta e aprende em Madón é *Salam aléikum*. Isso quer dizer: "Paz sobre todos" e usa-se a qualquer hora, em qualquer lugar e quando se encontra com qualquer pessoa. Este cumprimento deve ser feito sempre no plural, pois muitos – não todos – crêem que dois anjos sempre acompanham as pessoas, um do lado direito, para anotar suas boas ações, e o outro do lado esquerdo, para anotar as más ações. Os anjos vão com a pessoa em todo lugar, menos no banheiro onde não entram por respeito. Se alguém falar com a pessoa que está dentro do banheiro, os anjos não a ajudarão. Por isso considera-se uma grande falta conversar com alguém que esteja nesse lugar.

Em geral, as pessoas fazem saudações curtas e rápidas. Por exemplo: *"Msaljer, ashjebark, lebés?"* ('Boa tarde. Como vai? Tudo bem?'); *"Lebés, hamdulila"* ('Bem, graças a Deus').

Parece estranho ver pessoas do mesmo sexo demorando até um minuto com cumprimentos e beijos. Beijam-se no rosto e na cabeça de duas a dez vezes, mas, na verdade, pode-se perder a conta.

Os filhos beijam seus pais e avós, e as noras beijam suas sogras nos dois lados da mão direita (palma e dorso).

Um exemplo deste tipo de cumprimentos é:

- Sbajaljer! (Bom dia!)

- Sbajaljer! (Bom dia!)

- Ash jebark? (Como vai?)

- Lebés, hamdulila. (Bem, graças a Deus.)

- Lebés? (Vai bem?)

- Hamdulila. (Graças a Deus.)

- Kiderti? (Como vão indo as coisas?)

- Lebés. (Tudo bem.)

- Kideru idreri? (Como estão as crianças?)

- Lebés. (Bem.)

- Rashilik lebés? (Teu marido está bem?)

- Lebés, hamdulila. (Bem, graças a Deus.)

- Kiderti malmara diel dreri? (Como vai seu trabalho com as crianças?)

- Ahena kenaatiu hamdulila. (Bem, graças a Deus.)

- Hamdulila, Ala culshi. (Graças a Deus por tudo.)

Ainda que para os estrangeiros essas saudações sejam redundantes e reiterativas, isso é muito comum em Madón, e as pessoas idosas ofendem-se quando a nova geração não tem tempo para cumprimentar os conhecidos: *Hashuma!*

A sociedade madonita é regida pelo valor básico do momento, ou seja, nela predomina uma atitude despreocupada no que se refere a tempo e horários. Isso se pode notar especialmente nas saudações.

Observemos como atua um personagem do livro “El Peregrino” de Léon Uris. Ainda que se trate de um árabe da Palestina, ele nos dá uma idéia a respeito da cortesia entre as

pessoas tradicionais de Madón, que se cumprimentam mencionando estrofes do Alcorão:

> "Minha mais ardente saudação neste dia bendito com a graça e a bondade do misericordioso Alá, que é Jehová o Todo-Poderoso, o verdadeiro Deus, dos Sete Céus, sobre nosso planeta, com a sua colorida fauna e flora, e todas as demais constelações celestiais, visíveis em cima de nossa terra e ao redor dela.

Alá é o mais sublime: A Ele seja toda nossa gratidão e louvor. Tenho tido o privilégio de haver sido guiado hoje até seu escritório com Suas infinitas maravilhas." (3)

Em despedidas, é usada uma frase curta como: "Bslama alikum!" (A paz esteja com vocês!) ou "La ienikum!" (Deus esteja com vocês!).

Chamou-me atenção o fato de muitas vezes, ao despedir-se, as pessoas insistirem que se faça uma visita a elas. Ainda que seja verdade que esta sociedade é muito hospitaleira e boa anfitriã (por mais pobres que sejam, eles sempre têm algumas mantas de sobra para receber os familiares e amigos), se a pessoa não mencionar um dia em específico, não se deve levar a sério o convite. Usam frases como: "*Shi nhar, marhabe bikum*" ('Sejam bem-vindos em nosso meio algum dia'), cuja resposta é: *Enshaalá* ('Se Deus quiser'). Não obstante, devemos levar em conta que é provável que desejem convidar os estrangeiros a visitá-los sinceramente e não como um mero formalismo.

Existe uma regra de educação parecida com uma em espanhol – a de tratar de *usted* as pessoas mais velhas. Em Madón, isso corresponde a dirigir-se no plural (terminação *kum*) às pessoas importantes ou respeitáveis (não aos pais nem aos familiares, ainda que sejam mais idosos).

Alguns exemplos:

- *Lebés aikum sidi?* (Tudo bem com o senhor?)

- *Ashgebarkum?* (Como vai o senhor?)

- *Barakalaufikum.* (Deus abençoe o senhor.)

- *Kideira sahakum?* (Como vai a saúde do senhor?)

Um último exemplo: o rei sempre se refere a si mesmo no plural (nós).

Supostamente, as despedidas mais respeitosas devem ser feitas também no plural:

- *Bslama alikum, nsuhfkum marraojra enshaalá.* (A paz esteja com os senhores, nos veremos outra vez, se Deus quiser.)

- *Kideira alikum had said.* (Que os senhores tenham boa sorte.)

Para falar com uma pessoa mais velha que não é conhecida, podem-se usar as palavras *sidi* (senhor) e *leua* (senhora). Não é costume dirigir-se a uma pessoa por sua profissão, mas há algumas exceções, como "doutor." Os advogados são chamados de mestres; quando há interesse em conseguir um favor – como um trabalho ou uma vaga para as crianças na escola – junta-se ao cargo de diretor a palavra *siedets*. Por exemplo: *"Salamu aleikum. Sbajalger siedets mudir."* (Que a paz esteja com o senhor. Tenha um bom dia senhor diretor.) Este formalismo é melhor compreendido quando se considera que essa sociedade gosta de escutar títulos e cargos.

O comportamento cortês

Na rua

Ao pesquisar sobre este ponto, pude notar que a maioria das regras da urbanização refere-se à mulher. O homem, como em todas as culturas, tem maior liberdade, ainda que agora, aos poucos, tudo esteja ficando mais equivalente. Ainda assim, há mulheres que não saem na rua sem usar sua *chilaba* e seu lenço na cabeça. A *chilaba* é considerada um vestido comum, cotidiano. Não é bom que a mulher ria alto, mastigue chiclete, fume, se sente num café ou cinema. Ela deve sair bem vestida (o melhor possível) e, na medida do possível, não usar sandálias de plástico ou com modelos infantis, ainda que muitas mulheres pobres usem coisas mais baratas. Para os homens, não há tantas exigências quanto ao vestuário.

Em outros países, é muito comum ver casais abraçados ou de mãos dadas. Em Madón, porém, isto é considerado um *hashuma*.

No entanto, pode se ver um homem caminhando de mãos dadas com outro. As demonstrações de afeto entre homens e mulheres devem realizar-se só entre os casados, e apenas em sua própria casa, quando ninguém os estiver vendo. Quebrar estas regras, sobretudo no mês de *Ramadán*, é considerado delito, pois a própria polícia vigia as pessoas.

Quando uma mulher caminha pela rua e cruza com um ou vários homens, não se espera que lhe dêem passagem, pois o mais comum é que não o façam. Por isso, é melhor esquivar-se. Se em alguma ocasião, um homem empurrar uma mulher, o mais sensato é que ela não discuta ou o insulte, pois isso é uma grava ofensa, ainda que a mulher tenha razões de sobra. Não é bom que ela ande só. Muito menos à noite. Não deve nunca falar com homens que não conhece, e só cumprimentar rapidamente os conhecidos sem lhes estender a mão.

Falar baixo demonstra boa educação. Dizer palavras torpes é feio. Bater nas crianças na rua não é algo mal visto. Alguns acham que é vergonhoso sentar-se numa praça ou parque para comer sementes e olhar as pessoas. Também se considera incorreto sair comendo pela rua sanduíches, pão ou alguma outra coisa. Nos lugares públicos, como balneários ou trens, as pessoas não devem olhar os que estão comendo, mas sim virar para o outro lado ou retirar-se. Os balneários públicos são quase todos para homens, pois é muito vergonhoso que a mulher seja vista usando traje de banho (maiô) publicamente.

Em visita

Como em muitas sociedades, também em Madón não é bom que uma visita apareça na hora das refeições sem ter sido previamente convidada. Mas pode-se chegar livremente na hora do café, entre cinco e sete horas da noite. Também se deve considerar que quase nunca as datas são marcadas com horário especificado; mas, se por acaso o horário for mencionado, é costume do povo ir meia ou uma hora mais tarde.

Chegando a visita, depois do cumprimentos, a anfitriã vai para cozinha e então a mulher visitante deve dizer amavelmente: “Venha sentar-se conosco; não faça mais nada.” Não é bom fazer visitar curtas. Recusar um alimento ou comer e ir embora em seguida dá a entender aos anfitriões que as pessoas foram ali só para espiar o que está acontecendo.

Muitas famílias não têm banheiro em sua casa, mas costuma-se lavar as mãos antes de comer. Para isso, levam para os convidados um recipiente com água e uma toalha para que se lavem sem precisar levantar-se da mesa. Esse recipiente chama-se *tas*; é feito de cerâmica, sendo adornado especialmente para isto. Depois de lavar-se, a pessoa deve dizer a quem despejou a água: *Jashek*. Esta palavra não tem tradução literal exata, mas neste caso dá a entender que

quem serviu não é um escravo. Por sua vez, ele responderá: *Aceclá*, que significa: "Deus te ama ou Deus te engrandeça."

A palavra *Jashek* é usada a cada menção de algo que eles consideram sujo ou vergonhoso. Por exemplo: "Onde está o banheiro? *Jashek*" ou "A criança está com diarréia. *Jashek*."

Ao começar a comer, não existe o costume de orar em voz alta, mas todos devem dizer: *Bismilá* ('Em Nome de Alá). Muitos o fazem rapidamente e em voz baixa. Ao terminar a refeição, dão graças com a expressão *Lhamdulilá* ('Graças a Deus').

É preciso comer com três dedos da mão direita (o anular, o indicador e o polegar). No livro de Leon Urís, já citado, explica-se: "Dizia-se que havia quatro formas de comer: com um dedo para indicar desgosto, com dois dedos para demonstrar orgulho, com três como expressão de normalidade e com quatro como mostra de voracidade." (4)

Usar a mão esquerda é falta de educação, pois eles a utilizam em lugar de papel higiênico quando vão ao banheiro. Além disso, há a tradição religiosa, já que Maomé comia com os dedos da mão direita.

É a dona da casa quem divide e reparte os pedaços da carne, pois todos comem em um só prato bem grande, sentados ao redor de uma mesa redonda e baixinha na sala. Não há sala de jantar. Se a sala estiver cheia de almofadas, tiram-se os sapatos ou sandálias, deixando-os de lado, para andar descalço.

Dependendo da família, ou se tiverem intimidade com o convidado, será entregue a cada pessoa que ali está comendo um guardanapo de pano, muito útil para limpar as mãos. Mas, geralmente, isto não é costume, sendo usado um trapo qualquer. Só vi guardanapos de papel nos restaurantes.

Em especial, deve-se ter cuidado para não jogar fora nem desperdiçar pão, pois é considerado pecado. Quando vêem um pedaço de pão no chão, há quem o recolha e o beije.

Se encontram um pedaço de pão no chão do banheiro, alguns o molham e o comem.

Ao terminar de comer, uma frase de agradecimento ao anfitrião pode ser: *Laijelet* ('Deus te acrescente'). Após a refeição, às vezes convidam o hóspede para tirar uma soneca, o que ele pode fazer sem constrangimento. É preciso ter cuidado quando se dobra a perna para não deixar que a sola do sapato aponte na direção do rosto de ninguém. Também desagrada o madonita apoiar o queixo com mão.

Com os convidados

Para a sociedade madonita, devido à tradição e "porque assim diz o Alcorão", é primordial oferecer a seus convidados comida boa e abundante. O melhor deve ser sempre para o visitante. Eles contam com satisfação uma história que ilustra bem o que dissemos:

> "Havia um homem muito pobre que vivia numa tenda no deserto. Possuía somente um cavalo, que apreciava muito. Certo dia, recebeu a visita de um viajante que passava por ali, o qual se deteve em sua tenda para descansar. O pobre homem não tinha nada para oferecer-lhe, mas logo saiu, matou seu cavalo e preparou-o para alimentar o hóspede."

Eles narram esta história com orgulho, afirmando ser verídica, e ensinam-na de geração em geração como um bom exemplo de hospitalidade. Nesse sentido, a cultura dos madonitas me lembra as histórias bíblicas nas quais um viajante ou visitante, ao chegar a uma casa, demorava-se vários dias (Jz 19.4-10; Gn 18.2-8) e era convidado a ficar primeiro para o jantar, depois a passar a noite, a tomar o café da manhã, mais tarde para almoçar, e assim por diante. Este costume tem diminuído muito, mas ainda existe em famílias religiosas ou tradicionais. Também é freqüente que, quando a visita fica vários dias, os hospedeiros insistam para

que permaneça por mais uns dias ou até o final de semana: *Glis laiatekst* ('Fica! Que Deus te dê calma'). Caso a pessoa não possa ficar, deve-se explicar o motivo para que os anfitriões não se ofendam.

Ainda que os madonitas não sejam pontuais em seus compromissos, farão o possível para sê-lo quando convidam um estrangeiro. Este deve preparar-se para uma visita longa e com comida abundante e variada. Diz-se *Tfadl* para convidar a pessoa a servir-se na mesa, sentar-se ou passar algo da mesa.

Quando perguntei a Usekía sobre as pessoas de que ele mais gostava, sua resposta foi: "Eu gosto de visitar aquelas casas em que as pessoas me fazem sentir que sou importante. Querem que eu esteja feliz e me dizem: '*Marhabe bikum*!' (Bem-vindos)."

Essa palavra é fundamental. Eles a repetem muito e, além disso, quando estão comendo, insistem para que o convidado coma também, dizendo: *Cul, cul!* (Coma, coma). Com isto querem dizer: "Sejam bem-vindos, minha casa é tua, fique à vontade." Perguntei a uma senhora o que ela gostava de fazer por seus convidados e ela respondeu: "Muita comida saborosa e que se sintam à vontade em casa."

Depois de comer, passa-se o *tas* para que os convidados lavem as mãos, a barba e o interior da boca. Em seguida, vem um chá oferecido para que o hóspede se sirva.

O visitante que vem de manhã é convidado a ficar para o jantar. Depois de cumprimentar a pessoa que chega, a dona da casa sempre vai direto para a cozinha a fim de preparar algo para servir. Quando o hóspede é íntimo, recebe uma bata madonita, para trocar de roupa, e chinelos de pano. Depois da comida, se os convidados dão uma palavra de agradecimento, a resposta será: *Bsaha* (À tua saúde!). A resposta a essa expressão deve ser: *La iatik saha* (Que Deus te dê saúde!). Usam-na quando terminam de comer, quando vão ao *hammam*, comprar vestuário, ou ainda, quando fazem alguma coisa boa para uma pessoa.

A cortesia da boa vizinhança

Talvez este texto não devesse ser intitulado assim, pois para um madonita o conceito de "boa vizinhança" é muito precário. Não existem regras de educação nem de cortesia. Eles procuram nunca interferir. O valor básico predominante é o cuidado. São desconfiados e reservados, e não gostam de fazer amizades com os vizinhos, exceto cumprimentar ou conversar casualmente. Existem bairros que se ajudam muito e servem uns aos outros, mas em geral isso é falta de educação. Eles consideram um bom vizinho alguém que não interfere na vida alheia, que não é constante nas casas e que se oferece para ajudar numa necessidade. Só é obrigado a convidá-lo para as festas se eles já o tiverem convidado anteriormente. Não gostam de falar de suas vidas aos vizinhos: caso contrário, todo o bairro ficará sabendo. São ciumentos, volúveis e podem se ofender facilmente; assim, aquele que antes era muito amigo poderá tornar-se um inimigo.

Geralmente, os madonitas sempre aproveitam para tirar vantagem de um estrangeiro; se chegam a ter confiança, pedirão muitos favores, de todas as formas. Por isso, logo de início é conveniente não permitir essa situação. É preferível negar amigavelmente mas com firmeza, do que ceder aos 'caprichos', exceto quando a necessidade é legítima. Se a pessoa não agir assim, eles pensarão que é como um 'rico tolo', que joga dinheiro fora. Por exemplo durante várias semanas vivi em certa casa. Na segunda vez em que me hospedei ali, minha anfitriã começou a me pedir dinheiro emprestado. Ela prometeu que pagaria mais tarde. Mas não o fez, sendo que eu já pagava um tanto para ajudar na alimentação.

É importante que a mulher nunca deixe um homem entrar em casa na ausência do marido. Quando sabem que as esposas de seus amigos estão sozinhas, os bons madonitas não entram na casa. Alguns imprudentes e maus

insistem em entrar, e deve-se educadamente mandá-los embora. Essa atitude é bem compreendida; de fato, a pessoa que foi mandada embora dirá que estava perante uma mulher de respeito.

A cortesia nas festas

Em Madón, as festas são muitas e longas. Comemora-se a circuncisão, a henna, a festa do cordeiro, de casamento, de crianças (parecidas com o Natal), o final do Ramadán, etc. Descrever tais festas seria difícil, por isso destacarei algumas e mencionarei pontos de cortesia nelas.

Lares (casamento)

O texto que segue foi extraído do livro "El Peregrino", sendo muito útil para se ter uma idéia do luxo e da majestosidade dos casamentos madonitas. Vejamos:

"Depois da cerimônia do lavar das mãos, a comida chegou em batalhões, legiões e regimentos. Assim se deu um desfile de três dezenas de saladas variadas. Pilhas de pães foram esmigalhadas para passar sobre elas, enquanto o resto comia com os dedos. Havia hummus (pasta de grão de bico amassado, semente de gergelim, alho e azeite). Havia folhas de uva cozidas recheadas de pinhões e groselhas, também falafel, almôndegas de trigo moído, pratos de escabeche, azeitonas, saladas frias de repolho cozido, fígado de cordeiro, pepinos temperados, pimentões e muitos pratos de beringela, iogurte, tomates e cebolas, e mais meia dúzia de ensopados, patês, sementes de granada e amêndoas. Havia pasteizinhos de restos de frango e cordeiro, brochetas de peixe, e vários pratos com tipos de feijão picado, misturado ou inteiro. Depois o prato principal."

Por mais pobres que sejam, as famílias preparam-se muito e ainda contratam criados para servir a mesa, pois nesse dia não é bom que os familiares ocupem-se dessas tarefas.

O presente que se dá num casamento pode ser desde três ou quatro pacotes de açúcar refinado até um paletó, uma camisa, um prato sofisticado, um jogo para chá, um enfeite de ouro ou dinheiro. Tudo de acordo com o grau de afinidade entre as famílias. Também é possível ir ao casamento sem levar nada, mas, se anteriormente a família deu algum presente ao convidado, esperarão que ele retribua com um presente que corresponda. Em relação aos presentes, sempre é assim: eles dão, mas certamente esperam receber de volta oportunamente. Contam que, nos povoados, antigamente, as pessoas davam presentes como um saco de açúcar; se quem deu o presente fizesse uma festa e seu amigo não retribuísse a gentileza, dava-se queixa na polícia. Não sabemos o quão verdadeira é essa história. Usekía disse que, quando sua avó faleceu, sua mãe e seu irmão ficaram para receber os pêsames. As pessoas levavam açúcar para o funeral, e eles tinham de anotar quem eram e quantos quilos tinham levado para poder saber a quem deveriam, ocasionalmente, retribuir a gentileza.

Nas festas, vestem-se com o melhor que possuem, e muito luxo: *gandora, caftán* ou algum vestido oriental fino. A *chilaba* é tirada ao entrar. Na porta, em pé, ficam os pais da noiva ou do noivo, aos quais se entregam os presentes com essa frase: *Mbark maderti ni aaliha* (ou *niaalih*). Não se pode traduzir literalmente, mas quer dizer: "Que Deus abençoe tudo que fazes, que bom que tudo saiu bem!" Ao noivo e à noiva se diz: *Barkum seud laikmalbarjer!*, que quer dizer: "Muitas felicidades!" ou "Alegres bênçãos", "Que Deus continue te socorrendo!", "Que as bênçãos os alegrem!".

Quase sempre há um cômodo para comer e outro para dançar. A festa pode ser somente para homens ou para mulheres. Se os dois sexos participarem, cada um deve se

dirigir ao cômodo que lhe corresponde, pois não comem ou dançam juntos (exceto em famílias modernizadas). Como mencionamos, não é comum ser pontual na hora da visita; se o combinado é chegar às 12:00hs, chega-se às 12:30hs ou às 13:00hs. Se alguém chegar na hora, certamente esperará sozinho.

A comida vem em abundância e há um grande desperdício o que contraria a idéia de não jogar fora nem desperdiçar o pão. Ainda assim, depois de comer, durante o baile são distribuídas várias saladas, doces, chás, refrescos ou leite. As mães costumam guardar bolachas e doces para levar para casa, o que não é feio. O baile é opcional e dança quem quer. Não há horário para despedir-se; normalmente as festas duram muito, às vezes a noite inteira.

Sbuae (nascimentos)

Aos sete dias do nascimento de um bebê, faz-se uma festa. É semelhante ao batismo em outras culturas. Nessa festa, é dado o nome à criança, segurando-a no braço perto de um cordeiro; este é degolado e diz-se: "Em Nome de Deus." Então anuncia-se o nome da criança. Em seguida, preparam o cordeiro e chamam os músicos. Ainda que a pessoa não tenha sido convidada para a festa, é cortês ir de manhã até a casa do bebê para vê-lo e cumprimentar os pais, dizendo: *Mbarkum seud ginia alik!* ('Meus parabéns! Sejam abençoados! Que bom que tudo saiu bem!). Neste caso, pode-se fazer uma visita breve, pois a mãe está de cama. Costuma-se dar dinheiro como presente ao bebê.

Jatena (circuncisão)

Nessa festa, a cortesia é semelhante à do nascimento. É usada a mesma frase na hora de parabenizar e usa-se dar jogos, roupas, doces ou dinheiro. Pode-se dar parabéns diretamente ao menino, pois a circuncisão não é feita no recém-nascido, mas sim aos sete anos de idade.

Shinaza (funeral)

Normalmente, leva-se açúcar ou comida aos enlutados, e a frase de pêsames é: *Lbaraka frasca* ('Que Deus te guarde'). Durante o funeral, a família prepara comida para os presentes; depois do enterro, voltam para casa e servem pão, mel, trigo e manteiga, para que dêem graças a Deus e o morto descanse em paz ouvindo suas bênçãos.

Conclusão

Qualquer obreiro ou estrangeiro que deseje morar em Madón precisa conhecer um pouco do *adeb* madonita, que é muito rico em frases de adoração e invocação a Deus. Como já mencionamos, o povo usa essas expressões como qualquer outras, sem cuidados ou respeito. No entanto, para um obreiro evangélico, será uma ferramenta que, se ele souber usar, o fará chegar ao coração do povo.

Meu desejo e recomendação é que não se usem as regras de cortesia aqui representadas ao 'pé da letra', pois sempre o melhor é ter atitudes adaptáveis e contextualizadas.

CAPÍTULO 7

AS TRADIÇÕES DIANTE DO PROGRESSO

Abraham Legazpi

Eram seis da tarde. Rodeada por grandes e largos muros, a *medina* encontrava-se repleta de pessoas ociosas. O calor era tão insuportável que se notava o mal-estar das pessoas. Parecia que toda a cidade estava dentro de uma panela de pressão prestes a explodir. De repente, ouviram-se gritos irados vindo de uma das ruas. Era um senhor de idade que estava sendo erguido pelo pescoço pronto para apanhar. Ainda que ele não tivesse nada nas mãos, também queria brigar, porém as pessoas o impediam, dizendo: *Safi, safi!* Depois de muito tumulto, a situação se acalmou.

Fiquei com uma dúvida: "Será que isto sempre acontece por aqui?" Imaginei que não, e então resolvi pesquisar sobre as diferenças entre as gerações – a nova e a velha; essa pesquisa não pretendia ser exaustiva. Estive somente três meses e meio em Madón, vivendo em duas cidades diferentes com quatro famílias de hábitos bem variados. Pude também conhecer outras. Completei 14 entrevistas, das quais 12 foram em árabe, com homens de diferentes níveis sociais. Muitas das informações aqui apresentadas foram extraídas de meu caderno de anotações, que sempre me acompanhava nas viagens.

Como seria impossível estudar todas as tradições, achei conveniente enfatizar somente algumas: o casamento, o lazer, a religião, o trabalho e os estudos. Inclui três valores básicos do comportamento madonita que poderão esclarecer mais o tema.

Valor básico diretivo

Dentre outras coisas, aquele que é dirigido pelo valor básico diretivo preocupa-se em encontrar um caminho concreto e, para isso, requer um sistema de autoridade com linhas preciosas. Por exemplo, em Madón, os professores exercem autoridade absoluta sobre seus alunos; eles têm o direito de corrigi-los e até de bater neles. Entrevistamos dois pais de família, Nortin e Said, que estão de pleno acordo com esse sistema. Espera-se que o professor saiba responder todo tipo de pergunta e que dirija bem a classe. Certa vez, um professor de uma universidade de Madón perguntou a seus alunos o que gostariam de estudar. Só com esta pergunta os alunos antipatizaram com ele. Na verdade, esperavam que um catedrático lhes falasse o que estudar; afinal estavam acostumados desta maneira.

O valor básico do status atribuído

Este valor encontra-se presente numa pessoa ou num grupo que desenvolve normas para conseguir respeito e status para si mesmo e para os outros. Tal pessoa procurará viver de acordo com sua posição na sociedade. Em Madón, o fato de um homem ter ido até Meca dá-lhe o direito de receber um nome especial: *Hash*. Ele é tratado com mais respeito e admiração. Conforme seu grau de assiduidade, varia o título e, como conseqüência, o nível de respeito das pessoas.

O valor básico de interação

É o valor básico que caracteriza a pessoa ou o grupo em sua interação verba entre si e com os outros, sem se preocupar com o tempo que já passou. Há maior interesse nas pessoas do que em seus próprios planos. O indivíduo tem a necessidade de estar sempre com um grupo de pessoas que o compreendam e aceitem. Por exemplo, em Madón, quando os estrangeiros se relacionam com um grupo de

madonitas e depois fazem amigos em outro grupo, ambos os grupos sentem-se traídos, pois eles pensam que se deve ser fiel e pertencer a um só grupo.

Mencionei esses três valores básicos pelo fato de, no passado, os madonitas terem exercido um papel muito importante na unificação do povo árabe. Esta unificação aconteceu quando os árabes aliaram-se a um líder, Maomé, e seguiram um valor básico diretivo: o Alcorão. Não foram só uns ou alguns poucos que seguiram seu profeta, mas muitos, uma grande maioria (valor de interação). Maomé achava-se conhecedor de tudo e exigia respeito como um profeta de Deus (valor básico atribuído). Essa mistura toda deu origem à unidade do povo árabe e fez com que surgisse como potência e dominasse durante séculos. Creio que esses mesmos valores básicos continuam influindo significativamente sobre o comportamento da sociedade madonita de nosso tempo. É muito importante conhecê-los para melhor entender suas mudanças na forma de vier, e a realidade e a ideologia de seu país hoje. Será que as tradições suportarão as novas formas de vida?

Modo de vestir

Pessoas com mais de 40 anos

O traje de pessoas com mais de 40 anos é composto de *chilaba, rasa, belba e kandebrisha*. Algumas pessoas com mais de 50 anos, entrevistadas nas ruas e em suas casas, relataram que, no passado, usavam diariamente essa roupa, não conhecendo outra. Era impróprio vestir-se de maneira diferente, principalmente para ir a festas, reuniões importantes ou à mesquita, às sextas-feiras. Duas dessas pessoas nunca haviam usado outro tipo de roupa, pois consideravam-na prática e tradicional, e também porque *Maomé vestia-se assim*.

Perguntei a Hamid e a seu pai (40 e 70 anos, respectivamente) o que pensavam a respeito de vestir-se de

modo tradicional. Responderam que é perfeitamente compreensível que atualmente não se use a *chilaba* todos os dias, pois existem trabalhos como os das fábricas que tornam seu uso perigoso.

Certa vez, um homem teve um acidente de trabalho porque a máquina que manejava enroscou-se na ponta da bata, rasgando-a em duas partes. Imagino que, se este homem estivesse usando uma chilaba em vez de uma bata, a máquina o teria matado, pois a veste é resistente e longa. A roupa tradicional também não é nada prática em escritórios e escolas. Dois homens entrevistados disseram que, ao menos às sextas-feiras (o dia em que mais assiduamente se vai à Mesquita e às festas), as pessoas deveriam vestir-se tradicionalmente. E por quê? *Porque assim vestia-se o profeta Maomé*. Em seu trabalho, Hamid e seu pai vestem-se como os ocidentais; fora dele, vestem a *chilaba.* Eles comentaram que o turismo e os madonitas que vivem em outros países influenciaram a nova geração a mudar seu modo de vestir.

Jovens de 18 a 25 anos

Nas ruas de Madón, vêem-se poucos jovens usando roupas tradicionais. Por quê? A resposta coincide com a dos mais velhos: não é prática para o trabalho, é ideal para ser usada nos dias de festa e às sextas-feiras, Maomé vestia-se com tradição nesses dias e que o turismo e a emigração dos madonitas influenciaram a mudança da vestimenta.

Mohamed, um jovem de 20 anos, afirmou que gostava de usar a roupa tradicional nos dias de festa e nas sextas-feiras, e que, quando envelhecesse e não precisasse mais trabalhar, usaria essa roupa diariamente. Em contraste, um professor universitário de 28 anos de idade disse que não usa e não usaria a chilaba porque não gosta. Outra pessoa disse que prefere vestir roupas ocidentais pois, para ela, a chilaba é para velhos.

Pelas respostas acima, percebemos que as duas gerações concordam que não se pode vestir-se tradicionalmente em certas situações, mas que pelo menos às sextas-feiras e nos dias de festa deve-se fazer isso para uma identificação maior com sua cultura.

O casamento

O Alcorão permite que os muçulmanos tenham até quatro esposas simultaneamente. As uniões matrimoniais são puramente registros civis, sem a cerimônia religiosa, sendo feitas entre o pretendente ou seus familiares e os parentes da noiva, diante do *cadi* e das testemunhas.

Maiores de 40 anos

Perguntei a algumas pessoas com idade entre 40 e 80 anos o que pensavam sobre casar várias vezes e formar famílias. Dris e Hamid têm uma esposa cada um. Mas o pai de Hamid tem quatro. Os anciãos disseram que isto é correto, pois o Alcorão o permite. O problema é manter financeiramente várias esposas e famílias. É ainda mais difícil nas grandes cidades, pois agora as mulheres exigem mais (uma casa para cada família, vestidos e comida melhores, boa educação para os filhos, etc.), além do que o Alcorão diz que elas têm de ser sustentadas por igual. Nas regiões rurais, há mais condições de mantê-las , pois todas vivem numa mesma casa e trabalham tecendo em casa ou semeando nos campos; os filhos também não estudam muito, e suas mães não exigem tanto. Perguntei a esses homens se eles estariam dispostos a casar suas filhas de maneira tradicional. Responderam que, se pudessem fazê-lo, sim, mas que hoje a mulher com mais de 15 anos tem o direito de decidir com quem deseja se casar. Nessas condições, eles só podem permitir, solicitando um dote ao pretendente para proteger o futuro de seus filhos, pois é muito fácil para o homem abandonar sua mulher pelo fato de ela não ter filhos

ou porque não lhe serve mais. Creio que, apesar de as mulheres poderem eleger seus maridos, poucas usam este direito devido à pressão da família e da sociedade.

O ponto de vista dos jovens

Eles concordam com os mais velhos, admitindo o direito de ter várias esposas, pois o Alcorão permite. Dizem que hoje em dia é mais difícil pelas razões já expostas. Pergunte a Mohamed, Said e Sabaa se eles se casariam outras vezes, já que cada um tem sua esposa e filhos. Disseram que não, porque tinham uma mulher boa (*mara meziana*) e fértil, e que preferiam ir atrás de prostitutas a ter responsabilidades familiares.

Hoje em dia, os jovens só se casam várias vezes quando têm dinheiro ou querem mostrar seu poderio. São da opinião de que o melhor é ter uma família com dois ou três filhos, para assim lhes proporcionar uma boa educação e poder desenvolver-se na sociedade. Mohamed também disse que não concordava em ter várias esposas porque a mulher é tão inteligente quanto o homem, além do que uma família pequena vive melhor.

Apesar de algumas pessoas pensarem como Mohamed, a grande maioria dos madonitas não se casa com várias mulheres, não por não gostar, e sim porque a situação financeira não o permite. Na verdade, se tivessem muito dinheiro o fariam, pois possuir várias famílias dá status, poder e prestígio na sociedade.

Religião

A opinião das pessoas idosas

Todos concordam que é bom ler e orar pelo Alcorão. Lembram que os pais obrigavam-nos a ler aos sete anos de idade; se não lessem, eram castigados. Atualmente, não são obrigados, pois os próprios pais não lêem mais. Hamid,

Mohamed, Sabaa e Driss acreditam que 15 a 20% oram e lêem o Alcorão, sendo que as razões do pequeno número são as seguintes: alguns não sabem ler, mas oram; outros bebem vinho, fumam *hachis* ou tem estado com prostitutas. Além disso, se tiveram relações sexuais com suas esposas, devem lavar seus órgãos genitais. Outros, devido ao trabalho, são impedidos de orar, pois nas cinco vezes diárias que oram devem lavar as mãos, os pés e a cabeça; assim, ainda que seja bom, não lhes é possível fazê-lo nas horas do trabalho, já que são pagos para trabalhar. Outros estão enfermos e não podem colocar-se na posição correta para orar.

Os anciãos responderam que, diante de Alá, é bom orar e ler o Alcorão. Mohamed, entretanto, acrescentou que alguns só o fazem para ser notados pelos demais, já que isto lhes traz prestígio e respeito.

A fé nos espíritos

Existem algumas superstições interessantes em Madón. Por exemplo, é ruim jogar água quente nos bambus, pois os espíritos que moram debaixo da terra se zangam e castigam quem o faz. A respeito dos mortos, numa *medina* há um pequeno cemitério privativo e, sobre a tumba de uma falecida que dizem ser santa [5], nasceu uma árvore. As pessoas vão ali e levam presentes: dinheiro, flores, velas, pão; assim, a árvore tem poder para conceder-lhes as graças que pedem. Está claro que o único beneficiado com isso é o dono do cemitério.

Os adultos, exceto os que tem em torno de 70 anos, não acreditam nisso. Dizem que é produto da ignorância dos mais velhos. Apenas um homem de 79 anos disse que acreditava e que, se às vezes não acontecia nada quando jogava água fervendo, era porque os espíritos estavam em outro lugar naquele momento.

Na mesma *medina* há uma mesquita e, dentro dela, a tumba de outro santo. As pessoas vão ali para beijar a tumba

e levar presentes, acreditando que assim receberão *baraka*. Nesse mesmo lugar morreu outro homem considerado santo. Desde então, muitos beijam a porta de entrada do que foi sua casa, esperando receber uma graça. Alguns senhores disseram que iam na mesquita mas não beijavam o morto, pois crêem que só Alá pode socorrê-los, e não um morto; pelo mesmo motivo, também não iam ao cemitério privativo, nem beijavam a tumba.

O parecer dos jovens

De 5 a 10% dos homens com idade de 20 a 40 anos lêem e oram pelo Alcorão. O resto não o faz pelas mesmas razões dos idosos (trabalho, vícios, doenças ou por estar com prostitutas). Os mais idosos admitem que os jovens conhecem mais o Alcorão, pois tiveram a oportunidade de lê-lo e estudá-lo na escola. Mohamed, Said e Driss não o lêem, substituindo-o por outros livros, pela televisão, pelo cinema e por conversas com turistas. Também existe muita facilidade de viajar para outros países. Tudo isso coopera para que a nova geração não se importe nem com o Alcorão nem com Alá. Agora, trazem consigo novas idéias, como o comunismo, a democracia e até novas religiões. Assim, estão mais interessados em seu bem-estar futuro do que na religião. Perguntei a pelo menos dez pessoas se ao envelhecerem leriam e orariam mais o Alcorão; chamou minha atenção o fato de todas terem dito que sim.

A fé nos espíritos

A resposta foi igual a dos idosos. Responderam que vão à mesquita para ver a arquitetura ou para ver as moças dançarem nas festas em homenagem à árvore. Dizem também que adoram unicamente a Alá. Penso que tanto os jovens como os idosos mentiram nas respostas. Já vivi na medina em que há a mesquita com a tumba do santo e certa vez, disfarçadamente, entrei ali; então, pude observar que

todas as pessoas que entravam, beijavam a tumba e depois oravam a Alá.

Morei também na rua onde fica a casa do "santo" que morreu e vi quantas pessoas beijavam a entrada da porta. Como se isso não bastasse, Said confirmou que, no mês de novembro, fazem uma festa para a árvore na qual crêem que há um espírito. A rua fica tão cheia de gente que mal dá para se mover. Creio que posso compreender a causa desta superstição, e na conclusão a citarei.

O estudo e o trabalho

O parecer dos idosos

Penso que a pesquisa sobre o estudo e o trabalho pode esclarecer melhor quanto às tradições diante do progresso, especialmente no que se refere às mulheres. Quando em certa cultura a mulher começa a fazer o mesmo que o homem surge uma mudança na moral e no modo de pensar do povo e ainda na economia do país. Por exemplo, nos Estados Unidos, depois das 1 e 2 Guerras Mundiais, quando a mulher teve de ocupar o lugar do homem nos campos e nas fábricas, houve mudanças sociais, algumas boas e outras más, porém de fato ocorreram transformações.

Os madonitas mais idosos acreditavam ser bom que a mulher estudasse, pudesse ler os nomes das ruas, os números, ver a hora, etc. No que diz respeito ao trabalho fora de casa, aprovavam que ela trabalhasse para ajudar nas despesas de casa, pois todos teriam um melhor nível de vida. Segundo eles, o mal da mulher trabalhar fora é que ela acaba se prostituindo porque se deixa levar pelos sentimentos e, assim, é fácil seduzi-la a ter relações sexuais. Além disso, a mulher que trabalha fora começa a ficar autoritária dentro de casa e aos poucos toma o lugar do marido. É lógico que, da forma como os eventos têm se desenvolvido atualmente, é preciso que a mulher primeiro estude e depois trabalhe, contribuindo com seu salário para os gastos domésticos.

Como ela trabalha melhor e recebe um salário menor, a cada dia surgem mais oportunidades de emprego para as mulheres. Quando em certa cultura a mulher começa a fazer o mesmo que o homem, surge uma mudança na moral e no modo de pensar do povo e ainda na economia do país. Por exemplo, nos E.U.A, depois da 1ª e da 2ª. Guerra Mundial, quando a mulher teve de ocupar o lugar do homem no campos e nas fábricas, houve mudanças sociais, algumas boas e outras más, porém de fato ocorreram transformações.

Os madonitas mais idosos acreditavam ser bom que a mulher estudasse, pudesse ler o nome das ruas, os números, ver a hora etc. No que diz respeito ao trabalho fora de casa, aprovavam que ela trabalhasse para ajudar nas despesas de casa, pois todos teriam um melhor nível de vida. Segundo eles, o mal da mulher trabalhar fora é que ela acaba se prostituindo porque se deixa levar pelos sentimentos e, assim, é fácil seduzi-la a ter relações sexuais. Além disso, a mulher que trabalha fora começa a ficar autoritária dentro de casa e aos poucos toma o lugar do marido. É lógico que, da forma como os eventos têm se desenvolvido atualmente, é preciso que a mulher primeiro estude e depois trabalhe, contribuindo com seu salário para os gastos domésticos. Como ela trabalha melhor e recebe um salário menor, a casa dia surgem mais oportunidades de emprego para mulheres.

Existem homens que falam sobre a honra da família e a responsabilidade de mantê-la economicamente, mas permitem que suas esposas trabalhem fora e recebam o dinheiro delas, porque já se acostumaram a viver sem fazer nada. Um deles é Said, o chefe de uma das casas em que estive morando. Sua mulher saía para o trabalho, e lhe dava seu salário, mas todos os dias implicava com ele, gritando: *Hamar*! Ainda que ele se sentisse ofendido, não procurava emprego e vivia sonhando com a idéia de ir à Europa para trabalhar e ganhar dinheiro. Foi interessante ver que todos os que responderam às perguntas eram casados e falavam sobre o direito da mulher trabalhar, mas afirmavam que suas mulheres não trabalhavam, pois tinham muitos filhos e

alguém tinha de cuidar deles e da casa enquanto os homens trabalhavam.

O ponto de vista dos jovens

A maioria dos jovens estava de acordo com a opinião dos idosos de que é bom que a mulher estude e trabalhe para colaborar nas despesas da casa, por causa da situação atual de Madón, mas existe o perigo de que ela se prostitua ou ocupe o lugar do homem na família. O curioso é notar que, mesmo os jovens que acham que se a mulher trabalhar ou estudar ela se prostituirá, responderam que estavam dispostos a casar com uma moça que tivesse estudo e desejasse trabalhar.

Com base no que dissemos anteriormente, notamos que os homens de Madón acreditam ser preciso, nos dias de hoje, que a mulher trabalhe. No entanto, para eles o ideal seria que a esposa ficasse em casa cuidando das crianças, enquanto eles trabalhassem fora.

Conclusão

De tudo o que foi exposto até aqui, podemos dizer que a situação atual das grandes cidades de Madón é muito diferente das circunstâncias de vinte ou trinta anos atrás, especialmente no nível intelectual, já que hoje em dia existem várias escolas, mais livros para ler, novas fontes de trabalho, como fábricas, escritórios e bancos; e novos meios de comunicação, como televisão, rádio, cinema, jornal e telefone. Viaja-se com mais facilidade, e isso permite que centenas de milhares trabalhem no exterior e continuem morando em Madón. Todas estas inovações transformam tradições como o casamento, o modo de se vestir, a religião, o trabalho e os estudos. Reconheço que esta mudança pode ser superficial, já que foi aceita só por causa da situação de hoje, ainda que a maioria, se pudesse, seguiria a tradição – quem sabe com algumas modificações práticas.

No que diz respeito à oração, percebi que, numa sexta-feira, quando foi feita a convocação para orar, apenas quatro das 150 pessoas que havia oraram, e as que o fizeram tinham entre 40 e 60 anos. Isso não quer dizer que não é importante orar e ler o Alcorão, pois em Madón, se alguém quer ganhar respeito dos outros, precisa fazer essas duas coisas. Mesmo assim, os madonitas acreditam nos espíritos e os adoram. São idólatras, mas escondem o fato quando são questionados, pois, se o admitissem publicamente, cairia a base principal de sua crença de que *há um só Deus*; assim, ficariam sem a liderança do Alcorão. Isso os afetaria muito, pois são guiados pelo valor básico diretivo.

Aplicação

É necessário perceber quais são os costumes que um missionário deve adotar dentro de uma sociedade madonita para ser bem-vindo e para que sua mensagem seja ouvida.

1 - Ler a Bíblia todos os dias. Isso pode causar surpresa, porque um madonita respeita toda pessoa que demonstre entrega a Deus e à sua religião, ainda que não seja o Alcorão, entrega a Deus e à sua religião, ainda que não seja o Alcorão. Quando morei na casa de Norting, eu lia a Bíblia ao mesmo tempo que o Alcorão. Isso me deu oportunidades de falar do Evangelho.

2 - Orar. É muito importante imitar a maneira deles, uma vez que são guiados pelo valor básico de direção. Se a oração é feita de maneira errada, ninguém acredita que se está orando. É importante que, ao buscar a Deus em oração, a pessoa esteja completamente limpa, com mãos, pés e cabelos lavados, ajoelhada sobre uma almofada e tocando o chão com a fronte.

3 - Dar esmola aos necessitados.

4 - Vestir *chilaba* às sextas-feiras, numa festa ou numa visita a um amigo importante ou tradicionalista.

5 - Não fumar ou beber álcool. Ainda que em alguns países não seja impróprio que os crentes o façam, isso não seria aceitável em Madón, pois seria considerado hipocrisia.

6 - Ter uma família ajustada e educada.

7 - Ser hospitaleiro.

8 - Se o obreiro é casado, que sua mulher não trabalhe fora.

9 - É importante ir preparado para perguntas intelectuais tais como: "É possível a Deus ter um filho se ele não tem esposa? Como é possível matar o filho de Deus Todo-Poderoso?"

Os madonitas sustentam cientificamente que o Alcorão é infalível, baseando-se em exemplos como este: "O Livro, o Alcorão e a Ciência.", escrito por uma moça de 24 anos que estudou matemática, a qual explica porque o Alcorão diz que se uma mosca cai num copo de leite é preciso afogá-la. Os cientistas comprovaram que a mosca num lado tem micróbio e no outro antimicróbio.

Se um missionário trabalhar nas cidades grandes de Madón, deve preparar-se para enfrentar todo tipo de perguntas e questões.

CAPÍTULO 8

A BOA MULHER EM MADÓN

Ines de Sotelo

Se eu fizesse uma pesquisa em qualquer país ocidental de como deve ser uma boa mulher, haveria sem dúvida uma grande e diversificada resposta. Cada um teria sua própria opinião pessoal. Não é assim que se pensa em Madón. Aqui, a mulher tem seu papel determinado e específico. Isso é causa de muitos conflitos, mal-entendidos e até rejeições, já que a sociedade madonita não pode aprovar a má conduta da mulher estrangeira que viola o que se espera ser seu comportamento.

Muitas estrangeiras atuam da mesma maneira que as prostitutas de Madón, por isso é absolutamente importante saber qual é a conduta correta de uma mulher respeitável nesse país. O propósito deste trabalho é dar o ponto de vista madonita sobre o comportamento que se espera de uma boa mulher. Descreverei de modo detalhado o modo de atuar, o estilo de vida e as características da mulher direita e boa em contrate com a mulher má. Para isso, baseio-me no sistema de valores básicos para mostrar que há um código de comportamento que a madonita deve observar se quiser ter o conceito de "boa mulher". Em seguida, aplicarei essas regras à estrangeira que deseja viver em Madón e darei instruções, conselhos e advertências sobre o tema.

O trabalho apresentado pode servir de manual de comportamento para uma obreira transcultural, ajudando-a a viver bem e a ministrar à mulher madonita cristã de maneira culturalmente aceitável.

Percebi que, nos lugares pobres ou mais tradicionais, dava-se ênfase no papel da boa mulher, desde as mocinhas

até as mais velhas, seja qual fosse sua idade. Para minha grande surpresa, notei que a maior parte da documentação desta pesquisa era válida para as famílias modernas e para as cidades europeurizadas. Realizei as observações em cinco cidades madonitas, onde morei em seis ambientes familiares durante os meses de fevereiro a maio. Nesses lugares diferentes, pude entrevistar um total de 24 pessoas tanto mulheres como homens, solteiros, casados, divorciados e viúvos, entre 19 e 65 anos, de vários níveis sociais, econômicos e culturais. As afirmações deste trabalho são um resumo de minhas observações, entrevistas e experiências.

Valores básicos

Toda nação, indivíduo ou grupo étnico tem motivações específicas subjacentes a seu comportamento. Mostrarei o significado das escalas utilizadas, pois ajudarão a compreender melhor porque é tão importante comportar-se como uma boa mulher, de acordo com as normas dos madonitas, quando se decide viver entre eles.

Status atribuído

A pessoa que é regida por esse valor básico pode ser descrita assim: ela demonstra respeito em concordância com as normas estabelecidas por sua sociedade, desempenha o papel que é exigido de sua posição pelo comportamento e pela forma de se vestir, e procura viver de acordo com sua posição na sociedade. No geral, a sociedade madonita é de status atribuído. Isto significa que ela tem de cumprir um papel específico no que diz respeito ao comportamento e à maneira de se vestir.

Durante a pesquisa, convenci-me de que existe uma lei não escrita, uma regra não mencionada de conduta para a mulher madonita, uma vez que todos os entrevistados deram mais ou menos as mesmas respostas.

Dicotomia

No que diz respeito a esse valor básico, a orientação também exerce uma parte importante em conexão com o papel da mulher madonita, já que há uma forma correta e outra incorreta de fazer as coisas. Esta categorização não dá liberdade para ter opiniões, idéias ou gostos pessoais, nem tolera os demais, mas sim dita a maneira adequada e a inadequada de se comportar. Acontece o mesmo quanto à madonita: ou ela é uma mulher boa que cumpre os requisitos do comportamento ou é o oposto, uma mulher má.

Realização por meio das relações

Existe um terceiro valor importante em Madón e que pressiona a mulher boa a desempenhar seu papel, já que demonstra que ela não vive de maneira individualista, e sim orientada à interação com os outros. É o valor básico da realização por meio das relações. Elas têm alvos definidos, determinados por sua interação com outras pessoas, com a família, com o clã e com os membros da sociedade. Como a identidade é derivada de seu grupo, sentem-se obrigadas a pertencer ao grupo e, assim, preferem se submeter a ser tiradas dele.

Compreendidos esses valores e motivo das regras estritas de conduta na vida das madonitas, é óbvio que a estrangeira precisa conhecer esta regra de comportamento, a qual descreverei detalhadamente nos próximos parágrafos.

O comportamento da mulher

O aspecto exterior

Uma das instruções mais severas no código de comportamento refere-se ao aspecto exterior. Até o Alcorão

dá instruções sobre o comportamento modesto e moral quanto às roupas das mulheres:

> "Dize aos crentes que recatem seus olhares e conservem seus pudores, porque é mais plausível para eles; Deus está bem inteirado de tudo quanto fazem. Dize também às crentes que recatem seus olhares, conservem seus pudores e não mostrem seus encantos naturais, além do imprescindível; que cubram o rosto com seus véus e não mostrem seus encantos a não ser para seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos e sobrinhos, às mulheres crentes, suas servas, seus criados não-púberes ou crianças que não discernem sobre a nudez das mulheres; que não agitem seus para que se descerre o que oculta seus encantos.
>
> - Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Deus, a fim de que triunfeis!" (6)

O vestir

Para a mulher madonita, é feio chamar a atenção de um homem que não seja seu esposo. Dentro de casa, rodeada apenas pelo esposo e pelos filhos, ela não é tão cerceada. Mas, quando põe o pé fora de casa, tem de entrar no esquema das regras estritas. Na rua, usa a *chilaba*, que é uma roupa larga, como uma túnica, que cobre a roupa que se usa dentro de casa. Não tem cintura marcada, de modo que os contornos do corpo não sobressaem. São de diferentes cores e modelos, que mudam um pouco todos os anos, e, por existem as modernas e as antigas.

A *telmeta* é usada só pelas bereberes, não pelas árabes. Em geral, essas roupas são confeccionadas em algodão fino ou linho, e cobrem a cabeça e o corpo, como nos dias do Novo Testamento. O uso da *chilaba* e da *telmeta* é obrigatório para a mulher que sai à rua e quer ter boa reputação.

Só as casadas, especialmente as de boa reputação e de famílias tradicionais, usam véu. Há duas classes: uma entre os árabes e outra entre os bereberes. O véu não é obrigatório, mas constitui claramente um sinal de sobriedade. O lenço na cabeça também não é obrigatório, mas toda mulher modesta o usa, mesmo dentro de casa. Há muitas maneiras de usá-lo, por exemplo, a seita da irmandade tem o costume de cobrir a cabeça com um lenço escondendo todo o cabelo, devendo estar todo o pescoço coberto.

Dentro de casa ela usa uma *gandora* ou uma *caftán*. São roupas largas que se ajustam na cintura com um laço. Em casa, a mulher madonita também usa uma espécie de camisola, que pode ser de manga curta ou longa, dependendo do que está fazendo, e debaixo dessa roupa usa-se uma blusa ou um *pulover*.

O *siruel* é uma espécie de roupa íntima comprida, que pode ser enfeitada ou simples. A cor e o tecido variam muito. A mulher realmente modesta sente-se obrigada a usar, já que é uma *hashuma* mostrar as pernas. Se a mulher deixa-se ver com mangas curtas ou sem manga, com decotes baixos, *tops*, calças compridas, vestidos justos, *shorts* ou mini-saias, isso demonstra que ela é má. Todas as cores são permitidas para as roupas, não havendo cores más ou boas.

A maquiagem

É permitido à mulher madonita embelezar-se muito bem para seu marido, em casa. Por exemplo, minhas anfitriãs ficavam maquiadas depois do hammam; também se embelezavam para as festas ou ocasiões especiais, mas não para sair na rua, onde outras pessoas, especialmente homens, podiam vê-las. Elas se maquiavam com os seguintes produtos:

Kehl – uma substância preta para os olhos;

Suakh – pedacinho de madeira, que quando colocado na boca, limpa os dentes e fortalece as gengivas.

Alheña – usada para avermelhar o cabelo, as mãos e os pés.

As jóias

É permitido usar apenas algumas jóias, tanto na rua como em casa. As jóias extravagantes, como brincos grandes e chamativos, podem ser usadas em ocasiões especiais, tais como casamentos. As jóias de ouro são muito apreciadas. Usar prata pode significar pobreza ou o fato de ser solteirona.

Se um marido quer demonstrar que ama sua esposa, e se ele pode pagar, compra-lhe jóias de ouro, especialmente braceletes. O valor e o status de uma mulher podem ser medidos pela quantidade de braceletes de ouro que usa.

O cabelo

Usar cabelo curto é uma *hashuma* para a mulher. O ideal é ter cabelo longo. Em geral, a mulher madonita não usa o cabelo solto; ela faz um rabo ou um coque. O mais comum é cobrir os cabelos com um lenço, para que não se veja sua beleza e formosura e, também, para não incomodá-la quando está trabalhando.

Enquanto vivia em diferentes lares e cidades, vestia-me de acordo com o modo ou regras estabelecidas, e tive experiências bem positivas. Numa cidade muito populosa, usei nos primeiros dias roupas ocidentais (jeans, saia, jaqueta); depois, passei a usar minha *chilaba* e um lenço na cabeça. Imediatamente houve uma mudança na atitude da vizinhança em relação a mim. As pessoas cumprimentavam-me com mais delicadeza e dirigiam-me a palavra com mais respeito.

Quando vivi com outras famílias, também me vesti com sobriedade. Cada vez que usava uma roupa árabe *(gandora, chilaba* e lenço na cabeça) percebia que era mais aceita e aprovada pelas pessoas. Fui a uma cidade bereber e cheguei

a usar telmeta e o véu; por isso, a comunidade me respeitou mais. Demonstravam isso cumprimentando-me e ressaltando minha sobriedade. Fui ainda mais aceita quando notaram que até minha roupa íntima era comprida e escondia as pernas.

Numa cidade com forte influência européia em que fiquei, pude estudar tudo o que envolvia o estilo de roupa das pessoas. Percebi que entre 80 a 90% das mulheres vestiam-se do modo árabe. Entrevistei as mulheres modernizadas [7] para saber o que elas pensavam das mulheres ocidentais que usavam roupas árabes com sobriedade. Todas elas me incentivaram a usá-las.

Tomarei Yamila como exemplo para mostrar como é uma madonita moderna. Quando fiz a pergunta: "Como se veste uma mulher má em Madón?", a resposta foi imediata: "Talvez assim como eu me visto". Então começou a rir e disse que estava só brincando. Depois, encorajou-me a usar *chilaba*, lenço na cabeça, *gandora* e *siruel*, se eu quisesse ser tratada como uma mulher sóbria. Essas roupas precisam ser vestidas de forma correta. Por exemplo, este ano a *chilaba* não vai até o pé; está um pouco mais curta.

Aonde ir

Via de regra, espera-se que a mulher fique em casa, ocupada com seus afazeres domésticos. Não deve sair para passear. Uma mulher de boa reputação não pode ser vista desacompanhada na rua. À noite, ela não pode sair de forma alguma. É rigorosamente proibido entrar nas cafeterias, considerados lugares de homens. O único lugar a que ela pode ir são os salões de chá que existem nas cidades grandes mas, neste caso, também precisam estar acompanhadas.

A menos que vá com seu marido ou alguém da família, não é comum que a mulher madonita freqüente restaurantes, pois sempre come em casa. Normalmente, não viaja sozinha, somente em caso de emergência, como por exemplo, ir para

algum hospital. Não pode dormir em hotéis, só na casa de familiares. Cada vez que eu falava que ia viajar, perguntavam-me onde iria ficar. Seu eu respondesse: “Com uma família”, ficavam muito satisfeitos. Mas, se eu dissesse que ficaria num hotel, olhavam-me com desaprovação e perguntavam o motivo. Ainda que eu lhes explicasse, não compreendiam como uma boa mulher poderia ter alguma razão para dormir num hotel.

A boa mulher também não pode nadar, nem na companhia do marido, pois para isso teria de estar quase sem roupa. Não é permitido ir ao cinema, a menos que seu marido esteja com ela. O mesmo é válido para bailes e clubes noturnos. Dançar é adequado somente no meio familiar. Por outro lado, é-lhe permitido ir *a medina*, ao mercado e aos *hanuts* fazer suas compras.

À tarde, ela sai para visitar parentes, amigas ou recebe visitas em sua casa. Vai ao *hamman* uma vez por semana. Sabendo que a orientação do valor básico dos madonitas é sobre a relação interpessoal, ao ir a esses lugares, ela sempre o faz acompanhada.

Não é normal sair para praticar esportes ou ir ao teatro. Só poderá realizar suas atividades acompanhada pelo marido ou com a permissão dele (o que é difícil, já que esses passatempos não correspondem ao seu tempo livre).

Por ter vivido em lares madonitas e procurado viver como uma mulher de boa reputação, compreendi que, por causa das grandes diferenças que giram em torno dos costumes, não é nada fácil adaptar-se. Também notei que eu tinha de satisfazer certas necessidades se quisesse ser uma madonita. Por exemplo, como elas, vivia dentro de casa quase o tempo todo. Sentia-me enjaulada e tinha uma forte necessidade de tomar ar fresco e ter uma vida “normal”. Achei uma solução, saindo do ambiente com minha família por uns dias para voltar aos costumes que sempre tivera, como reunir-me com mulheres ocidentais, comer bem num restaurante, assistir a um filme, ou simplesmente caminhar

de mãos dadas com meu marido. Isto me animou muito, dando-me fôlego para continuar.

Suas ocupações

A Casa - As principais atividades e responsabilidades da mulher estão dentro de casa. Quando eu fazia a pergunta: "Onde está a boa mulher de Madón?", a resposta imediata era: "Está em sua casa, não na rua".

A mulher prepara o café da manhã, costura, lava roupa e amassa a farinha para o pão (não se compra pão em padarias, ele é feito em casa). Ainda que tenha empregada doméstica, fazer o pão é tarefa dela. Lava-se a roupa na mão, porque a máquina de lavar é um luxo para ricos – só eles podem pagar. Mas saber lavar roupa na mão é um símbolo de status; é um sinal que ela é uma boa mulher.

Enquanto estávamos com uma família de Bereber, tive uma experiência que reafirma o papel de uma boa mulher madonita. Assim que cheguei, eu lhes disse que queria conhecer as atividades da mulher madonita e como ela vivia. Os anfitriões trataram-me tão bem que me senti membro da família, e não uma visitante. Isto significava que eu, ficando em casa, ajudaria também nas atividades domésticas. Quando resolvia estudar as lições do idioma ou fazer meus estudos antropológicos, eles me chamavam para lavar e enxugar a louça, limpar a cozinha, lavar e preparar as verduras para a refeição, limpar o quarto, etc. A dona da casa simplesmente não tolerava que eu não atuasse como uma mulher madonita, o que consiste em estar sempre ocupada dentro de casa com tarefas domésticas.

Os filhos – Além de ser uma boa dona de casa, a mulher madonita deve inevitavelmente conceber. Se isto não acontecer, seu marido casa-se com outra.

Ela cuida dos filhos, das roupas, da alimentação (os bebês são amamentados até que rejeitem o leite materno) e da educação, o que significa não deixá-los brincar com más companhias e respeitar os pais, os avós e as tradições.

Seu relacionamento com os outros

Com o esposo – Ela deve se submeter ao marido, fazendo o que ele pede e evitando o que ele proíbe. Não pode decidir nada sem consultá-lo. Uma boa mulher madonita honra e respeita a família de seu marido, especialmente a sogra que, em muitos casos, vive com eles.

Numa cidade importante, uma jovem esposa turca ia três vezes por semana correr num estádio com uma vizinha. Ela o fazia secretamente, sem autorização do marido, e tinha muito cuidado para que a família dele não soubesse.

A boa mulher não discute com seu marido, não molesta, não se queixa, não resmunga nem procura ter a última palavra. Não lhe pergunta onde vai ou por que vai, para não controlar sua vida. Ela aceita o fato de não ser tratada como gostaria.

Deve ser uma pessoa tranqüila e muito atenciosa com seu marido, preocupando-se com seu bem-estar e suas necessidades. Por exemplo, cozinhar, lavar e passar suas roupas, engraxar seus sapatos, ter a mala dele pronta para quando tenha de ir ao *hammam*.

A boa mulher não exige que seu marido compre muitas coisas, sendo modesta em seus desejos e necessidades. Nunca o acaricia em público, nem na rua diante de outras pessoas. Não o beija, nem o toca ternamente ou diz palavras carinhosas, pois isso é *hashuma* na cultura madonita, não sendo formas adequadas de expressar amor. Em vez disto, deve simplesmente cuidar dele, mantendo a casa e as roupas em ordem e servindo-lhe o melhor pedaço de carne quando comem.

Enquanto observava o comportamento das mulheres madonitas, esforçava-me para imitá-las. Não conversava muito com meu marido em público. Na frente dos outros, não perguntava onde iam, o que iriam fazer, ou quando voltariam. Com relação ao meu marido, nunca coloquei obstáculos para que ele saísse com outros homens e não me queixava quando ele passava muito tempo fora de casa. Também não demonstrava meu afeto em público, não segurava sua mão ou o abraçava, mas o fazia da maneira cultural aceitável. Em certa ocasião, dei-lhe o meu pedaço de carne, que estava em meu prato. Os membros da família perceberam o gesto e, com uma risadinha demonstraram aprovação. Notei também que, graças a essa postura, meu marido era respeitado pela comunidade. Um obreiro cristão disse-me que todos respeitavam meu marido devido ao meu comportamento.

O relacionamento com os parentes e os vizinhos

Uma boa mulher é amável com todos, não sendo caprichosa nem mal-humorada. Nas culturas árabes, é muito importante cumprimentar cada pessoa como lhe corresponde. (8)

Uma das características que se destaca nos relacionamentos interpessoais é a honestidade. A boa mulher não fala bem de nenhuma pessoa e, logo que esta se retira, começa a falar mal dela. No entanto, percebi que essa maneira hipócrita de agir é comum em Madón, e talvez seja por isso que as pessoas entrevistadas destacaram tal procedimento. Uma amiga minha que morava num povoado bereber disse-me: “Eu gosto desta mulher e a respeito quando ela fala, o sim é sim e o não é não. Ela é honesta”.

Dentro do que consideram um comportamento adequado da mulher, é óbvio que ela não deve ser intrometida, tampouco deve dar palpites ou expor seu modo de pensar quando não lhe pedirem.

A hospitalidade é muito importante. Vez por outra, a boa mulher tem hóspedes em casa para almoçar e para dormir. Cada vez que alguém chega para visitar ou só passa rapidamente, ela se vê na obrigação de servir pão, chá, doces, azeitonas ou até uma refeição completa. Por exemplo, certa vez, Turia estava preparando um frango para o almoço; então chegaram alguns parentes. Imediatamente ela mandou a sobrinha comprar outro frango no armazém, de maneira que uma hora depois comemos dois frangos. Seria uma *hashuma* se as visitas não tivessem o suficiente para comer.

A boa mulher deve estar preparada para emprestar suas coisas aos vizinhos ou aos membros da família. Em Madón, as pessoas trabalham juntas, por isso pedir emprestado e emprestar é muito comum na vida deles.

Na festa da circuncisão do filho de Turia, eu a vi pedir emprestado à sua vizinha e aos outros parentes um jogo de sala, com sofás, mesas, almofadas, pratos, panelas, toalhas e até lençóis!

Zaida disse uma vez: "Uma coisa que não gosto nas estrangeiras é que, quando alguém pede alguma coisa emprestada e, por acidente, acaba quebrando ou perdendo o objeto emprestado, elas dizem que é preciso substituir. Isso é muito feio, uma madonita nunca faria isso".

O relacionamento com homens

Os contatos com as pessoas do sexo oposto são bem limitados. Se o homem não pertence à família da mulher, ela não deve dirigir-lhe a palavra, ainda que seja o melhor amigo do seu marido.

Observei que, cada vez que um homem que não fosse parente batia na porta da casa de minhas anfitriãs, elas o mandavam embora dizendo: "Meu esposo não está, volte só à noite." Não se pode deixar um estranho entrar na casa; somente os homens da família são recebidos. As boas madonitas não podem ter amizade com outros homens.

Certa vez, eu estava conversando com um grupo de mulheres e comentei sobre um homem, dizendo que era um amigo meu e de meu amigo. Imediatamente, elas me corrigiram, dizendo que o certo era falar: "um amigo de meu esposo", "um amigo nosso" ou "um amigo da família", pois eu tinha me expressado de maneira vergonhosa e inaceitável.

A boa mulher nunca beija um desconhecido quando este lhe é apresentado; somente estende a mão, sem fitá-lo, desviando o olhar para o chão ou para o lado. Não se deve falar muito sem sorrir. Ela deve andar na rua sem olhar para a direita ou para a esquerda, mas só para a frente, pois podem exemplo: "Se uma das minhas amigas encontra-se acidentalmente na rua com meu esposo e quer mandar-me um recado através dele, como: 'Vamos ao *hammam* amanhã às duas da tarde?', ela não deve fazê-lo, pois outras pessoas podem ver e pensar mal. O certo é que ela mesma venha à minha casa para me convidar."

Certa vez, meu marido encontrou na rua uma amiga de nossa anfitriã. No dia anterior, havíamos tomado chá em sua viu na rua, seguiu seu caminho sem sequer olhar para ele. O fato é que atuou conforme as regras de comportamento. Não parou para falar ou sequer cumprimentar um homem. Fui vivendo da mesma forma e logo descobri que na realidade existem dois mundos em Madón: o dos homens e o das mulheres.

Por causa de meu bom comportamento em relação ao sexo oposto, vim a fazer parte do mundo das mulheres, sendo aceita como uma delas; isso me abriu muitas portas.

A Postura Religiosa

Oração – Sua vida de oração deve ser visível. Se não a virem orar, não acreditarão que você o faz. Uma vez, quando eu estava num povoado bereber em companhia de algumas mulheres tomando chá, as mais idosas saíram de repente para orar. Depois de um tempo, saí pelo mesmo motivo.

Quando voltei, algumas delas, especialmente as mais velhas, abraçavam-me e beijavam-me, dizendo: *Meziana e Zuina*! O fato de uma estrangeira orar chamou-lhes a atenção. Eu tinha 27 anos cuidar e não tinha muito tempo para orar, pois precisava cuidar das crianças; mas, mesmo assim, orava várias vezes ao dia. Muitas vezes havia pessoas observando o que eu fazia e como orava. A princípio, orava como fazia em meu país, sentada com as mãos cruzadas e os olhos fechados. Às vezes me interrompiam, penando que eu estava dormindo; por isso, comecei a estender uma toalha no chão ou colocar uma almofada, ajoelhando-me em cima. Eu gostava muito de cantar, e lia a Bíblia e orava em voz alta. Não era exatamente como os madonitas faziam, pois eles têm regras e normas como os madonitas faziam, pois eles têm regras e normas para orar; mas dessa forma eu demonstrava que orava.

Uma amiga norte-americana e sua anfitriã Hanna vieram visitar a família que me hospedava. Ao chegarem, saí de meu quarto após concluir meu tempo de oração. Isto foi muito agradável para Hanna. Ela perguntou à hospedeira: "Por que você não ora?" A amiga respondeu: "Claro que eu oro!" E a outra replicou: "Nunca vi você orar! Você não ora!" Este incidente demonstra a ênfase na importância de orar não somente à noite ou de manhã, quando ninguém nos vê, mas também durante o dia!

O Jejum – É lei em Madón jejuar no *Ramadán*, e os que não a cumprem são vistos como transgressores e ateus. Sempre me perguntavam se eu estava jejuando e, como respondia que sim, eles ficavam satisfeitos. Até os jovens que nunca oram e são modernizados notavam minha disposição em jejuar.

As Esmolas – Uma boa mulher dá esmolas aos pobres. Uma de minhas anfitriãs oferecia todos os dias uma xícara de

café a um velhinho pobre que passava por ali. Ela mesma não era rica, porém dava para os mais pobres ainda.

Quando saíamos para as compras, eu sempre levava umas moedas a mais. Ao passarmos ao lado dos mendigos, minha filhinha e eu às vezes dávamos uma moedinha. Discretamente, olhávamos para as madonitas que nos acompanhavam e víamos que elas falavam em voz baixa em tom de aprovação sobre aquilo que fazíamos.

Um dia minha filhinha gritou: "Mãezinha, quero meu dinheiro! Mãe, quero meu dinheiro!" e as madonitas imediatamente perguntaram: "Está tudo bem? Ela quer comprar umas bolachinhas?" Mas, quando viram a garotinha dando seu dinheiro a um velhinho pobre sentado na rua, exclamaram: *Meziana*! *Zuina*!

Como eu orava, jejuava e dava esmolas aos pobres, as madonitas consideravam-me não só uma mulher boa e sóbria, mas também uma mulher crente, que não vivia como atéia.

Graças a isso, surgiam oportunidades para dar testemunho de minha fé, falando de minhas experiências pessoais com Deus e respondendo às perguntas que faziam.

Como se comporta uma mulher má

A mulher madonita que não anda corretamente

A boa madonita não deve de maneira alguma andar com a mulher má; caso contrário, será julgada mal. É como diz um velho ditado: "Dize-me com quem andas e eu te direi quem és."

A mulher má é o oposto da boa. Ela faz tudo o que não se deve fazer: bebe, fuma e tem outros hábitos condenáveis. Os madonitas têm categorias de mulheres más. Eis algumas delas:

A mulher solteira – Para uma mulher madonita, ficar solteira é errado, sendo uma hashuma para toda a família. Faz parte do papel de uma boa mulher casar-se.

A mulher divorciada – Em Madón, o divórcio é muito comum. O homem é quem mais se divorcia. Para ele é muito fácil, ainda que o único motivo seja somente desentendimento com sua esposa. A divorciada é vista como uma mulher má e, ainda que não tenha tomado a iniciativa de divorciar-se, será culpada pela separação. É muito vergonhoso que ela volte divorciada para a casa de seu pai.

A prostituta – O nome popular é "mulher má". Assim, ninguém se vê obrigado a pronunciar a palavra fesda (prostituta). Mesmo na cidade Bereber, considerada a capital nacional da prostituição, onde em quase todas as famílias há uma mulher má, elas são condenadas enfaticamente. Não há nenhum tipo de desculpa para ser uma prostituta. Se ela é pobre, tem de trabalhar ou, em último caso, mendigar, mas nunca ser uma fesda.

As influências do ocidente

Culturalmente falando, como muitos podem pensar, Madón não é uma ilha fechada para as influências ao seu redor. Através dos imigrantes e turistas que estão no país, há o contato com o mundo ocidental. Também os meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e os jornais, fazem a ponte entre a sociedade madonita e o outro mundo, a fim de saberem o que acontece nele. Para alguns, isto significa uma luta entre duas antigas tradições, a religião islâmica e a influência ocidental.

Especialmente nas grandes cidades, os universitários e a nova geração estão se abrindo para a modernização. Com isso, ocorre um choque de gerações, e, como conseqüência, conflitos.

"Mas, no fundo do coração dos madonitas, quase todos são tradicionais", disse um amigo madonita que mora na

Espanha. Continuou: “Os homens jovens namoram com moças modernas, mas quando pensam em casamento, pensam numa moça que usa chilaba e véu na cabeça. Parecem modernos mas por dentro não são!”

Os mal-entendidos

Um madonita que está na sala assistindo a um filme francês ou americano balança a cabeça pensando na imoralidade ocidental, e percebe que os ocidentais que vivem em seu país fazem o mesmo que nos filmes e nos jornais. O mais trágico é que as mulheres ocidentais, sem saber, têm o mesmo comportamento de uma prostituta madonita. Por exemplo, elas sempre falam com os homens, olham nos olhos deles, riem com eles, não se vestem corretamente, nunca estão em casa, dormem em hotéis, em vez de em casas de famílias. A maioria delas não age desta maneira de propósito, mas sim por não terem sido informadas sobre a cultura nem as tradições e, assim, cometem tais erros.

Tenho tentado informar aos leitores sobre a função da mulher madonita e suas regras de comportamento. Se uma estrangeira não age de acordo com as leis não escritas, ela será classificada como uma “ mulher má”, ou simplesmente como “uma mulher liberal”, não sendo respeitada, mas, condenada duramente.

Aplicação

Morar em Madón, respeitar e conduzir-se de acordo com as regras de comportamento pode significar que as estrangeiras terão de abrir mão da liberdade que tinham antes. Cada uma terá de achar uma maneira saudável de viver nesse país. O preço é caro! Mas se a estrangeira não está disposta a pagá-lo, não conseguirá ganhar a simpatia do povo; ou seja, se ela não se adaptar, ninguém vai escutar sua mensagem; além disso, seu testemunho, ainda que íntegro, será considerado um mau testemunho.

Se uma obreira cristã quiser ter uma reputação boa, modesta e correta, é preciso que se comporte da maneira descrita.

No ministério entre os madonitas crentes

A obreira cristã que não viver de acordo com as regras de comportamento madonita, não só vai criar um obstáculo em seu testemunho entre os crentes, como também poderá influenciar outras mulheres dessa nação a conduzir-se mal. Ela só conseguirá levar as madonitas a uma atuação oposta a seu código de comportamento cultural e tradicional, em vez de guiá-las à compreensão dos princípios bíblicos para uma boa mulher, reta e piedosa, os quais aproximam-se mais da regra de vida madonita do que da ocidental. Se uma madonita crente não for ensinada conforme os valores de seu próprio contexto cultural, ela se ocidentalizará. Isso não é recomendado, pois provocará julgamento, rejeição e separação de sua família e, por fim, não poderá ganhá-los para Cristo. É necessário estudar e considerar alguns aspectos com mais profundidade.

Horários e lugares de visitas

Pela manhã, as mulheres não podem sair de casa, pois supõe-se que estão cuidando de seus afazeres domésticos. O melhor horário para reunir-se com elas é no começo da tarde, já que não podem estar na rua no fim da tarde ou à noite. O melhor é que as reuniões sejam feitas nas casas particulares pois a mulher madonita não pode ser vista com freqüência na rua ou sozinha em lugares públicos.

O relacionamento amistoso com homens crentes

Essa é uma área muito delicada, pois a mulher não deve falar com homens que não sejam de sua família e muito menos em público; não pode ter contato com eles nem jamais

os cumprimentar com abraços e beijos. A ordem do culto e o local das reuniões deveriam ser objeto de maior atenção. É bom que homens e mulheres se sentem juntos ou será melhor que as mulheres sentem-se em separado, como na Mesquita, onde ficam em outra sala ouvindo através do auto-falante? Apesar de serem decisões difíceis, os aspectos culturais do comportamento da mulher devem ser levados em conta.

Manual do comportamento

Continuaremos dando alguns conselhos e advertências práticas para a estrangeira.

A roupa – Vista-se com recato; para sair de casa, é primordial. Use sempre *chilaba* e *telmeta* (no caso de ministrar aos de bereber) e lenço na cabeça. Se achar melhor, use também o véu, pois demonstra uma sobriedade maior; se for casada, isso indica o desejo de agradar somente a seu esposo. Ao sair, use *gandora*, *caftán* e *siruel*. A roupa deve ser sempre um reflexo da posição econômica de quem a usa; por isso, não se vista como as mulheres pobres. Fora de casa, vista-se com uma *chilaba* moderna, e use roupas boas em casa. Nunca vista mini-saia, *shorts* ou blusas sem mangas ou de mangas curtas.

A maquiagem – Use maquiagem somente para ocasiões especiais (festas ou uma vez por semana, depois do *hamman*) ou de forma leve dentro de casa. Nunca para sair.

As jóias – Se for possível, use braceletes de ouro, pois é um testemunho de que seu esposo a ama. Não use muitas jóias.

O cabelo – Nunca use o cabelo solto. De preferência, deixe-o longo e não curto.

As atividades – Organize sua casa de forma mais modesta possível. Ela deve ser sempre limpa.

É muito importante aproximar-se de outra família (que poderá ser da vizinhança), pois isto poderá proporcionar-lhe a única oportunidade para sair e visitar parentes, vizinhos e amigos. É bom ter um dia reservado para visitar amigas e outro para recebê-las em casa. Isso vai ajudá-la pessoalmente no relacionamento social e até a passar o tempo livre.

Peça para uma vizinha ensinar-lhe as tarefas de casa do modo madonita. Lave a roupa na mão! Faça você mesma o pão! Cozinha a comida árabe! Peça que alguma amiga a leve para fazer compras no mercado e para ir ao *hammam*, assim, não precisará pagar um ajudante. Evite sair sozinha e seja sociável! Leve com você uma vizinha ou amiga, pois dessa maneira poderá conhecer mais pessoas. Nunca vá às cafeterias, nem procure seu marido nesses lugares. Não freqüente bares ou boates. Acompanhada de seu marido, você pode ir ao cinema e aos restaurantes. Nunca nade (em praia ou piscina) em lugar próximo ao que vive. Não tome banho de sol no quintal, no alpendre ou próximo às janelas. Tenha muito cuidado com o que veste dentro de casa, porque às vezes uma empregada doméstica pode ser a janela do povo. É bom tratar seu marido com muito respeito; não fale em voz muito alta, nem o corrija na frente dos outros. Seja honesta e nunca tenha medo de dizer a verdade na hora certa. É muito importante que se sim seja sim e seu não seja não! Tenha cuidado quando se trata de relacionamento com os homens. Fale com eles, mas fite-os o mínimo possível. Não demonstre muita amizade, não os toque, não abrace nem beije, especialmente na rua ou em público. Jamais receba a visita de um homem quando seu marido não estiver em casa; ainda que seja um amigo íntimo da família, é melhor que volte quando seu marido estiver em casa.

Seja generosa quando emprestar alguma coisa aos vizinhos. Não seja fofoqueira, para que a respeitem sempre e não pensem que você poderá falar mal deles, também. Seja piedosa e tenha uma vida autêntica de fé e, assim, suas

experiências com Deus terão impacto na vida deles. Não fume e não beba nada alcoólico (pelo menos em Madón).

Você deve ter seus momentos de oração durante o dia, e não somente pela manhã, quando ninguém pode vê-la. É preciso observar a festa do *Ramdán* e ter dias para fazer jejum. Dê esmola aos pobres. Coma alimentos *kosher* que não estejam proibidos pelo islã.

Escolha com cuidado a casa em que vai morar. Procure ver se é bem iluminada e arejada, já que você passará ali a maior parte do tempo. É muito importante que você goste de ficar em casa. Não tenha móveis ou objetos muito luxuosos, para que não haja distinção entre você e os madonitas.

Durante todo tempo de minha estada em Madón, e enquanto escrevia este livro, lembrei-me de outra boa mulher. Ao compará-las, percebi que ambas são muito semelhantes.

> "Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho, e de bom grado trabalho com as mãos. É ainda noite, e já se levanta e dá mantimento à sua casa, e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante a sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a

instrução da bondade está em sua língua. Atende ao bom andamento de sua casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos, e lhe chamam ditosa, seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras." Provérbios 31.10-31.

CAPÍTULO 9

O ESPOSO MADONITA

Marcelo Acosta

O islã é uma religião que obriga seus fiéis a seguir leis muito rígidas. Para orar, o muçulmano tem de purificar-se – lavando-se de maneira especial – estar numa certa postura e lembrar que até para orar existem regulamentos.

Em determinada data, deve ser feito rigorosamente o jejum do *Ramadán*. Como esse, existem outro preceitos. Portanto, como o islã penetra em todos os aspectos da vida, o homem que deseja obter o respeito devido a um marido precisa ser religioso, banhar-se como se manda, dar esmolas etc.

Examinando aspectos da vida do madonita casado, percebi muitas diferenças entre o comportamento esperado e o real. Reconheci que grande parte de meus conceitos ocidentais sobre "como ser um bom marido" diferem do que está no pensamento de um madonita.

Percebendo as diferenças no que a sociedade madonita espera de um homem casado e a realidade, achei que era um tema válido de se estudar. Este trabalho é resultado das pesquisas feitas em duas importantes cidades madonitas.

O esposo

O provedor financeiro

No islã, é o pai da família quem proporciona as provisões, a roupa e nunca permite que os outros conheçam sua situação financeira. (9)

O que mais pode fortalecer o orgulho de um esposo madonita é a capacidade de ser um bom provedor financeiro. O próprio Alcorão diz: “Os homens são os encarregados das mulheres... porque eles as sustentam de seu pecúlio...” (4:34). Isto implica que nenhum outro aspecto em seu papel de esposo pesa mais do que não prover todas as necessidades materiais de sua família; ele pode perder o respeito que se lhe deve. Sua esposa, seus filhos e seus parentes olharão para ele como um incapaz de cumprir seu papel. Em conseqüência, ele se sentirá menosprezado e isso romperá suas relações com os outros dentro e fora de casa.

Como o homem deve ser o provedor, ele não deixa a esposa trabalhar fora, pois tem medo de que ela se orgulhe e torne-se o “amo”. Provaremos que este medo não é infundado. Observemos Moulay Abdu. Este homem é mal remunerado e, por isso, sua esposa precisa trabalhar fora para ajudar nas despesas. Com isso, a relação entre eles chegou ao ponto em que a esposa, em vez de pedir, ordena que ele vá ao supermercado, faça a comida etc. Ele não é um bom provedor e, assim, perde sua autoridade como cabeça da família.

Em outra casa na aldeia bereber, ao perguntarmos a uma mulher se ela respeitava seu esposo como a seu pai, a resposta foi: “Como vou respeitá-lo se ele não trabalha?” Nessa mesma cidade, vimos outro esposo que era muito respeitado porque ganhava bem e supria todas as necessidades da esposa e dos filhos. Em outro lugar, um proprietário de um hanut tinha muito respeito por parte de sua esposa e seus parentes, porque tudo era suprido em sua casa. Ainda que um homem pareça incapaz de sustentar financeiramente sua família, isso pode não ser culpa dele. A situação econômica do país e a falta de estudo e de preparo o impedem de realizar seu ideal.

A sociedade espera que o esposo proporcione à sua família não só o indispensável, mas também meios para que seus filhos tenham uma boa educação e sua esposa possa

comprar uma chilaba nova e coisas supérfluas. Supõe-se que, ao mesmo tempo, o marido não gastará necessariamente seu dinheiro nas ruas ou nos cahuas. Como um bom esposo, deve saber utilizá-lo da melhor maneira o mais sabiamente possível, tendo em mente sempre o bem-estar da família. O homem trabalhador que não sabe administrar prudentemente seu dinheiro e não cuida direito de suas posses é visto com o mesmo desprezo que aquele que não tem emprego.

Ainda que o esposo agarre-se a esses ideais, na prática, é muito difícil alcançá-los. No geral, o esposo madonita supre o que é elementar para sua família, sendo que no resto ele é avaro. Claro, quando se refere a ele mesmo, o supérfluo torna-se necessário, como por exemplo comprar cigarros e ir nos cahuas com seus amigos.

Abd-Al-Masih estava certo quando disse: O mundo muçulmano é um mundo de homens. (10) Por isso, o homem sente-se livre até para violar seus próprios ideais de comportamento correto, ainda que continue havendo tensões provocadas pela divergência entre o comportamento esperado e o real. Até agora, as esposas não têm tido força social para mudar essa situação em Madón.

O que diz respeito à esposa

A mulher madonita é igual à ocidental. Sonha com um marido que a ame e seja fiel. Também deseja que ele fale de suas atividades fora de casa e que compartilhe com ela seus problemas pessoais. Para ela, é importante que seu cônjuge respeite seus desejos e ideais, ouvindo seus problemas. Ela quer um esposo que discipline seus filhos devidamente e os ensine a ser pessoas de bem, não os castigando se não tiver um bom motivo.

Ainda que isto seja o que se espera de um esposo, o madonita precisaria considerar sua esposa como um ser humano com os mesmos direitos que ele, crendo que ela é

digna de confiança. No fundo, porém, na mente do homem madonita existe o conceito de que a função da mulher é servir ao homem, dar à luz filhos e cuidar tanto de um como dos outros. O ciúme do marido faz com que suspeite de sua esposa em relação às demais pessoas, especialmente com relação a outro homem. Por isso, ele sempre quer que ela fique em casa. Esta também é uma das razões pelas quais os esposos não permitem que elas trabalhem fora de casa.

Um universitário solteiro disse que no Alcorão está a história de José e a esposa de Potifar, e de como ela tentou de todas as formas seduzi-lo para que tivessem relações sexuais. Usou isto para dizer que: "As mulheres em geral são enganosas." Este é um exemplo de como até os homens mias estudados vêem a mulher. Com tal conceito, é quase impossível que a esposa encontre o que deseja em sua vida conjugal.

Como já dissemos, a religião exerce grande influência sobre os madonitas e, claro, afeta a vida familiar.

Sobre a questão da autoridade, o Alcorão diz:

> "Os homens são os encarregados das mulheres, porque Deus os preferiu a elas... As boas esposas são obedientes, conservam seu pudor na ausência dos esposos em cumprimento à ordem de Deus. Quanto àquelas, de quem suspeitais deslealdade, enxotai-as e vedai-lhes os vossos leitos; e se persistirem, castigai-as; porém, se vos obedecerem, não as provoqueis. Sabei que Deus é Excelso, Notabilíssimo. E, se temeres desacordo entre ambos (esposo e esposa), apelai a um árbitro da família dele e outro da dela. Se ambos desejarem reconciliar-se, Deus os reconciliará, porque Deus é Sapiente, Inteiradíssimo." (Surata 4:34-35)

O esposo madonita normalmente quer demonstrar que ele é quem toma as decisões. Isso não permite que a mulher tenha espaço para expressar o que pensa e sente sobre

algum assunto. Ainda que possa existir um caso em que ela possa dar sua opinião, não significa que o homem levará a sério o que ela disser. Um jovem disse: “Quando a moça é solteira pode ter idéias próprias, mas depois de casar deve submeter-se ao seu marido”. Outro solteiro disse: “É feio perante a sociedade que a mulher tome as decisões em casa.”

Um dos contrastes mais notáveis com a sociedade ocidental é que nos casamentos madonitas não se expressam gestos físicos de carinho na frente dos outros. Um professor de árabe disse-me que para um homem é vergonhoso segurar a mão de sua esposa em público.

Nos quatro meses que vive em diferentes lares madonitas, jamais vi casais se beijando ou abraçando diante das pessoas. Um rapaz solteiro disse que nem perto dos filhos mostra-se afeto, para não dar mau exemplo.

É preferível ter uma só esposa. Isto pode ter diferentes razões, mas todos concordam que uma só é melhor. O Alcorão permite que os homens tenham até quatro esposas simultaneamente. Hoje em dia, eles se casam com uma só, o que difere da antigüidade. Este assunto tem provocado inúmeros problemas dentro da família, e continua provocando!

Uma madonita casada, professora universitária, disse que as mulheres nunca aceitaram que o homem tivesse o direito de casar-se com mais de uma esposa, mas, por causa da religião, precisam tolerar isso. Uma jovem estudante de inglês, solteira, disse que odeia seu pai pelo fato de ele ter se casado duas vezes, fazendo com que a primeira esposa e seus filhos sofressem muito. Um bereber casado afirmou que hoje em dia os homens têm só uma mulher por causa da situação econômica. Outro, que concordou com ele, acrescentou que o fato de casar com outra mulher também acarreta problemas na família.

O uso do tempo livre

Após algum tempo morando em Madón, escutei o seguinte comentário de um marido europeu: "Passei o dia todo com um amigo árabe. Estava entediado, porque na realidade não tínhamos o que falar. Assim, decidi ir para casa encontrar-me com minha esposa, em lugar de ir com meu amigo a um café (cafeteria). Fui surpreendido pela reação dele, imediata e dura. Disse-me: "Era só o que faltava! Você perdeu sua virilidade! Prefere estar com sua esposa do que ficar comigo... Vá, vá, fique com sua mulher".

Relatamos a realidade do árabe casado. A questão não é se ele iria mostrar atenção amorosa à sua esposa, mas sim o conceito de que a casa é o lugar das mulheres.

Certa vez, fiquei em casa à tarde com minha esposa e meu filho, recusando o convite de um amigo para sair: este retrucou: "Ah, vamos! Você vai ficar em casa o dia inteiro? Isso é para mulheres, não para homens!" Nem mesmo Si Brahim, o dono do *hanut*, pôde entender o motivo pelo qual eu gostava de ir para casa, em vez de ficar ali com ele, não fazendo praticamente nada. Um dia, esse amigo teve de fechar seu *hanut* para umas reformas e, em lugar de ficar em casa com sua esposa e seus filhos, o que seria perfeitamente normal em qualquer país do Ocidente, passou o dia inteiro jogando cartas, conversando e dormindo com ratos num *hanut* de um amigo.

Observando esses exemplos, vemos que os homens em geral (principalmente os madonitas casados) não passam seu tempo livre com a esposa em casa, mas preferem ir ao *cahua* jogar baralho ou damas, tomar chá ou café, comer, conversar ou olhar as mulheres. Às vezes, elas saem para andar com suas amigas ou ficam na porta de algum *hanut* da vizinhança falando com o dono e os amigos que passam por ali; uma vez por semana, vão ao *hammam*. Conheci um marido da aldeia bereber que era médico e raramente ficava em casa; às vezes, nem nos finais de semana. É difícil que um madonita saia para passear com a esposa e os filhos. Quando visitam

alguém, o normal é que os homens fiquem sozinhos numa sala bebendo chá e jogando, enquanto as mulheres permanecem em outro lugar, cozinhando, costurando ou simplesmente conversando.

Si Brahim comentou que, quando sai de férias e vai visitar seus parentes em outras cidades, ele sai para pescar ou caçar enquanto sua mulher fica em casa fazendo a comida. Naturalmente, não é isso que a sociedade espera do esposo. A mulher deseja que o marido esteja mais tempo com ela em casa – ainda que não o dia inteiro – e que saia mais vezes com a família. Infelizmente, seu desejo não se realiza, surgindo assim outro motivo de tensão dentro da família madonita.

O lar

Uma tarde, eu estava com minha família na casa de um madonita e esperava que servissem a comida, mas as mulheres estavam sentadas conversando. De repente, entro o marido trazendo os pratos com os alimentos que ele mesmo cozinhara. Perguntei-lhe se era normal em Madón que um homem cozinhasse em casa, e as mulheres responderam com um forte "sim!". Perguntei a outras pessoas e soube que não era verdade – um madonita dificilmente faz alguma coisa para cooperar com as tarefas da esposa. Sem dúvida ela gostaria que ele a ajudasse a lavar louça, cuidar das crianças e fazer as coisas necessárias. Aqui, outra vez, a frustração, pois o homem acha que fazer as tarefas da casa é coisa de mulher. Perguntaram a Mohamed se ele ajudaria sua esposa quando se casasse e ele respondeu: "Poderia ajudá-la, mas só de vez em quando, pois ela poderia se acostumar e tirar proveito da situação". Lahcen disse: "Sim, vou ajudá-la, mas quando tiver tempo". Acrescentou que não trocaria as fraldas do bebê se houvesse uma mulher dentro de casa; ele só o faria se estivesse sozinho com a criança. Por outro lado, o marido tem suas tarefas: fazer compras no hanut, preparar o chá em casa e levar o pão ao forno, e isso ele realmente faz.

Certa ocasião, estava com dois homens casados e dois solteiros. Brinquei com eles dizendo que um dia Madón teria uma rainha. Eles replicaram: "Nunca! Jamais! Se tivermos uma rainha, as mulheres casadas vão querer que seus maridos lavem roupa e lavem e cozinhem a verdura, e isso não é bom!".

Aplicação

A perspectiva da Bíblia

> "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela... Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja" (Ef. 5.25-29)

A palavra usada aqui para expressar o significado do amor é *agape*, que em grego significa o amor que se mede pelo sacrifício. Esta mesma expressão é usada em João 3.16 e em I Coríntios 13. Quando Paulo escreveu "*maridos, amai vossas mulheres*", estava tentando comunicar uma espécie de amor igual ao que Cristo demonstrou pela igreja, que foi capaz de chegar ao sacrifício. Portanto, amar a esposa é muito mais do que dizer "eu te amo". Significa estar disposto até a negar a si mesmo para prover as necessidades materiais, emocionais e espirituais dela. O marido precisa se esquecer dele mesmo e, com espírito de servo, dedicar sua vida para o bem-estar de sua esposa e filhos.

Junto com a idéia do amor sacrificial, o marido cristão tem a responsabilidade de ser o cabeça da família, recordando o que diz em Mateus 20.26-27. Juan e Paula Stanford dizem:

> "Se a posição do esposo outorga o direito de exigir e insistir, quem sabe não o livre de sofrer feridas e

desilusões por obrigar sua esposa a lhe obedecer... O esposo cristão deve ganhar o direito de mandar, pelo fato de ter posto sua vida a serviço de sua esposa, de tal maneira que a obediência dela seja voluntária". (11)

Para o esposo madonita

Em nenhuma parte da Bíblia vemos Pedro, Paulo ou mesmo Jesus dizer: "Maridos, passai cinco horas por dia conversando e ajudando vossas esposas, porque esta é a vontade do Senhor". Na verdade, as instruções são para que o marido ame e cuide de sua esposa, sendo o chefe da família. Portanto, o madonita, de acordo com a Palavra de Deus, tem de assumir sua posição de autoridade, o que inclui ser servo e pensar na esposa e em seus filhos antes de pensar em si mesmo. Deve aprender a se humilhar caso queira que sua esposa lhe seja submissa voluntariamente. Todos esses preceitos são bíblicos, e não culturais.

Quando um obreiro cristão trabalha numa cultura diferente, ainda que sempre se esforce para fazer tudo da melhor maneira possível, tende a pensar que sua forma de ser esposo é bíblica, mas nem sempre é assim. Pode ser que o obreiro faça coisas que realmente são bíblicas, mas talvez outras sejam tão somente ocidentais.

Certas atitudes, como ir direto para casa depois do trabalho, nada mais são do que exigências culturais. O que o esposo deve saber é que não deve se esquecer de dar atenção à sua família. Uma bela maneira de um ocidental expressar que ama sua esposa poderia ser lavando a louça para ela, o que não significa o mesmo para um madonita. Por esta razão, não é certo que o obreiro transcultural exija que o cristão madonita lave a louça, fique em sua casa a maior parte do tempo livre, troque as fraldas dos bebês, etc. Em lugar disso, deve encorajá-lo a encontrar, dentro dos costumes do país, maneiras que possam satisfazer às necessidades espirituais, emocionais, físicas e materiais de sua esposa.

Reconheço que há uma grande necessidade de estudar mais profundamente a função do esposo madonita à luz das Escrituras, um tema que está fora do alcance do presente trabalho. Portanto, passaremos agora a considerar algumas sugestões para o homem casado estrangeiro que procura ser aceito na sociedade madonita.

Para o esposo estrangeiro em Madón

Partindo do que dissemos até agora, quais seriam os requisitos necessários para um esposo estrangeiro ser aceito pelos madonitas e, assim, ajudá-lo no propósito da evangelização?

Não tenho todas as respostas, mas estou convencido de que devemos fazer alguma coisa para que os madonitas casados venham para o Senhor.

Em primeiro lugar, o obreiro deve demonstrar que é um religioso. Pode parecer contraditório com o que diz Mateus 6.1, 5, 16, mas o que deve ser julgado é a motivação. A meta aqui não é ser louvado pelas pessoas que o rodeiam, mas sim mostrar que os cristãos também oram e jejuam. Compreendendo isto, decidi me comportar como um bom esposo se comportaria em Madón no que diz respeito à religião. Dei esmola na rua perto de meus amigos madonitas, lavei-me antes de orar e orei na mesma posição que eles, sobre um pedaço de pano; li o Torá e o Inyil diante deles e, quando chegou o Ramadán, jejuei com os madonitas. Essas atitudes causaram uma forte impressão, pois não esperavam que um estrangeiro, normalmente julgado mau e iníquo, pudesse ser um homem tão religioso e temente a Deus quanto eles. Depois disso, quando eu falava de religião, eles ouviam e refletiam. Em poucos dias, toda a vizinhança ficou sabendo, pois as pessoas que nos hospedavam falavam que tinham um hóspede que não era muçulmano, mas era reto. Desde então, percebi que as portas começaram a se abrir para compartilhar minha fé com eles.

No tocante a ser um bom provedor, o estrangeiro deve demonstrar que é responsável por sua família. Sua casa deve ser conhecida pelo fato da esposa ser uma mulher feliz, pois o marido proporciona a ela e a seus filhos não somente o necessário para cobrir as despesas, mas também coisas extras que ela deseje comprar. Ao mesmo tempo, o esposo precisa cuidar para não perder o prestígio e dar a impressão de gastar mal seu dinheiro. Ele deve mostrar que é tão sábio quanto cuidadoso na forma de empregá-lo. Se alguém pedir emprestado, deve ser cauteloso na maneira de responder ao pedido, senão (como aconteceu comigo) irão pensar que o dinheiro não é tão importante para ele.

Ao lidar com minha esposa, cuidei de respeitar os costumes. Assim como os madonitas, não a toquei, abracei ou beijei diante dos outros. Tratei-a com dignidade, sem nunca gritar com ela e mostrando levar a sério sua opinião. Quando lhe pedia alguma coisa, fazia-o amavelmente e com respeito. Quando preciso, brincava com nosso filho para que ela pudesse organizar com mais liberdade as tarefas domésticas. Como esse era o comportamento esperado, as pessoas começaram a me apreciar. Eu demonstrava amar e respeitar minha esposa, e não deixei que interpretassem que não era eu quem mandava ou que minha esposa me dominava. Se isso acontecesse, eu perderia todo meu prestígio. A lição que tirei disso é que o esposo estrangeiro pode dar a devida atenção à sua esposa, mas deve fazê-lo da forma culturalmente aceita, demonstrando que é ele quem manda e toma as decisões. Se demonstrar fraqueza nesse aspecto, não será visto como um bom esposo e, em conseqüência, sua mensagem não será bem recebida.

O conflito continua sobre como o esposo pode ajudar na casa. É mais provável que, devido às barreiras culturais, o obreiro transcultural não possa ajudar em casa tanto quanto talvez gostaria. Mas pode contratar alguém para que o faça. Isso é culturalmente aceito, não custa caro e seria muito apreciado pela sociedade. Assim, o esposo não estaria

preocupado em não poder ajudar em casa, e sua esposa teria mais tempo para se dedicar ao ministério.

Creio firmemente que o obreiro transcultural que deseja ter um ministério bem-sucedido entre os madonitas deverá passar mais tempo fora de casa do que os cristãos ocidentais casados estão acostumados. Isso não significa que não deve ter tempo nenhum com sua família durante a semana, mas sim que precisa evitar ficar em casa à tarde, em vez de estar com o povo. Podemos encontrar madonitas na rua, nas cafeterias, e nos "banhos públicos", de maneira que o obreiro terá de ir até eles se quiser alcançá-los com o Evangelho. Nos finais de semana, o missionário deve evitar dedicar-se somente à sua família, pois é justamente nesse período que os madonitas se visitam. Assim, ele deve aproveitar para também fazer ou receber visitas.

Considero necessário ter um dia livre, mas sempre levando em conta o perfil cultural. Não é nada fácil! Cada família precisa levar diante do Senhor esta questão, pedindo-Lhe que equilíbrio e as forças necessárias.

Finalmente, outro aspecto que deve ser estudado é o do status atribuído ao esposo madonita e à sociedade.

Richard Smith nos diz: "A pessoa orientada pelo valor básico do status atribuído desenvolve normas para cultivar respeito e status a si mesma e aos outros. Tal pessoa procurará viver de acordo com sua posição na sociedade..."

Em uma cidade madonita onde moramos, tornei-me conhecido como um marido que só estudava. Como sabemos que o valor básico do povo madonita é o de status atribuído, eu estava "fora de lugar". Para eles, a posição de esposo requer o cumprimento de certas atividades; uma delas é o trabalho. Quando compreendi isso, na cidade seguinte em que vivemos esforcei-me para ser conhecido como um homem casado que estudava o árabe com o objetivo de se dedicar aos negócios em Madón. Isso fez uma grande diferença! A partir daí, trataram-me como um esposo que tinha certa função na

sociedade e, conseqüentemente, tornei-me objeto de respeito e consideração.

Levando em conta esta realidade, o obreiro transcultural precisa encontrar seus espaço na sociedade madonita e atuar segundo o que eles esperam desta posição social de esposo. Se não agir assim, será visto somente como mais um estrangeiro querendo viver entre eles em Madón. Os exemplos que vimos de maridos que não cumpriam seu papel de bom provedor e que por isso não eram respeitados, e dos que cumpriam bem seu papel, sendo portanto reconhecidos, demonstram o quanto é fundamental levar a sério este aspecto dos valores básicos em Madón.

CAPÍTULO 10

A MULHER SOLTEIRA

Silvia Martinez

Estava na cidade de Madón. Era um dia fresco no começo de abril. Um guia conduzia-me pelas estreitas ruas de medina. Tudo parecia um conto de fadas, era como se tivesse entrado no túnel do tempo. Aquele mundo era estranho... estranho e exótico. Tudo era surpreendente! Cheio de beleza! Havia também coisas comuns e sem tantos atrativos. O guia mostrava lugares escondidos da vista dos turistas, como paredes sem beleza mas que no interior escondiam verdadeiros palácios. Enquanto observava aquele mundo fantástico e procurava entender porque havia tanta riqueza oculta atrás de um aspecto tão simples, de súbito perguntei ao guia, um rapaz solteiro de 47 anos: "É comum encontrar solteiros em Madón?" Sua resposta demonstrou grande frustração pessoal; só mais tarde percebi a razão. Vejamos o por quê.

Nesse mesmo dia, entrando em um museu, pude observar uma descrição detalhada de um casamento. Tudo o que estava exposto, tirando alguns pequenos detalhes, tinha relação com o que a moça usa na cerimônia. Por que o guia sentiu-se tão mal com minha pergunta? Será que esse evento é tão importante para eles? Por que ele alegou, com uma mistura de raiva e tristeza, que era muito caro casar e manter uma família? Resolvi estudar o assunto.

Durante quatro meses, apesar de minhas limitações com o idioma, fiz perguntas, observei e analisei o tema. Morei em três cidades, com seis família diferentes, quase todas pobres. Obtive informações, especialmente de estudantes, para escrever sobre a vida da mulher solteira em Madón.

Observando mais tarde três jovens solteiras de 27, 29 e 34 anos, comecei a pensar no que significa ser solteira e sem Cristo nesse país muçulmano. Visto que também sou solteira, porém cristã, quis conhecer de perto essa situação, a fim de pode comunicar às mulheres solteiras de Madón a plenitude de vida que Deus pode lhes oferecer.

O que se espera de uma mulher

Que ela saiba conduzir um lar

Morando com seis famílias madonitas, percebi que, desde bem pequenas, as mulheres são educadas para dirigir a casa. Sem opção e de maneira restrita, a mãe designa o que devem fazer e como fazer. Chama-as logo cedo e sob suas ordens elas executam as tarefas da casa. Aos 12 anos, começam a amassar o pão, feito diariamente, e espera-se que cada mulher madonita saiba fazê-lo muito bem. É preciso técnica e força! As moças são ensinadas e treinadas a cozinhar. Se chegar uma visita em casa, o que é muito comum, elas preparam rapidamente o chá ou a comida para servir. São excelentes nos trabalhos manuais. Todas sabem bordar, costurar e tecer muito bem. Trabalham em suas casas até se esgotarem. Uma estudante de 18 anos que morava numa casa muito pobre lavou num só dia 18 colchas pesadas!

Aos 15 anos, qualquer moça já está devidamente preparada para dirigir sua própria casa com organização. É interessante ver que cada uma faz seu trabalho alegremente, gostando de realizar cada tarefa sem considerar isso uma carga, mas, ao contrário, sonhando com o dia em que terá sua própria casa, onde se sentirá como uma rainha. Como o povo madonita é movido por uma mentalidade dirigida pelos acontecimentos, ela vive esperando que chegue o maior evento de sua existência: o casamento!

Que se case

A sociedade, a família e a própria moça vêem o casamento como algo natural e normal na vida de cada mulher. Ela foi preparada para ser parte de uma família. A moça pensa que Deus a criou unicamente para ser esposa e mãe. Esta é sua única razão para viver!

Mustafá, um universitário de 18 anos pertencente à classe média baixa, perguntou-me: "Você não pensa em se casar: Para que você vive então? Para comer? Deus lhe deu um coração para amar e formar uma família". Vemos nestes pensamentos um resumo contundente de como a cultura madonita trata o assunto.

Pressões que a mulher solteira enfrenta

Foi educada para o casamento

Tudo o que falamos na primeira parte deste trabalho condiciona fortemente a mulher solteira. Ser educada para casar-se e estar esperando seu casamento é uma coisa. Quando o tempo vai passando e isso não acontece, a situação torna-se muito diferente. A pressão que surge é tão forte que a levará a agir conforme o que a sociedade madonita quer, e não como ela desejaria.

Um atleta tem o objetivo de alcançar uma meta, ainda que seja necessário passar por um treinamento envolvendo diversas disciplinas importantes. Assim também a mulher madonita é treinada para o casamento. Porém, não há um "treinamento" para aquela que não chegará a se casar.

Uma estudante solteira de 18 anos, muçulmana não praticante, disse-me: "Nenhuma moça pensa que não se casará! Todas acreditamos que um dia vamos nos casar". Mustafá declarou: "Uma moça pode adiar o tempo do casamento por causa dos estudos. Esta é a única razão válida para que ela o adie. Claro que, ao terminar os estudos,

ela deve se casar, porque do contrário vão considerá-la uma mulher má".

Em árabe, há uma expressão que se torna uma negação fortíssima dependendo da entonação da voz: *Safi*!, que significa: Chega! Isso sugere que um assunto está encerrado, e não adianta argumentar. É conclusivo. Não admite mais palavras. Fatiha, uma jovem madonita cristã de 27 anos recém-casada, comentou sobre o assunto: "As pessoas pensam que não se casar não é bom: uma mulher deve se casar, *safi*!"

O Alcorão ordena que as mulheres se casem

Madón é um país muçulmano e seu povo é dirigido pela autoridade do Alcorão. Na surata 4 do Alcorão, em vários versículos há referências à mulher, mas não se encontram orientações para a solteira; a menção é sempre dela com a família. Não há nada que aprove o celibato!

Na surata 24, versículo 32, há uma ordem quanto ao matrimônio: "Casai os celibatários dentre vós, e também os casadoiros dentre vossos escravos e escravas. Se forem pobres, Deus os enriquecerá com Sua graça, porque Deus é Munificente, Sapientíssimo". Em conseqüência, a solteira sente-se condenada pelo livro santo e traumatizada por saber que está desobedecendo sua religião. Assía, por exemplo, disse que queria casar-se para cumprir o islã.

Ela é mal vista na sociedade

O meio em que o ser humano vive afeta fortemente suas decisões e condiciona sua maneira de pensar, sentir e atuar. Madón não é uma exceção; lá, ao contrário, isso é acentuado. Portanto, essa sociedade, que atua com base de normas estabelecidas, pressiona a mulher que já passou dos 30 anos e ainda continua solteira. Todos os madonitas concordam em que o prazo para que a mulher se case vai no máximo até

essa idade. Mustafá explicou: "Quando uma mulher passou dos 30 anos e não se casou, ela é vista como uma mulher má, como uma prostituta. Se além disso ela morar só, pensarão que sai com vários homens". Fatiha expressou a mesma opinião. Abdelkrim, um jovem casado de 32 anos, estudante do Alcorão, resume categoricamente a pressão que uma mulher solteira sofre: "Uma mulher só tem duas opções: ou se casa ou se prostitui!" Quando a opção é permanecer solteira, a dedução é que ela se prostituirá.

A família quer que ela se case

A solteira enfrenta as imposições da sociedade e do Alcorão; certamente se encontra numa luta interna sem fim quando seu desejo natural de casar junta-se às pressões familiares, expressas em cada atitude. Alguns meses antes de se casar, Fatiha confidenciou: "Os anos se passavam e eu não me casava; por isso minha família estava muito triste". Depois do casamento, acrescentou: "Minha família não o faria, mas, se algumas famílias de Madón percebessem que sua filha já chegou aos 30 anos sem se casar, casariam-na com qualquer homem, seja ele mau ou bom, trabalhador ou não. A moça aceita isto apesar de tudo porque, afinal, ela quer se casar".

Outra situação que afeta a solteira é que ela sabe que depende de seus pais enquanto são vivos. Ela sabe que depende que esta dependência não é para sempre e, se morrem, torna-se um problema para o resto da família. Como solteira, é possível que não consiga trabalho e suas cunhadas nem sempre aceitariam que ela morasse com elas.[12]

Por causa de sua condição, ela vê o rosto daqueles que a amam tão triste que acaba tomando decisões erradas.

---

[12] Quando os pais morrem, os irmãos tornam-se responsáveis pela irmã solteira que permanece em casa.

Não há opções numa sociedade diretiva

A cultura madonita é um exemplo de uma sociedade diretiva. Entendemos isso pelo fato das pessoas se preocuparem em achar um único caminho certo que requer um sistema de autoridade com linhas precisas. Disto se conclui que a madonita, condicionada por esse valor básico diretivo, não sabe o que fazer quando não cumpre as normas que sua cultura estabeleceu em relação ao casamento. Experimenta uma frustração muito grande quando vê o tempo passar, "o trem da vida", como expressou Assía, e não consegue alcançar sua segurança pessoal através do casamento.

É um acontecimento esperando com ansiedade

O evento é outro de seus valores básicos e caracteriza-se por sua forte ênfase nos acontecimentos, sem nenhuma preocupação com o relógio e com o tempo. Em si mesmo o acontecimento já é importante: tudo gira em torno de luzes, cores e gente. Madón se move desta forma. Um acontecimento ansiosamente esperado é o casamento. É interessante observar o rosto de uma mocinha ao ver uma noiva. Sua vida gira em torno desse fato! Como espera com tanta ansiedade o dia do casamento, isto a condiciona; mas se vê que seu casamento demora para acontecer, se sentirá frustrada e fracassada como mulher.

Razões pelas quais uma mulher não se casa

Porque não há trabalho

O irmão de Mustafá, um muçulmanos de 24 anos, desempregado, disse enquanto conversávamos: "Quero sair de Madón e casar com uma estrangeira rica e européia". Fiquei surpresa com o que Mustafá declarou: "É verdade. Aqui não podemos casar com a mulher que queremos, porque não há empregos e, normalmente, as moças casam-se

com homens mais velhos, pois eles estão empregados". Em Madón, há um alto índice de desemprego e, mesmo para os que trabalham, o salário é pequeno. Fátima, irmão de Fatiha, uma estudante tradicional de 18 noas, confirmou que essa é uma das razões pelas quais muitas moças não se casam.

Porque a família é pobre

Notamos que nessa sociedade há uma fusão de três valores básicos, os quais, especialmente na hora do casamento, fazem com que os indivíduos sigam somente a tradição, que no caso pesa como uma lei. Estão a tal ponto condicionados que preferem prejudicar-se economicamente a quebrar os padrões de sua cultura.

O valor diretivo impede que experimentem uma nova opção e, assim, seguem o caminho tradicional. São muito cautelosos e realizam sempre o que já foi feito e experimentado antes em casamentos, para não cometer nenhum erro; afinal, pensam no que dirão as pessoas. Pelo fato de também serem dirigidos pelo status atribuído às festas, mantém a aparência usando vestidos caros, jóias, e outros acessórios, segundo o que é culturalmente correto.

Quem poderia arcar com todos os gastos de um casamento? Veja alguns exemplos: o noivo precisa dar um dote à família da noiva, que pode chegar a mais de 200 dólares. É necessário fazer uma grande festa, com muita comida e um enorme bolo de noiva. Também haverá uma orquestra para animar a festa, que pode durar de dois a sete dias, o que logicamente aumenta os gastos. A noiva deverá usar vários vestidos luxuosos, enfeitar-se com jóias de ouro, como cintos, diademas, broches, colares, etc. Ela deve brilhar! Para isto, precisará de muito dinheiro, exceto os que são muito pobres e não dispõem de recursos financeiros.

Porque não há homens suficientes

O número de mulheres em Madón ultrapassa o de homens. Alguns madonitas dizem que a proporção seria de seis a oito mulheres para cada homem. A razão disso é que muitos deles trabalham fora do país, outros se casam com estrangeiras e outros ainda morreram na guerra. Portanto, é natural que, a menos que saiam de seu país, muitas moças não tenham com quem se casar.

Porque ela quer escolher seu marido indo contra a cultura

No passado, era a família que escolhia. Hoje, elas lutam para escolher com a ajuda da família. Fatiha explicou: "A menos que o pai da noiva fale que sim, não estarão casados; irão até o governo, que em juízo vai decidir quem tem razão, podendo dar a permissão ou não".

Porque não quer dividir seu esposo com outras mulheres

Muitas delas desprezam o madonita porque ele as trata como escravas, não as deixa sair de casa e, respaldados pelo Alcorão (4:34), podem bater nelas se suspeitarem que se rebelaram. Sabem que o homem pode se divorciar delas simplesmente dizendo: Eu te repudio. Também não estão dispostas a dividir seus esposos com outras mulheres, ainda que o Alcorão permita que os maridos tenham até quatro esposas simultaneamente. Como disse Fátima: "O homem bate na mulher e as mulheres se batem entre si". Assía completou, dizendo que o homem madonita sempre mente para suas mulheres. Por estas e outras razões, elas sonham em se casar com um estrangeiro e pensam nele como um esposo perfeito, que as compreenderá, amará e tratará melhor. Na realidade, isso demonstra uma forma de escapar da situação em que vive a mulher de Madón. Querem se casar com um estrangeiro para conseguir sair do país.

O estado emocional da solteira

Tristeza

No meio de uma noite quente de verão, Assía comentou: "Se eu não casar, me sentirei muito mal; ficarei imensamente triste. Mas penso que vou me casar. Nenhuma moça aqui pensa que não se casará, isso não passa pela nossa cabeça!" Fátima, com tristeza nos olhos, disse mais tarde: "Se uma moça passa dos 30 anos, já está for a do tempo de se casar e, por isso, fica muito triste pensando que não se casará mais. Se eu não me casar…" – seu rosto ficou desalentado – "ficarei triste, muito triste, porque não poderei ter uma família, esposo e filhos". Todas as moças de Madón concordam que sentiriam o mesmo.

Pelo fato de terem sido educadas para formar um lar, consideram o casamento a solução mágica que as transformará – como num conto de fadas – em mulheres realizadas e sem problemas. É muito doloroso ver suas amigas e parentes da mesma idade casando e carregando os filhos nos braços, enquanto os dias passam e nada lhes acontece. Elas mergulham num mar de tristeza e amargura.

Medo

Elas temem o futuro. Perguntam-se: "O que será de mim? Será que casarei? Onde vou viver se meus pais morrerem? Como ganharei a vida?" Elas não estão preparadas para viver sem um esposo. Sentem medo da crítica, pois sabem que se não se casarem serão vistas como mulheres más.

Outro temor é serem vistas como uma ameaça a outros casamentos. Eu mesma já senti isso? Quando uma mulher casada soube que eu era solteira, logo se colocou na defensiva.

Solidão

Uma professora de 21 anos, solteira, não tradicional e de classe média, teve de sair de casa e morar com um grupo de moças para poder ensinar. Ela explicou: "Uma mulher não pode morar sozinha em Madón, porque as pessoas pensam que ela está mal da cabeça ou é uma mulher má".

A mulher deve viver com a família, o que não evita que ela se sinta só – no meio de uma multidão também há solidão! Ela não encontra uma forma de aliviar sua tensão – muito normal na mulher solteira – já que, devido à cultura machista, não pode passear sozinha, praticar esportes ou ir à praia, atividades que a ajudariam muito.

Não é comum ver uma solteira orando. Como o islão condena sua situação, não pode compartilhar com Deus seus sentimentos numa relação de amizade pessoal; nada pode preencher seu vazio. Seu Deus é um Deus irado, e ela não desfruta de comunhão com Ele nem experimenta Seu amor. Não pode vê-lO como a um Pai amoroso e não goza da maravilhosa intimidade de ter Deus como amigo.

As reações diante das pressões

O caráter endurece

Certa tarde ensolarada, num lar madonita de família numerosa, chamaram-me a atenção três moças solteiras: Fátima (27 anos), Radía (29 anos) e Amina (34 anos). Elas trabalhavam em casa bordando, tecendo e costurando (não saíam para trabalhar for a), e ocupavam-se com as tarefas domésticas. A mais nova explicou: "Não nos casamos porque sai muito caro; a festa, o dote, a orquestra... tudo é caro". Por não ter conhecimento amplo do idioma, não consegui entender muito, ainda que existam situações em que as atitudes falam mais que as palavras. Não se apagará facilmente de minha memória a imagem que refletiam: rosto marcado pela amargura, humor irritadiço. Assía trouxe à luz esta situação ao comentar: "Se os anos passam e não há

casamento, o coração da moça se fecha e ela se comporta mal com as pessoas".

Se casam sem amar

Muitas moças expressam: "Em Madón, quase todas as mulheres se casam sem amor, mas eu não o farei". Seu sonho é encontrar um homem que as ame e respeite, mas na realidade isso não acontece. Assía disse: "Aqui quase todas se casam sem amor, acreditando que depois do casamento aprenderão a amar". As mais jovens esperam, mas a que passa dos 30 anos pensa: "Não é bom que eu não me case. Tenho de casar-me. *Safi*!"

Aceitam dividir um homem

Já mencionamos o problema que resulta de dividir um homem, mas quando a moça chega aos 30 anos, ela se desespera e começa a pensar como Fátima (27 anos): "É melhor dividir meu esposo do que ficar solteira".

Aplicação

Pensando na situação que enfrentam as jovens madonitas, é bom considerar o que as mulheres cristãs podem fazer. É preciso lembrar que no começo estarão limitadas pelo idioma, que as madonitas são cuidadosas ao emitir suas opiniões e não estão acostumadas a raciocinar, mas sim, aceitar o que sua cultura lhes impõe, porque já estão condicionadas a ela.

No momento, o auxílio não será promover uma mudança em sua cultura, a qual poderia desencadear um verdadeiro caos em suas mentes, e isso não ajudaria. Pensando numa forma prática de ajudá-las, será bom levar em contar alguns dos pontos que destacamos a seguir:

Não poderão ter ajuda dos homens

Isto não iria totalmente contra sua cultura. As solteiras confundiriam as coisas, já que em sua sociedade a poligamia é permitida; além disso, muitas sonham casar-se com um estrangeiro. A simpatia, o cavalheirismo e a espontaneidade dos homens latinos complicariam muito as coisas, já que só pelo olhar delas vemos que os acham atraentes.

Poderão ser orientadas pelas casadas

O natural seria pensar no que uma mulher solteira poderia fazer para ajudá-las. Na realidade, é preciso um trabalho em equipe. A mulher casada faria um excelente trabalho de equipe com a solteira! Há algumas razões para se pensar assim. A madonita solteira precisa de um lugar aonde ir: as madonitas são hospitaleiras e gostam muito de visitar os familiares e amigos, com quem possam sentir-se em casa, ajudando nas tarefas domésticas e cuidando das crianças. Como solteiras, não podem andar sozinhas nem falar com homens, mas precisam como todo ser humano, ter uma vida social. É interessante observar que elas visitam as casas de suas tias e ali ficam um bom tempo com toda liberdade. Como o valor básico é interação, precisam sentir-se parte de um grupo e têm necessidade de relacionar-se com as pessoas. É importante levar em contar que isso só pode ser suprido pela mulher casada que, ao oferecer sua casa com bondade e amor, ganha o coração e a amizade de outra madonita.

A moça solteira precisa de um modelo de bom casamento

Muitas delas, ainda que haja exceções de bons lares, precisam ver na prática os resultados da convivência de duas pessoas diferentes em todos os sentidos mas unidas pelo amor e sob a autoridade do Senhor e do que Ele nos revela na Bíblia. Precisam de modelos, e só os terão se houver uma convivência em lares cristãos onde se viva plenamente em

Cristo. Não se ganhará uma madonita para Cristo se os cônjuges cristãos têm problemas entre si e não se respeitam mutuamente.

A madonita precisa do conselho de uma mulher casada

Todas as jovens madonitas são treinadas para conduzir uma casa, mas não são orientadas em nada no que diz respeito às suas emoções nem no que se refere à futura convivência. Algumas se casam por amor, mas muitas o fazer para se livrar das pressões da família; outras ainda pelo medo de ficar sozinhas. No mundo árabe, a mulher não é valorizada como pessoa e quando se casa vê-se diante de sérios problemas na convivência e no relacionamento sexual. Por essa razão, precisa de uma amiga que, com muito amor, ajude-a a superar suas feridas emocionais e ter auto-estima como pessoa, mostrando-lhe com atitudes e palavras como o Senhor pode curar seu interior. Seria ideal se essa amiga tivesse ganho sua amizade enquanto a madonita ainda era solteira. Esta é uma tarefa para uma cristã casada e feliz!

O que uma missionária solteira pode fazer

Para a obreira solteira em Madón, há alguns fatores contrários e muitos a favor. Ela não tem uma casa onde pode viver sozinha e receber outras solteiras madonitas, porque isso seria contrário à cultura. Também não pode andar muito na rua. Mas, se tem idade avançada, considerarão que poderá ensinar. Pode ainda oferecer seu tempo e energia. Durante minha pesquisa, saí com moças mais jovens do que eu. Como elas quase nunca tinham liberdade de sair, apoiavam-se em mim e aproveitavam para andar comigo todos os dias. Às vezes, eram duas da tarde e, sob um calor de 40 graus, estavam muito entusiasmadas para andar cinco quilômetros a fim de ver uma tia ou simplesmente ir dormir a sesta em outra casa. Para conviver com elas, é preciso negar a própria vida, ter muito amor e, sobretudo, tempo e energia!

Identificação

Certa vez, quando nos apresentaram duas moças, elas ficaram muito alegres ao saber que eu era solteira também. Quando as pessoas têm necessidades, lutas e sentimentos parecidos, apoiam-se umas nas outras e procuram quem está passando a mesma coisa. Em Madón, isso se torna mais difícil, porque não há cristãos, e muito menos influência cristã! Por isso, os problemas são vividos sem esperança de uma solução. A mulher que irá trabalhar com as moças deverá ser solteira e feliz!

É natural, normal e maravilhoso pensar num casamento, mas o supremo gozo, o que enche completamente a vida, é o Senhor! Ele deve ser o centro, e não o marido ou os filhos (estes são acrescentados por Deus). Se o centro do coração da obreira está ocupado por seu desejo de casar, o resultado será tristeza, amargura e frustração. Dessa maneira, ela nunca será eficaz em Madón, num lugar onde a solidão é forte. Toda solteira passa por momentos de luta, tensão e solidão, e buscar a Deus em adoração pode confortar a alma. Se as solteiras madonitas virem isto na solteira cristã terão uma opção diferente diante da solidão – Jesus Cristo!

Conclusão

À luz do que dissemos, vemos o quanto é difícil para uma solteira viver em Madón, devido a tudo que a cultura espera dela e às pressões que a sociedade exerce condicionando sua situação. No entanto, a conclusão é que as mulheres cristãs, casadas ou não, podem ser usadas por Deus de forma eficaz se elas mesmas levarem uma vida virtuosa e estiverem dispostas a dar-se por inteiro às moças madonitas.

GLOSSÁRIO

Adeb = bom comportamento, costumes, bons modos.

Aid el-kebir = "a grande festa" na tradição islâmica. Cada família mata um cordeiro em memória do sacrifício que Abraão teve que fazer com Ismael (segundo eles) até que Deus interveio, protegendo-o e trazendo um cordeiro em seu lugar.

Alá = nome pelo qual os muçulmanos chamam a Deus.

Alcorão = o livro sagrado do islã, supostamente revelado a Maomé por Gabriel (arcanjo – segundo eles).

Alminar = torre da Mesquita, "minarete".

Almuédano = espécie de sacristão que conclama os fiéis para a oração cinco vezes ao dia – (**Muézin)**.

Aleya = versículos, divisões, dentro dos capítulos do Alcorão.

Alheña = erva usada para embelezar o cabelo e fazer desenhos artísticos nas mãos e pés.

Aseclá = significa: "Deus te ama, Deus te faça grande".

Ashnabi = estrangeiro.

Báladi = tipo de pão achatado.

Balak = voz que indica: “Corre! Vá para um lado! Saia da frente!”

Baraka = literalmente: bênção. Também se usa para dizer: “Chega! Basta”

Bereber = povo que habita no norte da África desde os tempos antigos, tendo abraçado o cristianismo no princípio e logo depois obrigado a aderir ao islã.

Bismilá = voz que expressa: “Em nome de Alá!”

Belba = roupa íntima.

Brani = desconhecido, forasteiro, andarilho.

Bsaha = significa: “Saúde!”

Burka = espécie de capa usada antigamente.

Cadí = equivale a um juiz na sociedade ocidental. É o que preside os casamentos para dar um caráter legal.

Caftán = roupa árabe típica, usada nas festas.

Cahua = bar, cafeteria.

Chilaba = túnica comprida e larga, com mangas longas de diferentes modelos e cores, usada por mulheres e homens para sair à rua.

Dirham = moeda do país. Unidade monetária dividida em centavos.

En-hadá = nome fictício de certa cidade muçulmana.

Falafel = uma comida feita à base de grão de bico e ervilha.

Fesda = prostituta.

Fosha = árabe clássico – estilo de árabe em que está escrito o Alcorão.

Galabeya = espécie de túnica comprida.

Gandora = túnica comprida e larga, com ou sem mangas, que se usa em casa, nos dias de calor.

Hachís = alucinógeno que pode ser mascado, inalado ou fumado.

Hamar = insulto popular: mentiroso, burro, falador.

Hammam = lugar de banho público a vapor, onde se vai uma vez por semana.

Hanut = mercadinho, mercearia, lugar pequeno como um mercado onde se vende de tudo.

Hash = peregrino. Nome dado a um muçulmano que caminha até Meca.

Hashuma = vergonha, fazer alguma coisa vergonhosa.

Henna = substância que tinge os cabelos das mulheres.

Hummus = purê de grão de bico.

Inyil = os Evangelhos, também se usa no vocabulário para se referir ao Novo Testamento.

Jatena = circuncisão.

Jashek = pode indicar que uma pessoa não é um escravo. É usada em expressões que trazem vergonha.

Kandebrisha = roupa árabe.

Kehl = substância preta para pintar os olhos.

Laijelef = expressão de agradecimento que indica: “Deus te aumente! Deus te prospere!”

Lars = casamento, bodas.

Leua = senhora.

Lhamdulila = expressão: “Louvado seja Deus!”

Lunguis = lenço grande, de uso diverso, que os homens usam na Índia, tanto na cabeça como nas vestes.

Madón = nome fictício de certo país/cidade muçulmano(a) por razões de segurança.

Madonitas = habitantes de Madón.

Maomé = fundador da religião islâmica, nascido em Meca (Arábia Saudita) em 570 A.D. e morto em 632 A.D. O ano de 622 A.D. (Hégira) é considerado o início do calendário muçulmano.

Mara = mulher.

Marhabe bikum = bem vindos.

Mate = bebida típica do Rio da Prata feita à base de erva-mate.

Meca = cidade santa para os muçulmanos na Arábia Saudita.

Medina = termo usado para se referir às partes mais antigas das cidades árabes; um pequeno centro comercial.

Mesquita = edifício onde os muçulmanos se reúnem para orar e escutar a leitura do Alcorão.

Muezín = espécie de sacristão que faz o chamado à oração cinco vezes ao dia- **almuédano**.

Musafr = viajante.

Meziana = bondosa.

Nasrani = termo que se refere aos cristãos indistintamente, aos ocidentais estrangeiros, aos franceses, aos europeus.

Nishan = certo, correto.

Pan = folha de noz moscada que ao ser mastigada se torna vermelha.

Pardah = atitude de recato (ou submissão) das mulheres muçulmanas expressa em suas roupas e relacionamentos sociais.

Quiner = nome fictício de uma cidade muçulmana.

Ramadán = mês do calendário lunar muçulmano. É o mês do jejum, que se inicia desde o nascer até o pôr-do-sol. Neste período, não se pode comer, beber, ou ter relações sexuais.

Rasa = pano branco de algodão usado na cabeça. Turbante, no caso de uso masculino.

Rickshaw = espécie de bicicleta que transporta de um a três passageiros, como um táxi.

Safi = termo usado para indicar que o assunto está terminado: “Basta!”

Shabi = popular, que se mistura com o povo.

Shiki = moderno ou fino, que evita o contato com as pessoas, e com as coisas do lugar; do francês *chic*.

Shinaza = funeral.

Sbuae = nascimento.

Shukran = “Obrigado”

Sidi = senhor.

Siruel = calça comprida, usada debaixo da **chilaba** como roupa íntima.

Soab = cumprimento cortês.

Suah = turista, no árabe clássico.

Suakh = espécie de lasca de madeira usada para limpar os dentes e fortalecer as gengivas.

Surata = capítulos em que se divide o Alcorão.

Tahara = festa da circuncisão celebrada quando os meninos chegam aos seis anos de idade.

Tas = um recipiente de cerâmica trabalhado que serve para que as visitas lavem as mãos antes e depois de comer.

Telmeta = pano de algodão ou linho usado pelas mulheres bereber, e que as cobre da cabeça aos pés.

Tayin = comida típica composta de verdura e carne.

Tfadl = indica cortesia, para convidar alguém a passar ou servir-se de algo.

Torá = a Lei de Moisés, o Pentateuco.

Zuina = doce, bonita.